

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
MESTRADO EM TEOLOGIA

RODRIGO SCHÜLER DE SOUZA

A OVELHA QUEER

‘O LUGAR SEGURO DE QUEM NÃO ESTÁ PERDIDO’
ANTROPOLOGIA TEOLÓGICA E QUESTÕES ATUAIS DE GÊNERO

Porto Alegre
2025

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

RODRIGO SCHÜLER DE SOUZA

A OVELHA *QUEER*

‘O LUGAR SEGURO DE QUEM NÃO ESTÁ PERDIDO’

ANTROPOLOGIA TEOLÓGICA E QUESTÕES ATUAIS DE GÊNERO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teologia da Escola de Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Teologia, na Área de Concentração em Teologia Sistemática.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Susin

Porto Alegre

2025

Ficha Catalográfica

S729o Souza, Rodrigo Schüler de

A ovelha queer - o lugar seguro de quem não está perdido :
Antropologia teológica e questões atuais de gênero / Rodrigo
Schüler de Souza. – 2025.

112 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em
Teologia, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Susin.

1. Gênero. 2. Queer. 3. Sexualidade. 4. Homossexualidade. 5.
Lugar-teológico. I. Susin, Luiz Carlos. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

RODRIGO SCHÜLER DE SOUZA

A OVELHA *QUEER*

‘O LUGAR SEGURO DE QUEM NÃO ESTÁ PERDIDO’

ANTROPOLOGIA TEOLÓGICA E QUESTÕES ATUAIS DE GÊNERO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teologia da Escola de Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Teologia, na Área de Concentração em Teologia Sistemática.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Susin

Aprovada em ____ de _____ de _____, pela Comissão Examinadora.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Luiz Carlos Susin (Orientador)

Prof.a. Dra. Edla Eggert (PUCRS)

Prof. Dr. Luís Corrêa Lima (PUC-Rio)

AGRADECIMENTOS

Ao concluir esta jornada de pesquisa e reflexão, quero expressar minha gratidão a todas as pessoas que tornaram possível este trabalho, cujo coração pulsa pela busca de um diálogo mais acolhedor entre a teologia e a comunidade LGBTQIAPN+.

Agradeço ao meu orientador Frei Luiz Carlos Susin, cuja sabedoria e paciência me guiaram pelos desafios deste tema desafiador, ao coordenador do PPG da Teologia professor Tiago de Fraga Gomes, por ter me incentivado ao mestrado, e com ele todos os docentes e discentes que me auxiliaram ao longo dos anos de pesquisa, e a CAPES pela bolsa que custeou a pesquisa junto a universidade.

Às pessoas LGBTQIAPN+ que trilharam comigo e compartilharam suas histórias, dores e esperanças: este trabalho é, acima de tudo, um tributo à sua resistência. Suas vozes me advertiram de que a teologia não é privilégio de corpos e identidades hegemônicas, mas um direito de todos e todas que buscam conexão com o sagrado.

Aos amigos que me apoiaram emocional e intelectualmente, oferecendo desde revisões críticas até um café repleto de risos nos dias mais densos e cheios de dúvidas — vocês são a prova de que a teologia transcende paredes institucionais.

E, por fim, àqueles e àquelas que lutam silenciosamente por uma igreja mais justa e amorosa: que este estudo contribua, mesmo que minimamente, para desfazer amarras e semear espaços onde ninguém precise esconder-se para permanecer existindo.

Que a teologia continue a ser ferramenta viva, moldada não pelo medo, mas pela radicalidade do amor que afirma: "nem judeu nem grego, nem escravo nem livre, nem homem nem mulher" (Gálatas 3,28) — e, hoje, acrescentaríamos: nem nenhuma identidade ou orientação fora do abraço da graça divina.

Acho que a teologia precisa andar por lugares mais “frescos”.
(André S. Musskopf).

RESUMO

A pesquisa propõe-se a explorar a teologia queer, questionando se as pessoas queer podem ser consideradas um "lugar teológico", isto é, um espaço legítimo de reflexão e prática teológica. Ao desafiar a teologia tradicional, hegemônica e heteronormativa, o estudo busca construir uma teologia mais inclusiva e contextual, que integre as experiências e vivências das pessoas LGBTQIAPN+. Autores como Marcella Althaus-Reid e André Muszkopf são fundamentais nessa abordagem, defendendo uma "teologia indecente" que confronta as normas patriarcais e heteronormativas, abrindo caminho para uma reflexão teológica que valoriza a diversidade e a dissidência. Além disso, a pesquisa dialoga com a Teologia da Libertação, reconhecendo sua contribuição ao incluir os pobres e oprimidos como sujeitos teológicos, mas apontando suas limitações ao negligenciar questões de gênero e sexualidade. O estudo propõe uma releitura bíblica mais inclusiva, desconstruindo interpretações discriminatórias que historicamente marginalizaram pessoas queer, e sugere caminhos para uma hermenêutica que promova a justiça e a acolhida. Por fim, a pesquisa destaca a relevância de grupos católicos LGBTQIAPN+, como a Rede Nacional de Católicos LGBTQ+, que oferecem espaços seguros e acolhedores para pessoas marginalizadas pela Igreja. Esses grupos não apenas fortalecem a fé e a espiritualidade de seus membros, mas também desafiam a instituição a repensar suas práticas e discursos, promovendo uma Igreja mais inclusiva e comprometida com a diversidade humana.

Palavras-Chave: Gênero. Queer. Sexualidade. Homossexualidade. Lugar-teológico.

ABSTRACT

The research aims to explore queer theology, questioning if queer people can be considered a "theological locus," that is, a legitimate space for theological reflection and practice. By challenging traditional, hegemonic, and heteronormative theology, the study seeks to build a more inclusive and contextual theology that integrates the experiences and lives of LGBTQIAPN+ individuals. Authors such as Marcella Althaus-Reid and André Musskopf are central to this approach, advocating for an "indecent theology" that confronts patriarchal and heteronormative norms, paving the way for theological reflection that values diversity and dissent. Additionally, the research engages with Liberation Theology, acknowledging its contribution to including the poor and oppressed as theological subjects, while pointing out its limitations in neglecting issues of gender and sexuality. The study proposes a more inclusive biblical reinterpretation, deconstructing discriminatory interpretations that have historically marginalized queer people, and suggests pathways for a hermeneutic that promotes justice and inclusion. Finally, the research highlights the significance of Catholic LGBTQIAPN+ groups, such as the National Network of Catholic LGBT+, which provide safe and welcoming spaces for those marginalized by the Church. These groups not only strengthen the faith and spirituality of their members but also challenge the institution to rethink its practices and discourses, promoting a more inclusive Church committed to human diversity.

Key-words: Gender. Queer. Sexuality. Homosexuality. Theological-locus.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 QUESTÕES DE GÊNERO E UM OLHAR ANTROPOLÓGICO (OCUPAR)	13
2.1 A sexualidade na perspectiva da antropologia cristã	14
2.2 Diversidade sexual e de gênero e os LGBTQIAPN+	22
2.3 A cruzada do “sexo correto” e da “ideologia de gênero”	26
2.4 O ‘armário fechado’ da <i>Casa Comum</i> – lutas por libertação	36
3 INTERPRETAÇÕES INCLUSIVAS E UM OLHAR BÍBLICO E TEOLÓGICO (RESISTIR)	41
3.1 O desnudamento da Teologia da Libertação	42
3.2 Indecência dos corpos e a Teologia <i>Queer</i>	48
3.3 (Re)leituras Bíblicas, hermenêuticas transversas	59
4 O POSSÍVEL LUGAR TEOLÓGICO E UM OLHAR PASTORAL (PRODUZIR)	67
4.1 A visibilidade do arco-íris – deixe a <i>bicha/ovelha</i> falar	68
4.2 A Igreja frente à dissidência dos corpos subjugados	73
4.3 Pessoas <i>queer</i> e seus corpos lanceados na cruz	86
4.4 Jesus de Nazaré – imagem <i>queer</i> de um Deus <i>queer</i>	92
5 CONCLUSÃO	100
REFERÊNCIAS	105

1 INTRODUÇÃO

A escrita desta dissertação começou no dia do orgulho gay¹, e nada melhor do que marcar essa data comemorando. Não por mera coincidência, neste dia acontecia a reinauguração de um bar LGBTQIAPN+ em Porto Alegre, com o nome de *Work Room*. O lugar marcou o início dessa jornada *queer*. Era uma das noites mais frias daquele inverno, a fila estava enorme, e todos estavam arrumados, montadas e cheirosas para entrar em um espaço de liberdade, de diversão e de celebração. Duas *Drag Queens* apresentaram-se montadas² de freiras para realizar uma linda e descontraída performance. E foram chamadas pelos proprietários para abençoar aquele lugar, e nesse espírito de bênção iniciamos essa marcha dissertativa, performando-se e permitindo-se.

Figura 1 - Performance das Drags Queens



Fonte: Arquivo de fotos do bar *Drag Work Room* em Porto Alegre.

Disponível em: linktr.ee/workroombar, fotos - 28 de junho de 2024. Acesso em: 09 de julho de 2024.

¹ O Dia do Orgulho LGBTQIAPN+, também conhecido como Dia do Orgulho Gay, é celebrado mundialmente em 28 de junho. A data é uma oportunidade para celebrar a diversidade, promover a igualdade e combater a discriminação. É um dia marcado por desfiles, festas e várias atividades culturais, todas celebrando o orgulho e a visibilidade da comunidade LGBTQIAPN+. Em essência, o Dia do Orgulho é sobre reconhecer e valorizar a dignidade de cada pessoa, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero.

² A expressão “montada” refere-se a produção da personagem *drag queen*, para uma performance temporária, sem necessariamente ter uma ligação com a orientação sexual.

Peregrinaremos entre a decência e a indecência. Assumiremos uma pesquisa teológica com autores “decentes”, e nos aproximaremos de autores dissidentes e assumidamente indecentes, na sua forma de fazer e pensar a teologia.

Com eles, tentaremos não incorporar uma teologia vista de certa forma como totalitária e hegemônica, mas nos associarmos a uma teologia discursiva e contextual, que nos permitirá um fazer teológico com todas as liberdades possíveis.

Com isso, lançamos a questão central, a grande pergunta investigativa deste trabalho: na teologia, conseguiríamos analisar *peessoas queer* (dissidentes sexuais) como possível lugar teológico na perspectiva de uma *teologia queer*?

Com base nesta questão teremos três momentos distintos, mas interligados. Primeiro analisaremos os pontos frágeis da clássica antropologia teológica católica frente às emergentes problematizações suscitadas pelos estudos e experiências em torno da diversidade sexual e de gênero. Em segundo momento veremos qual teologia sustentaria uma acolhida integral às pessoas *queer*, e para isso levantaremos a suspeita em torno das justificativas bíblicas e teológicas que ainda amparam uma possível condenação e preconceitos em relação a essas pessoas. No terceiro e último momento, apresentaremos a inversão na qual o debate sobre a diversidade sexual e de gênero julgue o paradigma teológico convencional, a partir dos corpos, vivências e reflexões das próprias pessoas *queer*.

Essa dissertação necessariamente e intencionalmente poderá ser desconcertante, e não despretensiosamente, ao dizê-la ‘indecente’, parafraseando Marcella Althaus-Reid, uma das autoras pesquisadas neste trabalho, onde trouxemos o tema da sexualidade e questões de gênero num âmbito aberto, seja na especulação ou até mesmo na indecência e dissidência, que ao longo do texto abordaremos sobre esses conceitos.

Ousaremos percorrer também o mesmo caminho metodológico proposto por André Musskopf a partir do lema do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) dos anos 1988 a 1995, “Ocupar, resistir, produzir”. Um lema que não reflete apenas palavras de ordem, mas estratégias de ação e comunicação (Musskopf, 2012).

Em todo o texto suscitará a necessidade de enxergar as pessoas *queer* como indivíduos que se identificam com a comunidade LGBTQIAPN+³, que abrange diversas orientações sexuais, identidades de gênero e expressões de gênero não heteronormativas, não somente cisgêneras. O termo *queer* ultrapassará o que originalmente lhe foi atribuído, como um termo pejorativo, e passa a ser um termo reivindicado pela comunidade LGBTQIAPN+ como um símbolo de resistência e orgulho. Permitindo que cada pessoa *queer* tenha a sua própria experiência e jornada únicas. Elas, que eram tidas como estranhas, que dissonam ou até nos causam repugnância, passam a reivindicar e ocupar um lugar, e aqui possivelmente um lugar teológico.

Esse lugar teológico concedido às pessoas *queer* será o foco da pesquisa, porque diz respeito a uma parte da humanidade deixada de lado, ao abandono, na invisibilidade, ‘como uma ovelha perdida de propósito’. Da mesma forma com a aversão aos pobres e miseráveis que foram considerados um lugar teológico ao longo da recente história da Teologia da Libertação na América Latina. De igual modo pesquisaremos sobre essa possibilidade das pessoas *queer* serem consideradas também um lugar teológico.

O início de cada capítulo será ilustrado com um *retablo*⁴ como inspiração à leitura. A teologia sempre lidou com o simbólico, em uma tentativa de abordar o mistério, principalmente na relação de Deus com o humano. Esse retábulo esboça a narrativa que vamos trilhar, iluminando a reflexão e auxiliando na desconstrução de um fazer teológico pré-estabelecido para um fazer teológico indecente, que ousa transitar por outros espaços não fixados, não estipulados, mas que são reais e lidam com o humano na sua inteireza, com seu corpo exposto e cheio de desejos. Por isso, aqui queremos também ocupar espaços não transitados, como faz André Musskopf - um dos principais autores pesquisados - espaços produtivos que por direito pertencem aos que o ocupam.

³ Aqui cabe frisar que ao longo do texto perceberemos outras formas de composição da sigla, e isso se dará de forma proposital, mesmo seguindo uma lógica narrativa. Quando citamos ou comentamos obras da Igreja Católica ou teólogos católicos a sigla toma o formato de LGBT ou LGBT+, quando citamos obras mais antigas veremos inclusive o formato GLBT. O mais importante é quando no texto assumimos maior integração e atualização, e a sigla é transcrita de forma a integrar todas as possibilidades de identidade de gênero, orientações sexuais e expressões de gênero, desta forma transcreveremos com maior frequência a sigla LGBTQIAPN+.

⁴ Retábulo, para uma tradução na língua portuguesa. É uma forma específica de retábulo, diversamente dos retábulos clássicos, de arte tradicional e religiosa própria da América Latina, especialmente no Peru e México. São painéis ou quadros cuja originalidade é contar histórias e representar cenas religiosas de pedidos, preces e intercessões, principalmente ligadas ao cotidiano das pessoas com sua religiosidade popular.

E Ana Ester nos ajuda a entender essa outra teologia - *teologia queer* - que ousaremos incorporá-la aqui neste trabalho, dizendo assim: “Eu só posso fazer teologia a partir de mim. E eu sou corpo” (Ester, 2023, p. 101). Por isso, a produção teológica é o resultado de desejos que atravessam nossos corpos, em todos os buraquinhos que existem. O pensamento *queer* parte da materialidade do corpo para produzir outras materialidades. Neste sentido, a *teologia queer* é mistura, de tudo que é excluído do debate teológico e por isso é ruptura do fazer teológico tradicional do cristianismo hegemônico, constata.

Nossa pretensão neste trabalho ao abanar e bater dos leques coloridos é compreender e explicitar os espaços teológicos dissidentes, que acolhem e revelam pessoas que dissonam das normas teológicas pré-estabelecidas, e que são produzidos por grupos e estudiosos LGBTQIAPN+ resistentes a uma teologia “decentemente ajustada” e outros que se permitem enxergar as cores do arco-íris.

2 QUESTÕES DE GÊNERO E UM OLHAR ANTROPOLÓGICO (OCUPAR)

Figura 2 - Retábulo



(Dedicamos este retábulo a São Sebastião. Por todos aqueles que pecam por amor. Juan e Martin – 14/04/ 2012)

Fonte: *Retablos: The biggest collection of modern retablos.*

Disponível em: <http://retablos.ru/en/tag/gays/page/6/>. Acesso em: 09 de julho de 2024.

Essa produção teológica é o resultado dos meus desejos, que atravessa meu corpo, em todos os buracinhos que existem. Da materialidade do meu corpo quero ousar produzir outras materialidades. E nesta produção quero aproximar aqueles que são excluídos do debate teológico, ou que foram excluídos e continuam sendo propositalmente excluídos. Claro, que nesta produção me unirei a caminhos já percorridos, mas cada caminho é único e grudado a um corpo, e neste caso ao meu. Quero somar-me a eles, mas com minhas intenções e com o construto que pesquisei, fazendo o meu caminho e ao meu discernimento.

A antropologia teológica católica é o pano de fundo desta pesquisa e nela faremos a trajetória, e neste primeiro momento se faz necessário contrastá-la aos seus pontos frágeis, frente às emergentes problematizações suscitadas pelos estudos e experiências em torno da diversidade sexual e de gênero. O faremos com os argumentos da nota da Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT+, argumentos que permearão as principais discussões, e, com isso, percorreremos pelas atuais problematizações em torno

das questões de gênero, e veremos que todos nós estamos em uma mesma casa comum suscetível a transformação e desnudamento do pensamento teológico.

Historicamente, a população LGBTQIAPN+ tem sido marginalizada e excluída de diversos espaços, tanto físicos quanto simbólicos (e teológicos). Ocupar, nesse sentido, significa reivindicar o direito de existir e de ser visível em todos os lugares, desde as ruas e praças até os espaços de poder e decisão, inclusive o de estar aqui, ocupando essa pesquisa.

2.1 A sexualidade na perspectiva da antropologia cristã

Poderíamos aqui fazer uma longa jornada sobre a sexualidade na perspectiva cristã e antropológica, de um jeito que talvez muitos já conheçam, e não é essa nossa intenção, e por isso, de início, queremos contrastar duas declarações sobre a mesma questão, do Dicastério para a Doutrina da Fé no Vaticano e da Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT+ no Brasil. E a partir daí perceber como a sexualidade se estabelece hoje na perspectiva da antropologia cristã.

O Dicastério para a Doutrina da Fé é um dos departamentos da Cúria Romana, responsável por promover e proteger a doutrina da fé católica. Um dos organismos mais importantes da Igreja Católica que desempenha um papel fundamental na defesa da ortodoxia doutrinária. A Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT+⁵ é formada por grupos de católicos LGBT+ em vários lugares no Brasil, são coletivos que se organizam pela necessidade de conciliar a pertença à fé católica com as suas identidades como pessoas LGBT+, favorecendo espaços seguros de acolhimento respeitoso, partilha de vida e aprofundamento da fé cristã em comunidade.

A Congregação para a doutrina da Fé, depois de um longo caminho desde março de 2019 até março de 2024 com a aprovação do Santo Padre, publica a Declaração *Dignitas infinita*, sobre a dignidade humana. Que se resume assim:

⁵ Para um maior conhecimento da Rede Nacional de Católicos LGBT+, sugerimos acessar o seu site na internet, onde encontramos sua origem, história e objetivos com maior precisão. Disponível em: <https://redecaticoslgbt.com.br/>.

Nas primeiras três partes, a Declaração recorda princípios fundamentais e pressupostos teóricos, a fim de oferecer importantes esclarecimentos que podem evitar as frequentes confusões que se verificam no uso do termo “dignidade”. Na quarta parte, apresenta algumas situações problemáticas atuais, em que a imensa e inalienável dignidade que corresponde a todo ser humano não é adequadamente reconhecida. A denúncia de tais graves violações da dignidade humana é um gesto necessário porque a Igreja nutre a profunda convicção que não se pode separar a fé da defesa da dignidade humana, a evangelização da promoção de uma vida digna, a espiritualidade do empenho pela dignidade de todos os seres humanos. (*Dignitas infinita*, apresentação).

Na declaração se assume que foi necessário um notável processo de amadurecimento para se chegar à redação final. E ela ressalta a dignidade de todos os seres humanos como “infinita”, mostrando que a dignidade humana ultrapassa toda e qualquer aparência ou característica exterior do ser humano.

Na quarta parte, onde explicita algumas graves violações da dignidade humana, que entre o drama da pobreza, das guerras, do tráfico de pessoas, e outros, coloca também a *Teoria de gênero* (gender) e mudança de sexo como graves violações da dignidade humana. Destacando seus pontos críticos, que seria introduzir novos direitos, não plenamente consistentes em relação àqueles originalmente definidos, que dá espaço a colonização ideológica, e por isso a teoria de gênero é perigosíssima porque cancela as diferenças na pretensão de tornar todos iguais (*Dignitas infinita*, 56).

Alegando assim que o ser humano se faz Deus e entra em concorrência com o Deus amor, revelado no Evangelho. Nega a diferença sexual, na dualidade homem-mulher. Prolifera pretensos novos direitos, tornando-se assim, uma ideologia. Propõe uma sociedade sem diferenças de sexo e esvazia a base antropológica da família, apoiando-se como pensamento único e acabando por determinar a educação das crianças. Ou seja, a declaração afirma que não podemos separar o que é masculino e feminino da obra criada por Deus, que é anterior a todas as nossas decisões e experiências e onde existem elementos biológicos que não podem ser ignorados. Cada pessoa humana, somente quando pode reconhecer e aceitar esta diferença, na reciprocidade, torna-se capaz de descobrir plenamente a si mesma, a própria dignidade e a própria identidade, diz a declaração (*Dignitas infinita*, 59). E quanto a mudança de sexo, o Dicastério é enfático:

qualquer intervenção de mudança de sexo normalmente se arrisca a ameaçar a dignidade única que a pessoa recebeu desde o momento da concepção (*Dignitas infinita*, 60).

Essa declaração chegou aos olhos e corações atentos da Rede Nacional de Grupos católicos LGBT+ no Brasil, e imediatamente reagiram e apresentaram uma ousada nota sobre essa declaração do Dicastério. E contrasta-las aqui, sem medi-las em ordem de importância e catolicidade magisterial, explicita o caminho que queremos seguir neste trabalho. Citaremos a nota na íntegra porque julgamos ter elementos que percorrerão até o final de nossa dissertação.

A Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT+ recebe com atenção a declaração "Dignitas infinita" emitida pelo Dicastério para a Doutrina da Fé, a qual visa esclarecer princípios fundamentais sobre a dignidade humana e denunciar violações graves desta. Reconhecemos a importância de tal documento em trazer à luz a necessidade de respeito e proteção da dignidade de todas as pessoas, independentemente de sua orientação sexual.

Celebramos o dom da vida de todas as pessoas transexuais, travestis e não-binárias, reconhecendo que são uma maravilhosa criação de Deus e merecem ser respeitadas em sua dignidade. A afirmação de que todas as pessoas devem ser acolhidas com respeito e protegidas de qualquer forma de discriminação é um passo significativo na promoção de uma cultura de inclusão e amor incondicional.

No entanto, lamentamos que o documento ainda não reconheça plenamente a dignidade absoluta das pessoas transexuais e não-binárias, apesar dos avanços pastorais e teológicos construídos pela base. É essencial que, nós, como Igreja, continuemos avançando no entendimento e na promoção da dignidade de todas as pessoas, sem exceção.

Em sua abordagem ao gênero, o documento se baseia na teologia desatualizada do essencialismo de gênero, que afirma que a aparência física de uma pessoa é a evidência central da identidade de gênero natural de uma pessoa. Essa perspectiva fisicalista nos limita, enquanto Igreja, frente à crescente consciência de que o gênero de uma pessoa inclui os aspectos psicológicos, sociais e espirituais naturalmente presentes em suas vidas.

Ao categorizar levemente a inclusão LGBTQIAPN+ como um fenômeno ocidental imposto de forma colonialista a outras culturas, o texto ignora o fato antropológico, documentado por muitos estudiosos mesmo antes dos dias atuais, de que culturas ao redor do mundo e ao longo da história reconheceram e

celebraram identidades de gênero além das reivindicações da igreja de binarismo de gênero masculino/feminino.

Felizmente, são muitos os cristãos leigos e leigas, padres, bispos, diáconos, religiosos e religiosas que já acolhem e celebram as pessoas LGBTQIAPN+ como dons de Deus, demonstrando que o amor divino é infinito e sem barreiras. Vale ressaltar a importante resposta do mesmo Dicastério, em novembro passado, acerca da participação aos sacramentos do Batismo e do Matrimônio por parte de pessoas transexuais e de pessoas homoafetivas. Este reconhecimento e a missão do acolhimento são fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e compassiva.

Consideramos que a declaração "Dignitas infinita" representa um passo importante no debate sobre a dignidade humana, mas ressaltamos a necessidade contínua de avançar em temas sensíveis que afetam milhões de pessoas em todo o mundo. Instamos a todo Povo de Deus a continuar buscando uma compreensão mais profunda e inclusiva da dignidade de todas as pessoas, à luz do amor e da misericórdia de Deus.⁶

Luís Correa Lima, padre jesuíta e teólogo defensor das pessoas LGBTQ+ no Brasil, diz que a tradição judaico-cristã é um conjunto de ideias, valores, práticas e instituições, que teriam moldado povos e civilizações no Oriente e no Ocidente (Lima, 2021, p.17). Uma tradição que atravessa gerações e milênios, que se defronta e se adapta a novos contextos e que nunca deveria abrir mão dessa vitalidade e dinamismo, para não cair num fixismo histórico, aderindo a um tradicionalismo, que não significa Tradição, neste sentido seria um equívoco:

... que a conduz à ruína, pois lhe destrói a vitalidade e o dinamismo. Como um rio que recebe afluentes de sua bacia hidrográfica e se torna mais caudaloso, a tradição judaico-cristã atravessa os séculos interagindo com novas culturas e contextos, onde a Igreja deve interpretar os sinais dos tempos à luz da Palavra de Deus. Só assim a sua mensagem pode ser sempre Evangelho, Boa Nova, que da sentido à vida, cura as feridas e aquece os corações; e não um anacronismo estéril. (Lima, 2021, p. 17-18).

⁶ Disponível em: <https://redecaticoslgbt.com.br/nota-da-rede-nacional-de-grupos-catolicos-lgbt-sobre-a-declaracao-dignitas-infinita-do-dicasterio-para-a-doutrina-da-fe/>. Acesso em: 23 de julho de 2024.

Mas, segundo Uta Ranke-Heinemann, teóloga feminista e dissidente⁷, a Igreja carrega uma visão negativa de tudo que diz respeito à sexualidade, e isso se dá por ter carregado consigo uma visão negativa do prazer sexual que prevaleceu no estoicismo⁸, característica dos dois primeiros séculos do cristianismo, e também do movimento gnóstico⁹, originado um pouco antes do nascimento de Jesus, que acreditava ter reconhecido a inutilidade e a inferioridade de tudo o que existe (Ranke-Heinemann, 2019, p.16). É importante considerarmos isso, porque essa influência arraigada no cristianismo perdura até nossos dias, como um legado. E esta presente no pensamento de Santo Agostinho e posteriormente em São Tomás de Aquino, bases para uma teologia moral e sexual do cristianismo.

Em sua *História da sexualidade*, Michel Foucault já dizia que nos primeiros dois séculos do cristianismo a atividade sexual foi julgada com intensa severidade (Foucault, 1984). Essa visão foi conformada pelo estoicismo, e o celibato e virgindade ganham força como sinal de perfeição e o casamento uma concessão a quem não se contém, uma permissão para a satisfação da luxúria e do prazer carnal. “A preferência pelo celibato e a abstinência em detrimento do casamento já tinham sido esboçadas pelo estoicismo e atingiu a plenitude no ideal cristão da virgindade” (Ranke-Heinemann, 2019, p.17).

É importante essa informação porque percebemos aí o rechaço a tudo que se opõe a esse ideal construído com influência estoica e gnóstica. Ranke-Heinemann ainda nos faz lembrar o que declarava Musônio, professor de filosofia estoica de muitos legisladores romanos:

... qualquer ato sexual que não servisse a procriação era imoral. Segundo ele, só o sexo conjugal, e só quando visava a procriação, estava de acordo com a boa ordem. Qualquer um que tentasse praticá-lo pelo simples prazer, mesmo dentro dos limites do casamento era passível de repreensão. Os estoicos do século I

⁷ Podemos entender por dissidente uma pessoa que discorda abertamente das ideias, crenças ou práticas dominantes em uma sociedade, grupo ou instituição. Um dissidente questiona autoridades, desafia normas sociais, políticas e religiosas, para defender visões ou pensamentos alternativos.

⁸ Estoicismo é uma escola de filosofia helenística que floresceu na Grécia Antiga e na Roma Antiga. Uma filosofia que busca a sabedoria, a tranquilidade e a liberdade interior. Onde a prática da virtude era suficiente para alcançar a *eudaimonia*: uma vida bem vivida. Enfatiza a razão, a autodisciplina e a indiferença às coisas fora do controle pessoal.

⁹ Um conjunto de crenças filosóficas e religiosas que se baseia na ideia de que cada pessoa possui uma essência imortal que a transcende. A palavra “gnose” vem de “conhecimento”. O gnosticismo tem como base o dualismo entre matéria e espírito.

foram assim os pais das encíclicas sobre o controle de natalidade do século XX. Musônio rejeita de forma explícita a contracepção; pelo mesmo motivo, se rebela contra a homossexualidade: ato sexual tem de ser um ato de procriação. (Ranke-Heinemann, 2019, p.18).

Percebemos que não foi a Igreja Católica quem alicerçou esse pensamento, mas incorporou e se conformou a essa ideologia. Principalmente com Tomás de Aquino, onde corrobora que o sexo tem que ter uma finalidade procriadora, e não à luz do amor. Um estigma negativo do prazer que deixa suas marcas duradouras no cristianismo até nossos dias (Ranke-Heinemann, 2019, p.19). E construíram-se assim pensamentos teológicos como os vícios antinaturais descritos até mesmo como mais graves que o incesto, o estupro e o adultério: a masturbação, a bestialidade, a homossexualidade, o coito anal e oral, e o coito interrompido (Suma Theologica II/II q. 154 al. 11). Esses, por sua vez impedem a contracepção. Neste sentido:

A castidade, enquanto aspecto positivo da sexualidade, é considerada pelos manuais de moral casuística a partir de uma concepção biologista e genital da sexualidade. O vício contrário a ela, a luxúria, teve o mesmo nivelamento reducionista. O pecado sexual é definido a partir dessa mesma perspectiva, situado na “atuação dos órgãos genitais” ou no uso indevido do “líquido seminal”. (Lima, 2021, p. 38).

Como uma propensão natural dos seres humanos a fazerem o mal, consequência do pecado original. Vimos claramente uma influência do dualismo helênico e do neoplatonismo na doutrina sexual dos padres da Igreja e na história da moral cristã. Uma metafísica depreciativa da matéria, e por sua vez de tudo que remete ao sexual (Lima, 2021, p.19). Os códigos morais agora se fixam em respeitar a “ordem natural”, com a finalidade procriadora. Um paradigma que se desenvolve na época da moral casuística e pós-tridentina, que carrega uma forte tendência para o rigorismo, e assim se estabelece uma nova teleologia da sexualidade (Lima, 2021, p. 51-52).

Mais adiante, quando apresentaremos a cruzada do “sexo correto”, abordaremos com mais ênfase a questão da “lei natural” que determina muito as fronteiras de uma teologia *queer*. Porquanto, queremos mostrar até aqui um caminho da reflexão

teológica da Igreja Católica que é trilhado por uma Tradição (com maiúscula) que transmite os bens da salvação e que faz da comunidade cristã a atualização permanente de sua comunhão originária. Por isso, aberta a todas as gerações sucessivas e aos momentos históricos vividos. E que tem a ver com o Povo de Deus, peregrino do tempo, com os seus corpos e vivências.

Neste sentido, o próprio Papa Ratzinger nos diz que a Tradição é o rio vivo que nos liga às origens, o rio vivo no qual as origens estão sempre presentes (Bento XVI, 2006). E sobre isso, muitos anos antes, ele já nos alertava:

Nem tudo o que existe na Igreja deve, por essa razão, ser também uma tradição legítima; em outras palavras, nem toda tradição que surge na Igreja é uma celebração verdadeira e mantém presente o mistério de Cristo. Existe uma tradição distorcida, assim como uma legítima, [...] [e] [...] consequentemente, a tradição não deve ser considerada apenas de modo confirmativo, mas também de modo crítico. (Ratzinger, 1969, p.185).

É conveniente que a teologia seja crítica e construtiva em relação à Tradição (Lima, 2021). Desse modo é que se abre espaço para outra teologia, dissidente e completamente indecente, como veremos adiante, na segunda parte de nossa pesquisa.

Padre José Transferetti, ainda no século passado, em 1999, escreveu seu livro intitulado “Deus, por onde andas?”, fazendo um panorama da ocupação dos corpos subjugados, principalmente homossexuais, prostitutas e travestis, relacionados à sua atividade pastoral, voltada às periferias e submundo da existência humana. Ele tentava levar Deus a essas pessoas, e descobre que Deus já estava nelas e com elas. Encontrar esse Deus nestas pessoas é um jeito de viver a fé, principalmente neste mundo e sociedade excludente, que discrimina e tenta rebaixar o ser humano, que foge dos padrões estipulados como normais e ‘morais’, aponta Transferetti no decorrer de seu livro.

Nascemos para viver em harmonia com o Criador, para sermos respeitados com a nossa identidade social. Ninguém é mais ou maior do que ninguém. O outro é sempre o meu próximo, a quem Jesus mandou amar como se fosse eu mesmo. O preconceito que exclui é uma chaga moral que precisamos condenar hoje e sempre. A luta contra a exclusão moral deve ser de todo cristão, pois Jesus jamais excluiu alguém. Amou e perdoou a todos. Sempre os tratava com carinho, sentava

em suas mesas, comia suas comidas. Era amigo e irmão daquelas pessoas que a sociedade considerava pecadoras e de má fama. Quando todos os moralistas e fariseus olhavam com desdém para os pobres e oprimidos da sociedade de então, Jesus invertia os passos e ia buscar toda ovelha que estava desgarrada e a inseria novamente na sociedade. (Transferetti, 1999, p.10).

Transferetti descreve Jesus como um malabarista da fé, e, por isso, cada um de nós que queira segui-lo também se torna um malabarista. Ao identificarmos as pessoas *queer* como lugar teológico no decorrer deste trabalho, faremos de certa forma um malabarismo teológico. Queremos aqui também inverter os passos e voltar nossos olhos para trás, identificando nossos irmãos e irmãs rechaçados e relegados ao não espaço da antropologia teológica.

Pois a antropologia teológica é área da teologia cristã que se preocupa com a relação entre o ser humano e Deus, tentando entender esse ser humano, sua vocação, realização e sentido de sua vida a partir da relação com Deus. E se a antropologia teológica se baseia no estudo da revelação cristã, com Jesus Cristo como ponto culminante dessa relação, então, falar de Jesus Cristo é falar de todo ser humano, onde quer que ele esteja. Pois esse ser humano é destinatário e objeto da revelação de Deus e depósito de sentido.

Mas e a sexualidade? No início nos propomos a transitar pela sexualidade na perspectiva cristã e antropológica. Revelo aqui, que isso o faremos, de certa forma durante todo o percurso, mas reivindicando como Salzman e Lawer¹⁰, uma nova moralidade, a partir de uma antropologia renovada, que foca nas pessoas e não em atos, em relacionamentos e não na biologia, muito mais no real e vivencial do que na percepção de um ideal, em princípios e virtudes e menos em normas absolutas (IHU on-line, 2013). Isso nos faz tomar uma posição, que está mais ao lado da Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT+, com a argumentação de sua nota diante da declaração do Dicastério para a Doutrina da Fé. A nossa posição vai considerando os argumentos da Rede.

Precisamos ainda mostrar a ocupação dos espaços, a ocupação necessária de pessoas concretas, reais, dissidentes, que neste trabalho as identificamos como pessoas *queer*. Essa identificação é uma ocupação, uma reivindicação pelo existir e permanecer

¹⁰ Aqui trazemos a perspectiva do livro: A pessoa sexual, por uma antropologia católica renovada, de Todd A. Salzman e Michael G. Lawler.

existindo. A sociedade no geral, mesmo em meio aos limites históricos e culturais, já vem permitindo a visibilidade da população LGBTQIAPN+, com identidades relacionadas a gênero e orientação sexual. Mas, temos ainda um longo caminho a percorrer.

2.2 Diversidade sexual e de gênero e os LGBTQIAPN+

Afinal, quem são os LGBTQIAPN+? Por que são categorizados assim? E o que isso importa no decorrer dessa pesquisa? Quem sabe, antes dessas perguntas, uma constatação: vivemos ainda em uma sociedade excludente, onde a maioria das pessoas que são excluídas é tratada como pessoas invisíveis. Suas histórias são relegadas a uma categoria de não-história. E a partir dessa realidade essas pessoas invisibilizadas levam uma “vida sem voz”. No caso dos LGBTQ+, todos eles ficam “dentro do armário” sem poder assumir quem eles são, e muito menos se mostrar ou dizer sobre suas existências (Dumas, 2023, p.21).

Saber quem eles são necessariamente nos obriga a caminhar ao lado deles, pois eles estão em todos os lugares, basta querer ver. É uma decisão epistemológica. Ver os invisíveis parece contraditório, mas se faz metáfora para que nos demos conta de que estamos falando de nós mesmos. Essa proximidade requer uma abertura da sociedade, mas também das religiões, pois suas bases estão na convivência, no acolhimento, na vida em comunidade. Ao mesmo tempo em que essas pessoas invisíveis começam a se mostrar, pelas brechas que vão surgindo, elas começam a se tornar legítimas nos meios em que vivem.

Quanto maior o número de pessoas que revelam a sua sexualidade (ou que se “assumem”, como dizemos em inglês), maior é o número de famílias católicas que são tocadas por essa temática. E, à medida que as famílias católicas são afetadas, mais paróquias e escolas são afetadas também, pois essas famílias acabam por trazer para a Igreja as suas esperanças e desejos em nome dos seus entes queridos LGBTQ. À medida que isso acontece, mais bispos, padres e líderes leigos da Igreja são afetados também. Assim, “sair do armário” teve um impacto significativo na Igreja, pois ela é cada vez mais convidada a ouvir essas experiências. (Martin, 2022, p.18).

Percebemos que Martin aponta para um dar-se conta no meio da Igreja Católica, e podemos estender a outras religiões, certos de que cada uma no seu tempo, mas todas, diante de um caminho inevitável. E isso mais ainda para a sociedade como um todo, em todos os cantos do mundo. Claro, que aqui nesta pesquisa, focamos nas religiões e principalmente o cristianismo, que se coloca em um avanço mundial no que diz respeito ao relacionamento da Igreja com as pessoas LGBTQIAPN+, mesmo, como sabemos, diante espaços das Igrejas onde permanece a resistência a qualquer diálogo possível.

Martin propõe um caminho de respeito, compaixão e delicadeza em relação às pessoas LGBTQIAPN+. Em seu livro *Construindo uma Ponte*, aqui pesquisado, ele desenvolve esse caminho colocando a Igreja numa escuta atenta, e também os LGBTQIAPN+ a compreenderem os caminhos da Igreja, e ambos não abrirem mão do diálogo, construindo uma ponte onde o encontro seja facilitado. Mas ele também alega que quem deve iniciar a construção desta ponte é a Igreja, que tanto causou o próprio distanciamento, a marginalização e a invisibilidade às pessoas LGBTQIAPN+.

Quando falamos de acolhimento às pessoas LGBTQIAPN+, precisamos saber quem elas são, o que as diferem das demais. Senão corremos o risco de ainda não enxergarmos quem elas são de fato. Normalmente nos referimos a essas pessoas como homossexuais, em contraponto com a heterossexualidade, pessoas que se sentem atraídas sexualmente pelo mesmo sexo ou pelo sexo oposto. Será que só isso definiria as diferenças?

Em outras palavras, a homossexualidade é só a ponta do iceberg da estrutura diversa e complexa da sexualidade humana, em suas dimensões física, biológica, genital, psicológica, relacional entre outras. A própria sigla LGBTQIAP+ e suas variantes são uma demonstração disso. (Nascimento de Jesus, 2024, p.134).

Ao longo desse trabalho veremos muitas vezes a sigla LGBTQIAPN+ assumir vários formatos, com mais ou menos letras. E isso é normal e faz parte do processo das pessoas que vão se definindo ou até mesmo não se definindo nem se categorizando. Pois a sigla não é o mais importante, porém se torna um caminho de inclusão e visibilidade, que permite enxergarmos, como dizíamos acima. A sigla é um meio e não o fim de uma

longa jornada. Ela se transforma e se performa a medida que evolui no âmbito das vivências e das reflexões.

A partir dos anos 1950 é que se assumiu uma visão mais abrangente sobre a diversidade sexual e de gênero. E as narrativas que fazem coincidir sexo e gênero vão se tornando simplistas demais. Essas narrativas passam a não abarcar mais todas as dimensões imprescindíveis da sexualidade humana, que vão além do físico e do biológico (Lima, 2021, p.85-90).

Ao mencionarmos a expressão “diversidade sexual e de gênero”, portanto, estamos nos referindo a um universo complexo e fascinante, cujas concepções variam muito, dependendo de onde se fala, a partir de quais pressupostos se fala, de quem fala e também a partir de qual contexto se fala. (Nascimento de Jesus, 2024, p.134).

Assim como veremos adiante, existem variadas visões sobre esse assunto e que entram no guarda-chuva das “teorias de gênero”, ou até mesmo da tão citada “ideologia de gênero”. Não há consensos, e surgem muitas divergências, mas é nesse cenário que também surgem contribuições no âmbito das reflexões de gênero.

O que não podemos negar é que ao longo da história até nossos dias, muitos LGBTQIAPN+ viviam e ainda vivem a margem da sociedade, mesmo diante os sinais de libertação sexual, muitos ainda vivem no anonimato. Inúmeros gays e lésbicas se escondem nos padrões heteronormativos de convivência social, numa forma de se protegerem e garantirem a sobrevivência. Mas essa postura gera angústia e sofrimento, e dão margem a hipocrisia e mentiras.

Hoje, porém, não obstante as várias forças contrárias – nomeadamente a homofobia e transfobia – que desafiam os sujeitos LGBTI+, tais pessoas são cada vez mais visíveis, realizam grandes paradas, são protagonistas em filmes e telenovelas, lutam por reconhecimento, exigem respeito e reivindicam direitos e deveres como quaisquer outros cidadãos. Em outras palavras, eles e elas estão em toda parte, inclusive na Igreja (Lima, 2013 *apud* Nascimento de Jesus, 2024, p.134).

Eles e elas estão em todos os lugares e inclusive em nossas Igrejas. E quando falamos de visibilidade, não é porque não existiam, mas porque não se permitia que eles se mostrassem como são. E uma das características da atualidade é que há uma visibilidade das pessoas LGBTQIAPN+. São gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais e outros dissidentes sexuais¹¹, identidades relacionadas a gênero e orientação sexual.

Como veremos adiante, gênero era definido como a diferença entre homens e mulheres, sinônimo de sexo, sexo masculino e sexo feminino. Mas as ciências sociais e a psicologia trouxeram outro ponto de vista, de que gênero também é construção social, levando em conta padrões históricos-culturais atribuídos a homens e mulheres. Essas pesquisas evidenciam o papel da cultura e das estruturas sociais tornando possível, hoje, a olhar mais apurado para as pessoas LGBT+ (Lima, 2021, p.58).

Internacionalmente se estabeleceu uma conceituação sobre orientação sexual e identidade de gênero, como princípios da Yogyakarta¹², aceitos por diversos países inclusive o Brasil:

I – Orientação sexual “como uma referência a capacidade de cada pessoa de ter uma profunda atração emocional, afetiva ou sexual por indivíduos de gênero diferente, do mesmo gênero ou de mais de um gênero, assim como ter relações íntimas e sexuais com essas pessoas” e

II – Identidade de gênero como “a profundamente sentida, experiência interna e individual do gênero de cada pessoa, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento, incluindo o senso pessoal do corpo (que pode envolver, por livre-escolha, modificação da aparência ou função corporal por meios médicos, cirúrgicos ou outros) e outras expressões de gênero, inclusive vestimenta, modo de falar e maneirismos” (Resolução, 2014).

A sexualidade humana pode ser vivida de muitas maneiras, onde se manifestam os afetos, impulsos e gostos sexuais, e a expressão de amor por duas pessoas que se amam ou se sentem atraídas uma pela outra, ou não se sentem atraídas

¹¹ Pessoas dissidentes sexuais são aquelas cuja orientação sexual ou identidade de gênero não se enquadram na norma social, que é a cisgeneridade e a heterossexualidade.

¹² Os Princípios de Yogyakarta são um conjunto de princípios sobre direitos humanos relacionados à orientação sexual e identidade de gênero. Eles foram criados em 2006 por um grupo de especialistas em direitos humanos e ativistas LGBTQIA+ em Yogyakarta, Indonésia.

sexualmente, marcam as diferenças em níveis biológico, psicológico e social. Nesta diversidade estão todas as pessoas, não somente os LGBTQIAPN+. Uma cultura que considera natural apenas a relação homem/mulher se torna limitada e certamente favorece o preconceito, discriminação e violência.

Neste aspecto ainda existe um embate, principalmente com as Igrejas Cristãs. De firmarem-se na prerrogativa de um “sexo correto”, e tudo que se desvia dessa prerrogativa entra em um escopo chamado “ideologia de gênero”. Termo assumido com maior propriedade pela Igreja Católica nos últimos anos.

2.3 A cruzada do “sexo correto” e da “ideologia de gênero”

Para a Igreja Católica ainda impera no censo comum o imperativo de que é pecado ser gay, sendo esse o ensinamento da Igreja que está no catecismo. Mas em nenhuma parte do catecismo encontramos explicitamente que ser homossexual é um pecado. Hoje qualquer psicólogo ou psiquiatra pode confirmar que essas pessoas não escolheram nascer com uma determinada orientação sexual (Martin, 2022, p.161).

A maioria das pessoas acaba criticando a Igreja por dois grandes motivos: quanto a restrições ao ato homossexual e quanto à proibição do casamento entre pessoas do mesmo sexo. Pois conforme o catecismo seriam atos “intrinsecamente desordenados” e contrários a “lei natural” (CIC 2357-59). E por consequência a orientação homossexual é considerada “objetivamente desordenada”, segundo o catecismo.

Qual a origem deste ensinamento e o que é que ele significa? Embora este ensino tenha algumas raízes bíblicas (Gn 19,1-29; Rm 1,24-27; 1Cor6,10; 1Tm 1,10) talvez podemos entendê-lo melhor a partir da confiança que a Igreja tradicionalmente colocou na lei natural, que foi fortemente influenciada pelos escritos de São Tomás de Aquino (que, por sua vez, se baseou em Aristóteles). (Martin, 2022, p.161).

É exatamente aí que mora a ambiguidade de nossa compreensão do catecismo sem buscar a base dos pressupostos discriminatórios. Pois a lei natural seria uma vontade divina e um plano divino para todo o mundo e por consequência para toda a humanidade, que não são apenas revelados no mundo natural, mas que seriam autoevidentes para

nossa mente humana. Tomás de Aquino queria que víssemos um mundo que fizesse sentido, e que entendêssemos o plano de Deus observando a natureza e também usando a razão (Martin, 2022, p.161).

Para Tomás de Aquino tudo estava “ordenado”, Martin afirma que seu *telos* aristotélico deveria ser obvio para nossos olhos e para nossa razão, assim como uma criança está “ordenada” a tornar-se um adulto. E que cada ato é julgado de acordo com o fato de estar devidamente orientado para o seu fim próprio (Martin, 2022, p.161).

Esses eram os pressupostos de seu tempo e que alicerçaram as estruturas que formulam os escritos até o catecismo que conhecemos, e que ainda não se desprende a partir de novos pressupostos, e isso com a ajuda da antropologia e das ciências biológicas.

Ranke-Heinemann, em seu livro *Eunucos pelo reino de Deus*, faz um caminho histórico provando que foi o cristianismo que incorporou da Antiguidade o ascetismo e autocontrole, a hostilidade ao prazer e ao corpo, e não o contrário como muitos pensam. Ela demonstra que esta hostilidade vem surgindo desde Pitágoras (século VI a.C), e Platão, Aristóteles e Hipócrates (século IV a.C). Todos viam os prazeres sexuais difíceis de controlar, como ato perigoso e até prejudicial à saúde (Ranke-Heinemann, 2019, p.15-16).

Esta visão cada vez mais implacável e redutora do sexo foi conformada pelo estoicismo, a maior escola da filosofia antiga, que perdurou de 300 a.C a 250 d.C. Até hoje a palavra “estoico” denota comportamento austero, impassível. Embora os filósofos gregos de um modo geral concordassem com a importância considerável da busca do prazer para o ideal humano de vida, os estoicos, sobretudo durante os dois primeiros séculos depois de Cristo, mudaram tudo isso. Rejeitaram a procura do prazer. (Ranke-Heinemann, 2019, p.17).

Concentraram então a atividade sexual no casamento. Mas o prazer carnal no casamento também se tornou suspeito, e o celibato torna-se o ideal. Essa preferência pelo celibato já é esboçada pelo estoicismo e atinge sua plenitude no ideal cristão de virgindade. E o sexo no casamento deveria ser pela renúncia absoluta à paixão e ao prazer físico. Musônio que era professor de filosofia estóica declarava que qualquer ato sexual que não servisse à procriação era imoral. Só o sexo conjugal com fins de

procriação estava de acordo com a boa ordem. E quem tentasse praticá-lo somente por prazer, mesmo no casamento, era passível de repreensão (Ranke-Heinemann, 2019, p.18).

De igual forma Musônio rejeita e se rebela contra a homossexualidade, pois o ato sexual deve ser um ato de procriação. Foram os estoicos do primeiro século que inspiraram as encíclicas sobre o controle de natalidade do século XX, diz Ranke-Heinemann. E muito interessante vemos também Fílon de Alexandria, filósofo grego-judeu e contemporâneo de Jesus, onde critica ferozmente a contracepção. Dizia que se durante o coito o homem destruísse o seu sêmen, esse seria inimigo da natureza. De igual forma:

...em virtude da esterilidade do ato sexual, também condena vivamente os homossexuais: “Como o mau agricultor, o homossexual deixa desaproveitada a terra fértil e moureja dia e noite com o tipo de solo do qual nenhum fruto se pode esperar”. Fílon, que pensava como um grego sobre muitas coisas, foi absolutamente judeu em sua aversão à homossexualidade: “Devemos agir impiedosamente com esses homens, segundo a prescrição da lei, que diz que o homem afeminado, que falsifica o selo da natureza, deve ser morto sem hesitação, e não se deve permitir que viva um dia nem mesmo uma hora, já que envergonha a si próprio, sua casa, sua terra natal e toda raça humana [...] porque está em busca de um prazer antinatural e trabalha, por sua vez, em prol da desolação e do despovoamento das cidades [...] ao destruir sua semente (*Sobre as leis individuais* 3, 37-42). (Ranke-Heinemann, 2019, p.26-27).

Neste sentido vimos a rigidez no argumento de que a sexualidade e todo ato sexual está ordenado para fins afetivos (amor) e gerativos (ter filhos), apenas no contexto do casamento. Esta é a forma “correta” a partir do que se observava pela “lei natural”. É nessa interpretação tradicional da lei natural que os atos homossexuais são desordenados, e não podem em caso algum receber aprovação, como deixa claro o Catecismo Católico. A própria orientação homossexual é vista como um transtorno objetivo, que pode levar a atos desordenados (Martin, 2022, p.162).

Mesmo que esse “transtorno objetivo” não se refira a pessoa, mas a sua orientação. Ficando claro que essa compreensão está na perspectiva da filosofia e da teologia. Desta maneira, fica muito evidente também o terreno pelo qual trilhamos ainda

nos nossos dias, onde muito pouco se mudou desses argumentos contextuais interpretativos que constituem ainda as normativas atuais frente à sexualidade na Igreja Católica.

É deste modo que o ensino oficial da Igreja firma-se no ensino da castidade. As pessoas homossexuais e dissidentes sexuais (*queer*) precisam manter-se castas para serem acolhidas na plena comunhão eclesial.

O Catecismo da Igreja Católica afirma igualmente que gays e lésbicas podem e devem aproximar-se da “perfeição cristã” através da castidade, apoiando-se nas “virtudes do autodomínio, educadoras da liberdade interior, e, por vezes, pelo apoio de uma amizade desinteressada, pela oração e graça sacramental”. (Martin, 2022, p.162).

Só assim gays e lésbicas podem ter uma vida santa. Impossibilitando que suas relações sejam livres para amar e que seus atos sexuais voltados para outros fins estão fora da ordem natural estabelecida teologicamente, e que por sua vez não são acolhidos por Deus.

A Igreja exclui assim qualquer tipo de atividade sexual fora do casamento de um homem e uma mulher. De igual forma as proibições quanto ao sexo antes do casamento, adultério e masturbação. Martin, com isso, ressalta que há mais orientações no Catecismo. A Igreja também ensina que devemos evitar qualquer sinal de discriminação injusta contra gays e lésbicas (no Catecismo pessoas homossexuais), e eles devem ser tratados com as virtudes de “respeito, compaixão e sensibilidade”, e que esta seria a parte menos notada pela maioria dos católicos (Martin, 2022, p.162).

E na *Amoris Laetitia*¹³ o Papa Francisco repete a proibição contra “discriminação injusta” e sublinha com veemência que devemos reconhecer o bem em ação em cada pessoa, mesmo nas situações em que a Igreja estipula como plenitude da vida evangélica. Jesus espera de nós que entremos na realidade da vida das pessoas, “acompanhando-as como podemos, ajudando a formar as suas consciências, o árbitro

¹³ *Amoris Laetitia*, que significa “A Alegria do Amor”, é uma Exortação Apostólica pós-sinodal do Papa Francisco, publicada em 2016. Este documento pontifício aborda temas como família, casamento e desafios pastorais relacionados, com base nos debates e reflexões dos Sínodos dos Bispos sobre a Família de 2014 e 2015.

derradeiro da tomada de decisões morais; encorajando-as a levar uma vida fiel e santa” (Martin, 2022, p.163).

E esse acompanhamento se dá pelo diálogo. Segundo Martin, é importante que a Igreja compreenda as experiências vividas por católicos LGBT, mas também é necessário que os católicos LGBT entendam aquilo que a Igreja acredita e ensina. Essa premissa inspirou Martin a escrever seu livro *Construindo uma ponte*, e ajudando na aproximação da Igreja Católica com a comunidade LGBT. Seria essa aproximação possível? Mesmo diante do dilema da chamada “ideologia de gênero”?

A Congregação para a Educação Católica publica um documento em 2019 como resposta aos questionamentos de bispos europeus, inseguros de como abordar este tema de gênero ou teoria de gênero, diante dos debates a nível político e eclesial. O documento chamado, *Homem e mulher os criou. Para uma via de diálogo sobre a questão de gênero na educação*, é, segundo a Congregação, uma forma de achar argumentos da razão que vem da fé. Isso porque a confusão é grande, e nas escolas existe um risco de impor como científico um pensamento único.

Todo o documento releva que as teorias de gêneros, principalmente as mais radicais, representam “um processo progressivo de desnaturalização ou afastamento da natureza para uma opção total pela decisão do sujeito emocional”, frisa Cernuzio em seu artigo sobre o tema (Cernuzio, 2019). Conduzindo assim a identidade sexual e família às dimensões da liquidez e fluidez pós-moderna. Em uma má compreensão de liberdade, sobressaindo à pulsão emocional e à vontade individual.

Segundo a Santa Sé, que se valeu em seu estudo da opinião de especialistas, “os pressupostos de tais teorias remontam a um dualismo antropológico: à separação entre corpo reduzido à matéria inerte e vontade que se torna absoluta, manipulando o corpo a seu gosto”. Na base há um “relativismo” pelo qual “tudo é equivalente e indiferenciado, sem ordem e sem finalidade”. Todas essas teorias, das moderadas às mais radicais, sustentam que “o *gender* (gênero) acaba sendo mais importante que o sex (sexo)”. (Cernuzio, 2019).

Isso determinaria uma revolução cultural e ideológica num horizonte relativista e também uma revolução jurídica porque acarreta direitos individuais e sociais. E esta contraposição entre natureza e cultura, as propostas de gênero se fundem no “queer”,

pontua Cernuzio. Esse termo é pela primeira vez usado pelo Vaticano, e isso já é um marco para a reflexão que fazemos nesta pesquisa. O Vaticano o interpreta como uma dimensão fluída, flexível, “a ponto a completa emancipação do indivíduo de qualquer definição sexual dada *a priori*, com o consequente desaparecimento de classificações consideradas rígidas” (Cernuzio, 2019).

Uma visão, segundo a Igreja, que promove a liberdade de escolha de gênero e uma pluralidade de uniões, e neste cenário o casamento entre homem e mulher seria uma relíquia da sociedade patriarcal. Cada pessoa poderia escolher sua condição e que a sociedade deveria garantir-lhe esse direito, caso contrário haveria discriminação social contra minorias. “A reivindicação de tais direitos entrou no debate político atual, obtendo aceitação em alguns documentos internacionais e fazendo parte de algumas legislações nacionais, observa a Congregação para a Educação Católica” (Cernuzio, 2019).

James Martin, em artigo publicado logo após a declaração do Diastério, elogia a pretensão do zelo pastoral cuja acolhida e respeito devem se sobrepor a qualquer forma de injustiça, mas ressalta que a Congregação, sem nenhuma surpresa, reafirma em seu documento a visão tradicional católica da sexualidade:

Homens e mulheres são criados (como heterossexuais) com papéis sexuais e de gênero fixos. Essa visão tradicional, no entanto, é contradita por aquilo que a maioria dos biólogos e psicólogos entende agora sobre sexualidade e gênero. Esses avanços contemporâneos na compreensão da sexualidade humana e de gênero foram postos de lado pela Congregação em favor de uma compreensão binária da sexualidade. (Martin, 2019).

Fica clara a posição que a Igreja ocupa no espaço das reflexões de gênero. Mesmo que o Dicastério também destaque no documento uma missão educativa de ensinar um percurso sobre as diferentes expressões do amor, e também do cuidado recíproco, sobre a ternura respeitosa, a Igreja não deixa de temer e desconfiar de uma pretensa “ideologia de gênero”.

Quem teme o gênero sabe que ele também oferece uma promessa de liberdade, uma liberdade em relação ao medo e à discriminação, à violência e ao homicídio

homofóbicos, ao feminicídio, ao encarceramento, à restrição da vida pública e à ausência de atendimento de saúde adequado. (Butler, 2024, p.253).

No mundo, e não só no Brasil, há uma guerra cultural centrada nas questões identitárias e de gênero. Essa guerra se estende pelos últimos anos devido ao forte avanço do fundamentalismo religioso, que poderia ser um longo tema aqui desenvolvido, mas partimos do pressuposto dado. Esse fundamentalismo, por exemplo, fez com que em 2017 houvesse o cancelamento da exposição *QueerMuseu*¹⁴ em Porto Alegre, uma grande polêmica sobre a performance envolvendo nudez no Museu de Arte de São Paulo¹⁵ e um questionamento em torno da amostra sobre sexualidade no MASP¹⁶.

Na mesma ocasião Judith Butler visitava o Brasil, grande referência nos estudos de gênero e uma das mais importantes filósofas norte-americanas contemporâneas, e era alvo de ataques por grupos conservadores. Acusada de promover a “ideologia de gênero”, em uma de suas palestras grupos de conservadores agenciam uma petição online a fim de bani-la do Brasil, alegando que esse era o desejo da esmagadora maioria da população nacional. Em resposta a essa manifestação que chamava o evento de “simpósio comunista”, várias pessoas em apoio a Butler fizeram um “cordão democrático” para protegê-la (Oliveira, 2017).

¹⁴ A exposição "*Queermuseu - Cartografias da Diferença na Arte Brasileira*" foi uma mostra artística realizada no Santander Cultural em Porto Alegre, que abordava questões de gênero e diversidade sexual. Com curadoria de Gaudêncio Fidelis, a exposição reuniu 270 obras de 85 artistas. A exposição gerou grande polêmica e foi encerrada prematuramente após protestos de grupos religiosos e conservadores, que alegaram que algumas obras promoviam blasfêmia, zoofilia e pedofilia. O fechamento da exposição foi criticado por defensores da liberdade de expressão e do fazer artístico.

¹⁵ Em 2017, uma performance no Museu de Arte Moderna (MAM) de São Paulo gerou grande polêmica. O artista Wagner Schwartz apresentou-se nu durante a performance intitulada "*La Bête*", inspirada na obra "*Bichos*" de Lygia Clark. Durante a apresentação, uma criança interagiu com o artista, o que provocou uma onda de críticas e debates nas redes sociais. Grupos conservadores acusaram a performance de ser inapropriada e até de incentivar a pedofilia, enquanto defensores argumentaram que se tratava de uma expressão artística legítima e que a nudez não tinha conotação erótica. O MAM esclareceu que a sala estava sinalizada sobre a nudez e que a criança estava acompanhada por um adulto.

¹⁶ A exposição "*Histórias da Sexualidade*" no MASP foi uma mostra abrangente que explorou a sexualidade através de diversas obras de arte. Realizada entre outubro de 2017 e fevereiro de 2018, a exposição reuniu mais de 300 obras de diferentes períodos e regiões, incluindo arte pré-colombiana, moderna, popular, contemporânea, sacra e conceitual. A mostra foi organizada em nove núcleos temáticos, abordando temas como corpos nus, performatividades de gênero, jogos sexuais, mercados sexuais, linguagens e voyeurismos, entre outros. O objetivo era promover um debate sério e inclusivo sobre a sexualidade, cruzando temporalidades e geografias. A exposição gerou discussões significativas sobre os limites entre direitos individuais e liberdade de expressão, destacando a importância de um diálogo aberto e crítico sobre a sexualidade na arte e na sociedade.

Aqui somos obrigados a nos questionar sobre os efeitos do posicionamento da Igreja Católica, o que ele evoca e a quem ele provoca a ter reações de intolerância quando as questões de gênero no âmbito da diversidade de pensamento e diferença de posicionamentos. Ao mesmo tempo em que a Igreja se posiciona, o seu posicionamento pouco dialoga, ao contrário, firma-se nos ditames do passado teológico e coloca-se numa situação de defesa condenatória, que se torna munição aos cristãos ultraconservadores. Assim, o ataque ao gênero emerge do medo a respeito de mudanças na família, no papel da mulher, nas questões em torno do aborto e das tecnologias para reprodução, e inclusive dos direitos LGBTQIAPN+ e as leis de garantia do casamento homoafetivo (Oliveira, 2017).

Butler, nos últimos tempos fala sobre o temor que a questão de gênero ainda provoca, principalmente em um de seus últimos livros *Quem tem medo do gênero?*. E assim, a grande questão que se levanta, é o medo, principalmente na discussão de gênero, direitos LGBTQIAPN+ e feminismo. E tudo que desperta para a reflexão de forma mais crítica aos padrões do cristianismo, se apresenta como imposição de uma “ideologia de gênero”. Em pergunta feita por Oliveira a respeito desta questão, Butler responde:

Para aqueles que acreditam que “homens” e “mulheres” são naturalmente dotados de traços que os levam necessariamente a participar de um casamento heterossexual e da formação de uma família, é desconcertante e, talvez, assustador perceber que algumas pessoas designadas ao nascer para as categorias “masculina” e “feminina” não desejem permanecer naquela categoria, ou que algumas mulheres não queiram ter filhos ou que algumas famílias sejam formadas por gays. (Oliveira, 2017).

Esses são elementos desafiadores e reais. E segundo Daniel P. Horan, frei franciscano dos EUA, já está na hora de rejeitar esses argumentos ilusórios que promovem o bicho-papão da “ideologia de gênero” ou “teorias de gênero”. Segundo ele, temos que caminhar com espírito de verdadeiro diálogo (Horan, 2020). E quem sabe a tão sonhada conversão espiritual e pastoral do magistério do Papa Francisco.

Foi assim também que ao longo de dois milênios, quando o ensino da Igreja Católica se defrontou com os desenvolvimentos sobre a pessoa humana e das ciências

naturais, teve aqueles que se uniram para deplorar os avanços humanísticos, chamando-os de heréticos, ameaçadores, infundados e contrários a lei natural (Horan, 2020).

Segundo Horan, a história já testemunhou a resistência da Igreja Católica frente à plena humanidade dos povos indígenas e a imoralidade da escravidão, com um lento curso de correção. E hoje vemos algo semelhante em tempo real, pois afeta pessoas concretas, principalmente no caso aqui pesquisado, pessoas LGBTQIAPN+ e *queer*, na sua cidadania cristã e na sociedade em geral.

A verdadeira ideologia passa a ser a “promoção acrítica da pseudociência do século XIII e de teorias filosóficas antigas” (Horan, 2020). Isso não é mais suficiente para a contemporaneidade que já evoluiu e conta com um maior nível filosófico e antropológico diante às experiências humanas.

A expressão “ideologia de gênero” tornou-se um grito de guerra para essa discriminação e para a defesa de indesculpáveis fundamentos antropológicos ultrapassados. Em certos contextos católicos, o recurso à “ideologia de gênero” é posto em oposição àquilo que é apresentado como uma antropologia aristotélica-tomista estática e universal, que é entendida como imutável e divinamente revelada. (Horan, 2020).

Essa expressão é usada principalmente no meio católico e causa danos às pessoas que já são vulneráveis em uma sociedade marcada pela injustiça. A Congregação para a Educação Católica, que já vimos acima, emite um documento advertindo as instituições educacionais católicas para não cederem a “uma liberdade do sentimento e do querer mal compreendida mais do que a vontade do ser” (n.9). Desacreditando assim, todo e qualquer movimento de luta pelos direitos LGBTQIAPN+.

Esse tem sido o caso ao longo dos três últimos pontificados, começando com os pronunciamentos catequéticos do Papa João Paulo II sobre a “complementariedade de gênero”, naquilo que os seus devotos chamam de “teoria do corpo”, e continuou com a identificação daquilo que o Papa Bento XVI chamou de “ditadura do relativismo”, e nas declarações *ad hoc* do próprio Papa Francisco, sinalizando seu descontentamento pessoal com aquilo que ele chama de “ideologia de gênero”, comparando esse conceito amorfo com a “guerra nuclear” e com o “nazismo”. (Horan, 2020).

Eis os limites que se apresentam e as ambiguidades que esse termo carrega. E muito provavelmente aqueles que evocam esse termo “ideologia de gênero” nem saibam o que estão falando, pela visível falta de aprofundamentos teóricos dos chamados especialistas católicos, que por sua vez se negam a escutar quem realmente se aprofunda nos estudos de gênero, como a exemplo Judith Butler (Horan, 2020).

E a própria Judith Butler diz que o argumento de que a “teoria de gênero” nega a ciência, não leva em consideração o próprio trabalho científico sobre o próprio gênero. E nos faz lembrar, a partir dos avanços da ciência, que a nossa biologia está sempre interagindo com forças sociais e ambientais, e que é impossível pensar em fatos biológicos fora dessa interação (Butler, 2024, p.183).

Esse termo, então, representa um programa de ódio e ignorância. E carrega um tanto de hipocrisia, pois nas vivências internas da Igreja esse tópico gênero e sexualidade se fazem atuação nos bastidores da instituição, sempre de forma velada - os corpos se manifestam e se desvelam. Como nos casos de homossexualidade no clero católico, evidenciados, por exemplo, na obra *No armário do Vaticano: poder, hipocrisia e homossexualidade*¹⁷ do jornalista Frédéric Martel.

O questionamento que se levanta é se a Igreja, com seus pronunciamentos, realmente está fazendo isso a partir de uma posição de preocupação pastoral e de amor cristão. É como uma ironia, diz Horan “ligada a natureza falaciosa da própria afirmação de que as lideranças da Igreja estão apenas expressando “cuidado pastoral” ou “compaixão” ao emitiram declarações e promulgando políticas que desumanizam comunidades inteiras de pessoas”, e mais ainda, é como “um pai, cônjuge ou parceiro física e emocionalmente abusivo, que afirma que a sua violência se baseia em um contexto de “amor difícil”. No fim, ainda é simplesmente abuso” (Horan, 2020).

Promover a “ideologia de gênero” é ceder às agendas políticas de extrema-direita fundamentalista, que pressiona externa e internamente a Igreja, e que de certa forma são alimentadas pela Igreja. Devemos aprender mais com as ciências naturais e sociais sobre a espetacular e maravilhosa diversidade da criação de Deus.

¹⁷ O livro é uma investigação profunda sobre a presença e a influência da homossexualidade dentro da Igreja Católica. Revela a vida dupla de muitos clérigos, destacando a hipocrisia e a cultura de sigilo que permeia o Vaticano.

...incluindo múltiplas as experiências e identidades no seio da família humana, todos os membros da Igreja – mas especialmente aqueles a quem se confiou a liderança – devem abordar esses novos entendimentos com humildade. (...) estar aberto a experiências e narrativas que talvez sejam diferentes das próprias, em um espírito de verdadeiro diálogo. (Horan, 2020).

Esta posição da Igreja, que leva em consideração apenas o diálogo com os filósofos, teólogos e os documentos e declarações papais antigas da própria Igreja, acaba não considerando a vida concreta e real das pessoas. Segundo Martin, a Igreja deveria ouvir mais as pessoas LGBT e suas famílias, e deveriam ser incluídas no diálogo fraterno. Desta forma, a Congregação poderia ter outra compreensão, que a sexualidade não é escolhida por uma pessoa, ao contrário, faz parte do modo como elas são criadas (Martin, 2019).

E como vimos anteriormente, esse documento da Igreja se baseia fortemente na “lei natural”. E poderíamos nos questionar aqui, o que é natural? O que faz parte da natureza das coisas? Hoje, entendemos cada vez mais sobre o mundo natural.

Onde vemos homens e mulheres atraídos pelo mesmo sexo, homens e mulheres que sentem uma variedade de sentimentos sexuais ao longo de suas vidas, e homens e mulheres que se encontram mais em um espectro do que em qualquer lugar fixo quando se trata de sexualidade e, ocasionalmente, até mesmo de gênero. (Martin, 2019).

Essas variedades sempre existiram nas sociedades de cada época e de cada tempo histórico, mais ou muito reprimidas. Todas essas pessoas, impedidas de dizerem sobre si, de viverem como realmente e “naturalmente” o são, na obrigatoriedade de terem e expressarem o “sexo correto”, elas viveram e vivem como em um “armário” fechado da casa comum. E buscam hoje, por libertação.

2.4 O ‘armário fechado’ da *Casa Comum* – lutas por libertação

No ponto anterior trazíamos o posicionamento de Judith Butler e aqui reafirmamos seu argumento de que o foco no “gênero” pela extrema-direita conservadora vira as costas impunemente para forças políticas e sociais que destroem a nossa Casa Comum. E para toda a população LGBTQIAPN+, como para todos os excluídos e marginalizados, são relegados a permanecerem como que em um “armário fechado” da indiferença e exclusão. Para não se falar em extermínio, assim como aconteceu e acontece com as comunidades indígenas, quilombolas e periféricas.

A destruição climática, a guerra, a exploração capitalista e a desigualdade social e econômica, a intensificação da precariedade e do abandono econômico, as favelas globais, a falta de abrigo, os campos de detenção, as formas sistêmicas de racismo, a desregulamentação, o neoliberalismo, o autoritarismo e as novas formas de fascismo. (Butler, 2024, p.261).

O “gênero” não pode ser apenas uma forma de desviar a atenção destas forças destrutivas, diz Butler. O gênero está sendo apresentado como algo assustador, porque expõe como mutável o que antes era considerado imutável. E faz enxergar os sentimentos e as vivências reais das pessoas diante sua orientação sexual ou identidade de gênero. Algo que antes era impensável, de os olhos se voltarem para essas pessoas, e permitir que elas vissem como realmente elas são e desejam ser.

Torná-las impensáveis significa que não podem ser imaginadas, por isso, quando aparecem, aparecem como fantasmas com o poder de destruir um eu heteronormativo ancorado em uma atribuição sexual inicial que se baseou na negação dessas vidas. (Butler, 2024, p.262).

Quando essas pessoas dissidentes se tornam pensáveis, públicas e imagináveis, elas também se tornam uma ameaça, que “aparecem” para destruir a ordem sexual, como já abordamos anteriormente. E com isso, corre-se o risco do surgimento de movimentos que atacam essa ameaça, para restaurar ordens patriarcais e tentar aniquilar, esconder o que estava velado, e vociferar que nenhuma mudança e debate são permitidos.

A vivência humana na nossa Casa Comum foi construída com pactos sociais que por muitas vezes excluíram ou aniquilaram as diferenças reais. Por isso, que todas as lutas de emancipação sexual hoje devem estar interligadas, tentando superar todos os poderes que privam as condições básicas de vida.

Não pode haver uma luta bem-sucedida contra as forças que negam direitos básicos às mulheres sem reconhecer todas as pessoas que são mulheres, sem reconhecer que essas mesmas forças estão fechando fronteiras em nome de ideais racistas e nacionalistas e atacando lésbicas, gays, pessoas não conformantes de gênero e jovens trans, especialmente a juventude de grupos étnicos-raciais minorizados. (Butler, 2024, p.269).

Ela propõe. Uma luta que atravesse as diferenças e mantenha o foco no que realmente nos assola, a opressão. E todas as teorias sobre o “outro” devem estar balizadas por meio da escuta e da leitura atenta e responsável, abertos para que nossas suposições tradicionais sejam desafiadas. Vê-se aí a necessidade de construir alianças que permitam que nossos algozes não reproduzam os ciclos destrutivos aos quais nos ferem e nos impedem de existirmos (Butler, 2024, p.271).

E aqui podemos verificar que toda minoria, de certa forma, é minorizada. Ela não se faz minoria por opção. Todas as pessoas LGBTQIAPN+ foram colocadas nos guetos da convivência social. A libertação assume uma forma de existir ocupando novos espaços de convivência social e existencial, e isso acarreta em desconforto a quem não estava acostumado com tal convivência. E a relação é inevitável. A ocupação é inevitável e necessária.

Todas as pessoas *queer* passam por um processo de ocupação libertadora, e, por isso, o lugar teológico a elas conferido e pesquisado neste trabalho, se faz necessário, um lugar ocupado com resistência, e que não somente pretende estar, mas coloca-se num estado de produção de sentido, o produzir sentido numa caminhada constante de ocupação. Assim, identificamos esse processo à alusão ao método do MST, ocupar, resistir e produzir. E o lugar teológico é fundamental, pois será fonte para o próprio fazer teológico. Perceberemos isso, com maior lucidez, na última parte de nossa pesquisa.

Podemos lembrar aqui da “Revolta de Stonewall”¹⁸ nos Estados Unidos, que aconteceu em 28 de Junho de 1969, que marca uma mudança de postura da militância homossexual da época, e abre caminhos a uma melhor e mais apurada libertação das diversas formas de vivência e identificação sexual e de gênero. Esse movimento alavancou uma crescente mobilização e conscientização da “comunidade homossexual” – identificação da época, diante uma sociedade excludente e discriminadora (Musskopf, 2012, p.184).

Segundo Musskopf, *Stonewall* só foi possível dentro de um contexto mais amplo de mudanças sociais, econômicas e políticas, que iniciam nos Estados Unidos, mas emergem também em outros lugares do mundo, em um contexto onde se começava a questionar as autoridades e valores tradicionais.

Especialmente no âmbito de papéis de gênero e formas de expressão sexual. Ao lado dessas mudanças no estilo de vida, a atuação de diversos movimentos sociais e políticos como o movimento anti-guerra, o movimento negro, o movimento feminista, grupos hippies, formaram, nas décadas de 60 e 70, uma contracultura... (Musskopf, 2012, p.185).

Esse é um pano de fundo para um movimento que faz emergir todos os dissidentes sexuais, influenciando a linguagem, as estratégias de atuação e ocupação, na busca por direitos e visibilidade, num processo de libertação. Fazendo surgir os conceitos que hoje conhecemos na caminhada LGBTQIAPN+, como Orgulho, Escolha, Assumir-se, Libertação. Inclusive, um pouco mais tarde, vai se solidificando as diferenças, que antes era resumida no termo “homossexual”, e que começam a ser ditas, como *gay*, *lésbica*, *bissexual*, *transsexual*, etc.

No campo da academia também começam a surgir as primeiras reflexões e estudos gays e lésbicos, isso em paralelo às ciências médicas que tiram a homossexualidade do rol das doenças. A pesquisa começa a destacar-se e ajudar a comunidade LGBTQ+ a fundamentar sua luta e libertação.

¹⁸ A polícia de Nova York realizou uma batida no Stonewall Inn, um bar gay em Greenwich Village. Os frequentadores cansados das perseguições constantes resistiram, e começaram uma série de protestos espontâneos. Duraram vários dias e eles são considerados o início do movimento moderno pelos direitos LGBTQIAPN+. A Revolta de Stonewall é lembrada anualmente com desfiles e eventos de orgulho LGBTQIAPN+ em todo o mundo, especialmente em junho.

A homossexualidade passou cada vez mais a ser objeto de pesquisa das ciências sociais. Estudos etnográficos e pesquisas históricas permitiram vislumbrar e descrever o que significa “ser gay” do ponto de vista de estilos de vida, com práticas, costumes e instituições distintas – uma experiência – ao mesmo tempo em que davam a oportunidade para gays e lésbicas falarem por si mesmas. (Musskopf, 2012, p.188).

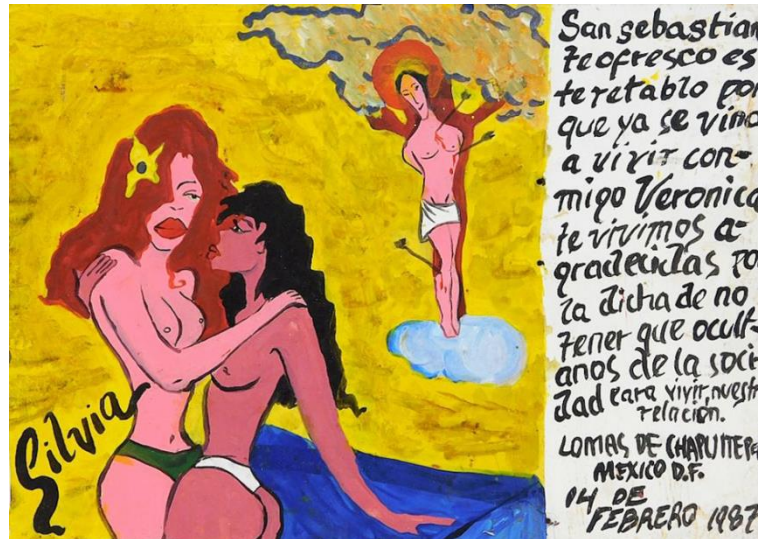
Podemos nos perguntar: e a teologia? Qual espaço no exercício teológico essas questões entraram e continuam entrando? A emergência de uma Teologia Gay, segundo Musskopf, foi inevitável. Pois a teologia esta necessariamente imbricada na realidade, e uma reflexão teológica começa a dar seus sinais no mesmo contexto de mudanças a partir de *Stonewall*, mas não é qualquer teologia que daria conta dessa demanda. Somente uma teologia de cunho liberacionista poderia enxergar e acolher a população LGBTQIAPN+.

Neste sentido é que precisamos ocupar um terreno dominado por epistemologias heterocêntricas, se assim quisermos pensar uma produção teológica na perspectiva *queer* (Musskopf, 2012, p.411), e que veremos adiante. E essa produção teológica não está isolada no contexto de que o “armário fechado” da casa comum continua clamando por libertação integral. “Não é de hoje que as teologias feministas, gays, lésbicas, queer, em suas formulações eco-teológicas, têm apontado para a relação entre a destruição da natureza e a exclusão e violência contra mulheres e homossexuais” (Musskopf, 2012, p.456). A homofobia, exclusão e violência aos LGBTQIAPN+ são reflexos da forma como também nossa sociedade desvaloriza, destrói e aliena a própria terra, nossa casa comum.

Aqui, podemos voltar ao retábulo de Juan e Martin, que em abril de 2012 dedicavam sua relação à São Sebastião, santo padroeiro dos homossexuais. Ofereciam o retábulo a todos àqueles que pecam por amor. Colocavam-se no “não espaço” das relações amorosas permitidas. Ousavam dizer que o amor era maior que o “pecado”. Traziam as marcas de uma teologia não inclusiva e reclamavam no fogo que os consumia por um olhar bíblico que lhes incluísse. Há interpretações que os salvam?

3 INTERPRETAÇÕES INCLUSIVAS E UM OLHAR BÍBLICO E TEOLÓGICO (RESISTIR)

Figura 3 - Retábulo



(São Sebastião, eu te ofereço este retábulo porque Verônica já veio morar comigo, somos gratas pela alegria de não ter que nos esconder da sociedade para viver nosso relacionamento. Silvia – Lomas de Chapultepec, Cidade do México, 14/02/1987).

Fonte: *Retablos: The biggest collection of modern retablos.*

Disponível em: <http://retablos.ru/en/tag/lesbians/>. Acesso em: 09 de julho de 2024.

Chegando aqui faço para mim mesmo duas perguntas imbricadas: existe a possibilidade de me reconhecer um teólogo *queer*? Apenas por estar pesquisando sobre esse tema ou também por me reconhecer nele? A cada momento dessa pesquisa vou me revelando e me sentindo *queer*. Os próprios autores pesquisados e os argumentos encontrados vão me configurando neste que sente e escreve sobre si mesmo. Quem sabe ainda um pouco incapaz de contar sua própria história, de transcrevê-la livremente pelas linhas da liberdade epistêmica. É que às vezes ao falar desse outro *queer*, é de mim mesmo que estou falando, ou parte de mim. Só assim, necessariamente, faço uma teologia *queer*.

Veremos que teologia *queer* é um campo de estudo relativamente novo e em desenvolvimento, e que busca reinterpretar a Bíblia e a teologia cristã a partir de perspectivas LGBTQIAPN+, das próprias pessoas *queer*. Ela questiona interpretações tradicionais da Bíblia que condenam a homossexualidade e busca reinterpretar passagens

bíblicas à luz da diversidade sexual e de gênero. Essa teologia *queer* que veremos enfatiza a importância da inclusão de pessoas LGBTQIAPN+ nas comunidades religiosas e na vida das igrejas. Além de desafiar normas e padrões heteronormativos, que desconstrói binarismos de gênero e outras formas de opressão, ela valoriza a experiência de pessoas LGBTQIAPN+ como fonte de conhecimento teológico e espiritual.

A teologia *queer* é um campo de estudo controverso? Sim, é na contraversão e na transgressão que ela – mesmo “parecendo” estranho – promove o diálogo sobre gênero e sexualidade nas comunidades religiosas e oferece um espaço de acolhimento e inclusão para pessoas LGBTQIAPN+. Essas pessoas que outrora eram uma “ausência estranha” passam a ser uma “presença estranha”, na ousadia e na coragem de ser.

3.1 O desnudamento da Teologia da Libertação

É quase impossível continuar essa pesquisa sem assumir um caminho teológico da libertação. A Teologia da Libertação na América Latina marca um caminho epistemológico que permite colocar o povo oprimido como sujeito de sua libertação. E como diz Althaus-Reid, para a Teologia da Libertação “os pobres são o *locus* existencial do discurso teológico e seu habitat” (Althaus-Reid, 2019, p.159). Esse caminho, mesmo sendo base e pressuposto, precisa passar por um desnudamento, para que os corpos sejam notados, percebidos e realmente assumidos como lugar teológico.

A Teologia da Libertação Latino-Americana articulada nas décadas de 1960 e 1970 rompeu com muitas dessas cartografias e ousou percorrer outros caminhos. Ao se proclamar como uma “teologia do caminho” ou uma “teologia peregrina” ela se propôs a descobrir e sinalizar outras rotas, a caminhar por espaços onde muitas teologias se recusaram a ir. (Musskopf, 2012, p.459).

Ela se fez humilde e quis que a experiência revelada nesses outros espaços se tornasse um lugar privilegiado da produção teológica. Assumindo os pobres como lugar teológico e a sua libertação como práxis fundamental para esse fazer teológico. Enfrentou desafios e forças contrárias, e por isso na época torna-se uma “teologia indecente” e “não

normal”, mas deixando também de lado alguns espaços intocados, que só muito lentamente...

... os distintos rostos destas paisagens foram ficando mais nítidos e revelando suas particularidades sem submeter-se ao encaixe numa miragem desfocada. Estes rostos tinham nomes, tinham cores, tinham gêneros, tinham desejos, tinham origens, tinham cheiros e sabores que transbordavam até mesmo as categorias mais liberacionistas e bem-intencionadas. (Musskopf, 2012, p.460).

Musskopf alega que a Teologia da Libertação, de certa forma, não soube muito que fazer com o que via, e por isso essa teologia incorria a invisibilizar estas especificidades, colocando-as em segundo plano, em nome de um ideal primeiro que por si só já concentraria a realidade como um todo (Musskopf, 2012, p.460). Mesmo tendo prometido ir lá onde a vida pulsa, nas ambiguidades da vida humana, a Teologia da Libertação ainda continuou enxergando somente os rostos que se foram fazendo mais visíveis nesse processo. Os corpos e as sexualidades que dão vida a estes rostos continuaram escondidos e vestidos na uniformidade dos desejos.

Nessa colocação de Musskopf faz-se visível a necessidade desse desnudamento da Teologia da Libertação. Para deflagrarmos a necessidade de notarmos a paralisia diante às ambiguidades “que não cabiam nas suas estruturas pré-determinadas pela suspeita que ainda carregava” (Musskopf, 2012, p.460). Principalmente diante das questões relacionadas aos corpos e sexualidades.

Gustavo Gutiérrez, um dos precursores da Teologia da Libertação, diz que não teremos uma autêntica teologia da libertação se as próprias pessoas oprimidas não forem capazes de expressar-se livremente e criativamente na sociedade e entre o povo de Deus, onde elas mesmas se tornam artesãs de sua própria libertação. E sua voz seja ouvida diretamente, sem mediações, sem intérpretes. Isso seria um salto quantitativo, diz Gutiérrez, até que elas mesmas teologizem.¹⁹

Desta forma, “percebe-se que a Teologia da Libertação oferece, explicitamente, a possibilidade de articulação entre o discurso teológico e a experiência de militância social do Movimento de Libertação Gay” (Musskopf, 2012, p.194). Sai de um discurso

¹⁹ Encontramos essas prerrogativas principalmente em seu livro *Teología de la Liberación*.

médico a uma consciência de classe, e um povo que tem sua origem nos eventos pós-Stonewall. E para construir uma consciência de classe oprimida é preciso nomear a si mesmo enquanto grupo social excluído e marginalizado. E neste sentido é que as experiências de opressão passam a ser fundamentais para a teologia, construindo discursos e narrativas que sustentam uma reflexão teológica (Musskopf, 2012, p.195).

Ao mesmo tempo em que não podemos reduzir a teologia latino-americana à Teologia da Libertação, também não podemos deixar de perceber sua influência nas lutas e conflitos aos quais ela esteve aliada, e no desenvolvimento de uma teologia homossexual-gay-queer, que inicia no contexto norte-americano e influencia os demais lugares do mundo.

Por este motivo, poder-se-ia supor que a Teologia da Libertação tivesse representado, também na América Latina, uma possibilidade real e concreta para articulação de um discurso teológico homossexual-gay-queer, oferecendo o instrumental teórico-metodológico para que as pessoas GLBT assumissem a tarefa de teologizar desde a sua experiência. (Musskopf, 2012, p.230).

Mas já nos deparamos com a voz de várias pessoas, diz Musskopf, que a Teologia da Libertação não conseguiu, ou de certa forma não quis lidar com questões de gênero e sexualidade, fazendo com que essas reflexões e questões de diversidade sexual e de gênero não ocorram nesta corrente teológica tão importante para as vidas ameaçadas e subjugadas. Mesmo assim...

... Cláudio Carvalhaes e Marcella Althaus-Reid reconhecem que teólogos e teólogas como Jaci Maraschin, Ruben Alves e Nancy Cardoso Pereira trabalhem de maneira inovadora o tema da sexualidade, também fica evidente que não se desenvolveu uma linha de reflexão sólida e sistemática que pudesse representar um campo teológico específico na América Latina. (Musskopf, 2012, p.231).

Musskopf alega que mesmo com esse reconhecimento alcançado pela Teologia da Libertação, na formação local e produção teológica, essas sempre estiveram majoritariamente circunscritas pelo domínio e controle das igrejas. Isso justifica um silêncio perturbador sobre o tema das homossexualidades no campo da teologia. E o reduzido

número de publicações e discussões, que sinaliza o silêncio e a invisibilidade das experiências LGBT na reflexão teológica.

Embora este tema seja objeto de estudos em áreas como antropologia e sociologia, que buscam fazer conexão entre a experiência GLBT e religiosidade, no âmbito da Teologia esta reflexão, quando realizada, tem ficado restrita ao estudo de textos bíblicos (em geral os “textos de terror”), ou reflexão na área do aconselhamento pastoral. (Musskopf, 2012, p.232).

Na década de 90 houve uma revisão ou sistematização da Teologia da Libertação, diversificando os enfoques teológicos ou sujeitos teológicos emergentes, mas ainda um silêncio, segundo Musskopf, a respeito das homossexualidades, onde pessoas LGBT dificilmente são mencionadas como (possíveis) sujeitos teológicos (Musskopf, 2012). Aos poucos, como veremos no levantamento dessa dissertação, nas décadas seguintes até nossos dias, vai-se percebendo a necessidade de um desnudamento da Teologia da Libertação, uma maior identificação dos rostos e dos corpos LGBTQIAPN+ e por consequência das pessoas *queer*.

Marcella Althaus-Reid pode ter sido a precursora desse desnudamento, repensando a Teologia da Libertação na perspectiva da *teoria queer*. Em um encontro com teólogos da libertação da primeira geração, durante um encontro na Europa, ela dizia:

Eu queria contar-lhes que existem outros Medellins e outros “Vaticanos Segundos” na história da nossa igreja latino-americana. Medellins e Pueblos que não foram organizados pelas esferas de poder da Igreja; eventos onde uns poucos pastores, uns poucos cristãos, excluídos de suas igrejas, excluídos da sociedade, perseguidos pelos regimes autoritários, se reuniram em nome de Cristo para lutar por justiça social sem deixar de lado a justiça sexual. E queria contar a eles como em Buenos Aires, um pastor e teólogo da libertação, o Ver. Roberto Gonzáles da Igreja Metodista, perdeu o direito a ser ordenado pastor por declarar a sua igreja que era gay. Perdeu seu lugar na igreja e seu trabalho, por exercer o que Paul Tillich chamava de “a coragem de ser”. E no entanto, em meio a estes sofrimentos, ia a todos os bares gay que conhecia, e distribuíva convites fotocopiados para reuniões de oração. (Althaus-Reid, 2011, p.57).

O desnudamento da Teologia da Libertação se fez e se faz necessário, para também evidenciar e visibilizar o esforço de teólogos e teólogas que refletem e fazem sua teologia, ainda no escuro dos armários, entre brechas de luz. Com uma reflexão guardada “nos armários das universidades e seminários, nos armários das bibliotecas particulares e nos armários das editoras que ousam publicá-los, mas não ousam divulgá-los” (Musskopf, 2012, p.237). E, como sugere Musskopf, na linha de pensamento de Marcella Althaus-Reid, passar de uma “ausência estranha” para uma “presença *estranha* (queer)”.

É neste sentido que a Teologia da Libertação também, de certa forma, caminhou para uma forma de subversão de discursos normalizados e normalizadores, como procura fazer a *teologia queer* tornando-se indecente, e que veremos mais adiante. Mas a Teologia da Libertação por outro lado parece ter abandonado a caminhada, ou ficou em meio a ela, por deixar-se incorporar ao mercado teológico e com isso não ousou desnudar-se da ideologia heterossexual que alimenta seu próprio discurso (Musskopf, 2012, p.233).

E para Marcella Althaus-Reid em seu livro *Teologia Indecente*, a Teologia da Libertação assumiu em relação à teologia europeia uma posição apologética, com o mesmo marco reflexivo patriarcal, tornando-se palatável ao norte-atlântico e firmando-se como uma teologia idealista heterossexual, baseada nas tradições sistemáticas do Ocidente (Althaus-Reid, 2001, p, 45-46). Torna-se assim, uma reserva decente, segundo Musskopf, onde a reificação da experiência do “pobre”, seu princípio epistemológico central, exclui suas práticas sexuais excessivas, tornando-se assim, uma figura dócil e infantil, e decentemente demarcada (Musskopf, 2012, p.298).

O ponto de partida para “tirar a teologia do armário” é justamente resgatar a promessa de indecência da Teologia da Libertação expressa na sua proposta metodológica clássica (ver-julgar-agir), e dar materialidade à análise de gênero relacionando-a a sexualidade, afirmando as “histórias sexuais” como fundantes do processo analítico (ver). (Musskopf, 2012, p.298).

É na indecência dos corpos, como veremos adiante, na história dos desviantes sexuais, nas narrativas sobre a forma como as pessoas vivenciam e experimentam sua sexualidade, que podemos romper com o discurso hegemônico sobre Deus, que exclui e

invisibiliza pessoas dissidentes sexuais. E assim, poder enxergar as consequências deste discurso na vida concreta das pessoas excluídas, que são objetos desta pesquisa.

Musskopf nos aproxima do pensamento de Edla Eggert, essa que:

... se dedicou a aprofundar sua proposta epistemológica, visitando ainda outros lugares e inserindo ainda outros elementos no processo de investigação sobre metodologia e as formas de produção do conhecimento. Através destas pesquisas que a autora mostra de que forma o conhecimento se produz em meio às ambiguidades da vida, ali onde as coisas acontecem misturadas e são construídas formas de viver e sobreviver. (Musskopf, 2012, p.408-409).

É a teologia se “lambuzando” do cotidiano e das ambiguidades que o próprio cotidiano evoca. E isso, segundo Eggert, acontece inclusive no processo de reflexão e escrita de quem faz teologia nesta perspectiva. O lugar onde nos encontramos também nos move e nos determina. Se nós estamos diante uma realidade marginal é impossível não se lambuzar (Eggert, 2003, p.131).

Por muitos anos, diz Althaus-Reid, as teologias da libertação desconfiaram, por exemplo, da importância de se perguntar quem é o teólogo a teóloga, e onde ele ou ela se encontram. E ousar pensar um fazer teológico em outros espaços mais indecentes.

Na época não lhes ocorreu que seria necessário demolir a ideologia sexual da teologia, e que os teólogos saíssem de seus armários e fundamentassem sua teologia em uma práxis viva de honestidade intelectual. Deus, enquanto isso, também era mantido escondido em seu próprio armário. Ninguém pensou em fazer teologia em bares gays, embora bares gays estejam cheios de teólogos. (Althaus-Reid, 2019, p.19).

A teologia por vezes se recusa a fazer essas conversas e passeios epistemológicos, mas são nesses passeios e conversas que nos fazem vislumbrar lugares e processos em que a ambiguidade se materializa (Musskopf, 2012, p.410). E a experiência dessas pessoas dissidentes - que ousamos neste trabalho pô-las como lugar teológico - não podem ser demarcadas pelos limites dos padrões heterocêntricos de definição dos corpos e das suas relações.

Elas se desenvolvem independentemente dos territórios autorizados e dos certificados de propriedade dos cartórios da teologia, da sexualidade, da moral e dos bons costumes. Da mesma forma que as ocupações de terra realizadas pelos/as militantes do MST, elas podem ser o que quiser, quando quiser e onde quiser na luta contra um sistema que as marginaliza e exclui dos meios de produção e do direito a construção da identidade de gênero e orientação sexual. (Musskopf, 2012, p.410).

Por isso, a necessidade de se pensar uma *teologia queer*, mesmo sob o domínio de epistemologias heterocêntricas. Segundo Althaus-Reid, “as teologias queer saem em diásporas ao usarem táticas de ocupação temporária; práticas disruptivas que não necessariamente devem ser repetidas, e reflexões que almejam ser desconcertantes” (Althaus-Reid, 2019, p. 25).

3.2 Indecência dos corpos e a Teologia *Queer*

Neste ponto trazemos com maior relevância o pensamento de Marcella Althaus-Reid, ela que desenvolve uma “teologia indecente”, relacionando as promessas revolucionárias da Teologia da Libertação Latino-Americana com o que também se desenvolve na Teoria e da Teologia *Queer*. É nessa relação que conseguiremos visualizar melhor as três palavras do lema do MST trazidas a esse trabalho, “ocupar, resistir, produzir”, como três eixos que ao mesmo tempo são distintos e simultâneos para uma epistemologia teológica *queer* (Musskopf, 2012, p.33).

Para nos aproximar de uma Teologia *Queer*, é adequado que visualizemos o que lhe antecedeu como reflexão teológica. Nas décadas de 80 e 90 se desenvolvia a Teologia Gay, que rompia o discurso apologético no contexto de Movimento de Libertação Gay, dos Estudos Gays e Lésbicos e das demais teologias da libertação, que permitiu a construção de uma cidadania religiosa de gays e lésbicas, mas não deixava de ser uma teologia assimilacionista, onde defendia essa assimilação pela diferença. As próprias categorias “gay” e “lésbica” se mostraram limitadas para expressar todas as identidades construídas e as experiências vividas, tanto no ativismo político quanto na reflexão acadêmica (Musskopf, 2012, p.203).

Esse aprofundamento teórico sobre a influência de outras correntes de pensamento, assim como o próprio desafio e movimento de luta que surge pelo aparecimento da AIDS, tudo isso provoca novas reflexões e questionamentos. E assim, o pensamento teológico gay e lésbico acaba sendo ampliado. Surge a necessidade de uma teologia que problematize e discuta as identidades e experiências a partir da ambiguidade, da fluidez e da mistura. Um projeto, segundo Musskopf, que já dá seus passos significativos no campo da teologia, e que virá a ser chamada de Teologia Queer (Musskopf, 2012, p.203).

É neste contexto que nascem as lutas políticas de resistência, principalmente com o que mais se questionava na defesa da cidadania LGBT, uma acusação explícita de uma sociedade heterocêntrica, que define sua sexualidade a partir do procriacionismo. Neste sentido, é que toda a comunidade *gay/queer* é chamada a resistir, como aponta Musskopf:

Utilizando táticas de guerrilha e teatro de rua, subvertendo culturalmente símbolos culturais através de sua ressignificação, as ações procuravam chamar a atenção da mídia e da opinião pública. Tratava-se de: um grupo de ação direta multicultural dedicado a enfrentar a homofobia, invisibilidade queer, e todas as formas de opressão. (Musskopf, 2012, p.205).

Esse movimento era audacioso e confrontacional, onde o discurso e a prática dos grupos era uma mudança na forma de referirem-se a si mesmos/as, reivindicando e ressignificando o termo “queer” em lugar de “gay” e “lésbica”, salienta Musskopf. E assim, o termo *queer* foi se reconfigurando tanto na cultura popular, quanto na teoria. E o próprio termo *queer* vai questionando o assimilacionismo da política gay/lésbica. O termo *queer* torna-se apropriado como categoria inclusiva, assumindo todas as sexualidades não-heterossexuais, congregando diversos grupos com práticas e construções identitárias distintas (Musskopf, 2012, p.206).

Num contexto em que “gay” e “lésbica” passaram a ser associadas majoritariamente com pessoas brancas e de classe média, a nova categoria buscava desestabilizar estas identidades no campo da linguagem e da militância,

dando visibilidade às alianças e interconexões com outros grupos e questões vivenciadas no interior do próprio movimento. (Musskopf, 2012, p.206).

Esta passagem torna-se muito importante para a nossa reflexão nesta pesquisa, pois assume todos os rostos e corpos dissidentes e invisibilizados. Que assumimos propositadamente como pessoas *queer*, cuja existência precisa ser notada, enxergada e amada. E no decorrer da reflexão perceberemos que essas pessoas sempre estiveram presentes, na indecência e na sujeição.

Aqui não podemos deixar de relacionar também com o movimento e hermenêutica feminista, com as precursoras a usarem o termo *queer* em um âmbito acadêmico, Teresa de Lauretis, Eve K. Sedgwick e Judith Butler, cuja reflexão ultrapassa as categorias identitárias binárias que ainda mantinham-se nos movimentos sociais e na academia. “Ela não se restringe aos processos de construção da identidade sexual e de gênero, mas se preocupa com as diversas intersecções destas com outros recortes como raça/etnia, classe, crença, etc” (Musskopf, 2012, p.207).

O importante é que toda a militância *queer*, as teorias feministas e as mudanças de época a partir do pró-estruturalismo tendo como exemplo M. Foucault, fazem emergir uma proposta teórica e política, que é aberta, cheia de possibilidades, sobreposições, onde os elementos constituintes do gênero de alguém, da sexualidade não são feitas para significar monoliticamente, mas como realidade fluída, complexa e múltipla.

Neste sentido que a teoria *queer* levanta questionamentos referentes a coisas aparentemente estáticas, como a família, relacionamentos íntimos e toda a vida social. Causando assim certo desconforto na forma “tradicional” de se pensar a sexualidade.

A área da sexualidade, suas categorias e construções, é a lente que teóricos *queer* usam para desenvolver seus trabalhos. É uma tentativa de “encontrar novas formas de pensar sobre amores e identidades dissidentes de lésbicas, gays, e outros numa ecologia social complexa onde a presença de diferentes gêneros, diferentes identidades e identificações são tomadas como dadas”. (Musskopf, 2012, p.208).

E assim, nasce uma “teologia queer”, que ao lado da “teoria queer” se desenvolveram juntamente com a teologia da libertação gay e lésbica, e usam o termo

“queer” para transgredir. Provocando assim, uma transição para uma *teologia queer* que assume, de certa forma, um movimento político emancipatório, que passa das narrativas biográficas de luta por libertação para um contexto mais *queer*, mais transgressor, indecente, de experiências narradas e teologicamente refletidas (Musskopf, 2012, p.214).

E o discurso teológico *queer* começa a provocar uma mudança de paradigma na área da hermenêutica bíblica, que veremos mais adiante, influenciado pela Teologia da Libertação e, mais especificamente, da Leitura Popular da Bíblia.

O importante é o rompimento do silêncio por vozes gays/lésbicas que passam de objeto de pesquisa para agentes reflexivos, despertando assim uma polifonia de vozes teológicas. Essas vozes olham para o texto e o contexto a partir de suas vivências e lugares de opressão, e nos chamam a atenção para uma teologia autêntica que habite o texto, e que inscreve nele vidas de pessoas gays, lésbicas e *queer* (Musskopf, 2012, p.220).

A teologia *queer* passa de uma prática liberacionista, que insere gays e lésbicas no contexto social e eclesial, para uma libertação das pessoas com papéis e identidades sexuais e de gênero fixas, opressoras, que ainda encontra-se impregnado nas igrejas e sociedade.

A Teologia Queer desenvolve uma metodologia que expõe as contradições da sociedade e das igrejas fundadas no heterocentrismo, desestabilizando este sistema e articulando sua proposta através da valorização e reconhecimento de práticas que rompem as fronteiras do território heterocentricamente demarcado nos corpos. (Musskopf, 2012, p.222).

Segundo Musskopf a teologia *queer* encontra-se em processo, e que talvez esta seja sua vocação e cita Robert Goss:

Teologias queer são construídas a partir da análise crítica do contexto social que forma nossas experiências sexuais e de gênero e a rede de opressões interligadas e de nossas práticas inovadoras e transgressoras. Teologia queer é um projeto orgânico ou fundado na comunidade que inclui nossas diversas contextualidades sexuais, nossas experiências sociais particulares de opressão... (Goss, 2002, p. 252-253 *apud* Musskopf, 2012, p.222).

Os estudos teológicos *queer* lidam com a fluidez, a transitoriedade e a ambiguidade das construções identitárias, fazem emergir “um discurso teológico que, a partir das históricas (narrativas) sexuais silenciadas e marginalizadas, transgride as fronteiras de um discurso (hetero ou homo)normativo” (Musskopf, 2012, p.226), assumindo assim, segundo Musskopf, uma descontinuidade do seu próprio discurso, e por isso a necessidade de uma revisão e reconstrução permanentes, essa é a característica de uma teologia *queer*.

Aqui, precisamos também trazer a construção teológica desenvolvida por Marcella Althaus-Reid, na relação com a Teologia da Libertação e Feminista, e que nos surpreende com a “indecência”, trazendo as experiências sexuais desviantes concretas, que informam epistemologicamente novo jeito de se fazer teologia. Que considera os corpos, o sexo, o cheiro, o suor. Que maculam o ‘decentamento’ teológico.

Práticas como fetichismo, sadomasoquismo e voyeurismo questionam epistemologias mais recatadas e fornecem pistas metodológicas para tornar indecente/queer (*indecenting/ queering*) ou erotizar até a parte mais adormecida do corpo teológico tradicional. Trata-se de uma teologia verdadeiramente “indecente”. (Musskopf, 2012, p.292).

Essa teologia indecente desnuda as camadas da opressão, e reflete sobre essas camadas com paixão e imprudência. Questionará o tradicional campo da decência, diz Althaus-Reid. E pode até parecer estranho, pois partimos do pressuposto de uma teologia assexual, mas para ela toda teologia é consciente ou inconscientemente uma práxis sexual, organizando economicamente as relações amorosas das pessoas (Althaus-Reid, 2019, p. 10).

Neste sentido, o Cristianismo Ocidental encerra em si uma ideologia heterossexual colonizadora dos corpos, baseada na homogeneidade e repetição do mesmo – uma pornô-grafia – expressa nas formas clássicas de teologia sistemática. (...) Por isso, a teologia indecente/queer é também uma teologia política que visa desestabilizar, através da subversão e desvio (*deviancy*), a teologia sistemática tradicional e o sistema econômico capitalista globalizado... (Musskopf, 2012, p.293-294).

Por isso, aqui neste trabalho, é importante trazermos o pensamento de Althaus-Reid e Musskopf, que apontam para práticas teológicas subversivas, que nos permitem ver o que não se via com tanta clareza. Mesmo a Teologia da Libertação assumindo também um caráter indecente, como vimos anteriormente, ela continuou incorporando o mercado teológico de ideologia heterossexual. E essa teologia indecente apresentada aqui por Althaus-Reid e Musskopf é fundamental para enxergarmos o sujeito *queer*. E nesta teologia a própria teóloga ou teólogo são sujeitos *queer*.

... nomádico e instável, pela forma como se “localiza” no campo da teologia. É desde uma outra posição que ela desenvolve sua arte: como uma viajante com muitos passaportes, pois o seu lugar é a diáspora, “fora dos armários” da ideologia heterossexual. (Musskopf, 2012, p.301).

Pois a teologia é a arte de uma ação e reflexão de e para pessoas concretas, com suas histórias sexuais diversas e que estão no chão da história, na concretude da história, e, contudo desconsideradas como sujeitos teológicos.

Como visto com a própria Maarcella Althaus-Reid, não é possível pensar em uma teologia queer, ou indecente – como se preferir, sem prestar atenção às “histórias sexuais que estão na base da pirâmide. Tais “histórias sexuais”, cheias de ambiguidade, complexidade e diversidade são paradas obrigatórias na construção de uma teologia queer. (Musskopf, 2012, p.358).

Convidamos a olhar com atenção as duas imagens até aqui apresentadas no início das duas primeiras partes, como histórias sexuais dissidentes. Cada qual trazendo em si uma vivência teológica, elas são a própria epistemologia se descortinando, se desvelando, na ambiguidade, e lugar não assumido por um pensar teológico decente. Essas imagens trazem histórias vividas com dor e ressentimento.



(Recorte das Figuras 2 e 3)

A primeira de Juan e Martin em meio às chamas como se estivessem vivendo em pecado, já condenados ao ‘fogo do inferno’, pedem no retábulo por todos aqueles que pecam por amor. É aparentemente contraditório, ambíguo, mas concretamente e humanamente real. Dois homens que se amam e que decidem ocupar um espaço epistemológico, e ao ocupar, decidem simplesmente por agradecer.

Na segunda imagem a história de Sílvia e Verônica, que decidem morar juntas e não ter mais que se esconder, resistindo a um modo único de vida heterossexual, sacralizado na sociedade como padrão normativo. Elas são gratas pela alegria em não ter que se esconder mais da sociedade. E termos que pensar essa relação na década de 80, onde apenas se ousava os primeiros passos de uma reflexão teológica *queer*, alguém da realidade concreta de homens e mulheres gays/lésbicas cuja resistência era a única forma de sobreviver.

Esta pluralidade e ambiguidade não significam a dissolução do sujeito histórico, mas sua total encarnação. Diferente do olhar pós-moderno e burguês dos teólogos apressados em fechar de vez a centralidade dos pobres no projeto teológico e político, as teologias feministas e queer aprofundam radicalmente a opção preferencial pelos pobres, sabendo que eles/elas podem ser o que quiser! Como a presença sensual do divino nos corpos famintos e adoecidos: então, se iluminam! Conhecem o que ainda não é e se fazem mais fortes, mais belos e mais ousados como nunca pensariam poder ser. (Pereira, 2008 *apud* Musskopf, 2012, p.407).

A teologia *queer* afirma que toda forma de discurso religioso é sempre construída a partir de uma determinada compreensão de sexualidade, e que a teologia tradicional nega a interferência das ambiguidades da sexualidade em seu discurso, mas por sua vez ela é construída sobre “metáforas sexuais” heterocêntricas e heterossexistas

(Musskopf, 2012, p.429). Histórias por trás dos retábulos apresentados aqui são uma forma de resistência, na construção de uma epistemologia teológica *queer*. Subvertendo a realidade que oprime e violenta, criando um espaço de produção de sentido, diz Musskopf.

Pois a teologia tradicional tem procurado manter a si mesma como ciência neutra, objetiva e universal, resguardada das ambiguidades da vida e tem, por isso, ignorado estas mesmas ambiguidades sempre que elas ameaçam um sistema de produção de conhecimento hegemônico e normatizador construído dentro de um padrão heterocêntrico. (Musskopf, 2012, p.429).

A ambiguidade é expressão da resistência, e resistir, essa segunda palavra de ordem do MST, como nos propusemos aqui, é fundamental para revelar algo, uma realidade. É a própria esperança da religião, que aponta para o reconhecimento da formação ambígua de toda construção teológica, e “serve de antídoto contra absolutizações, fanatismos e manutenção de privilégios supremacistas”, afirma Musskopf ao citar David Tracy, padre e teólogo Americano (Musskopf, 2012, p.430).

A própria resistência precisa ser reinventada, e a ambiguidade que surge desta reinvenção sempre articulada novamente nas formas de produção do conhecimento. É esta constante reinvenção e re-articulação que garante o lugar e a validade da ambiguidade e da provisoriade de toda construção teórica. (Musskopf, 2012, p.430).

Em seu livro pesquisado aqui “Via(da)gens teológicas” Musskopf deixa claro em sua argumentação que uma teologia *queer* no Brasil se faz como “viadagem”, pois a proposta epistemológica se faz como viagem, cujos itinerários são sempre abertos e múltiplos. Mesmo que o termo carregue em si uma conotação de homens homossexuais (afeminados ou não), “via(da)gem”:

...se situa num campo de referência que questiona o sistema que é responsável pela opressão, discriminação e marginalização de toda e qualquer identidade e prática de vida construída fora dos padrões heterocêntricos como compreendido no âmbito da teoria *queer*. (Musskopf, 2012, p.443).

Segundo ele, o termo usado não carrega conotação pejorativa ou ofensiva, mas uma maneira carinhosa de revelar intimidade, e que auxilia para identificar e também revelar os sujeitos sociais que ocupam os espaços que muitas vezes lhe foram e são negados.

Por isso, segundo Althaus-Reid as teologias *queer* são teologias táticas, e que viajam por lugares ocupados pela heterossexualidade normativa, elas saem em diáspora ao usarem táticas de ocupação temporária. Assim, a teologia *queer* sempre se faz em primeira pessoa, “diaspórica, autorrevelatória, autobiográfica e responsável por todas as suas palavras” (Althaus-Reid, 2019, p. 26).

...as teologias queer não desconsideram as tradições das igrejas. Todavia, o processo de queerização pode virá-las de ponta-cabeça ou submetê-las a processos semelhantes a colagens ao acrescentar e destacar nelas exatamente aqueles elementos que não se encaixam bem na construção da tradição da igreja e que foram, portanto, excluídos ou ignorados. (Althaus-Reid, 2019, p. 26).

Vê-se assim, a necessidade de reposicionar o sujeito *queer* e indecente da teologia, juntar tudo que diz respeito ao amor e lutas por identidade sexual que fica disperso nas vidas das pessoas e reposicioná-los à ordem de lutas por espaços de liberdade e justiça social. Essa disrupção é a nossa diáspora, diz Althaus-Reid, pois são essas práticas disruptivas de amor e sexualidade que tornaram a comunidade *queer* algo em contínuo, dando-nos um senso de pertencimento, pelas lutas por identidade, ancoradas na diferença e nos processos de transformações (Althaus-Reid, 2019, p. 26).

A mesma autora chega a dizer que fazer teologia *queer* é estar numa parte maldita da teologia, onde a própria Teologia Indecente²⁰, sexual, “precisa se virar a fim de encontrar a Outra forma de se conhecer a Deus nas margens da Teologia” (Althaus-Reid, 2019, p. 58), e libertar Deus do status de Deus como refém de uma Teologia Heterossexual, e nos desafiarmos ir até as margens, lá onde os relacionamentos mais íntimos acontecem.

²⁰ A Teologia Indecente é um conceito desenvolvido pela teóloga argentina Marcella Althaus-Reid. Ela propõe uma abordagem teológica que desafia as normas tradicionais e moralizantes da teologia cristã, especialmente em relação à sexualidade e gênero. A Teologia Indecente busca revelar e questionar as ideologias sexuais e políticas que sustentam a teologia tradicional, propondo uma perspectiva que inclui as experiências e vivências das pessoas marginalizadas, especialmente as LGBTQIA+2.

A revelação que acontece nos atos íntimos, no histórico perceptivelmente caótico dos relacionamentos humanos íntimos na história, tem sido sistematicamente marginalizada e silenciada por um projeto teológico sexualmente hegemônico e altamente idealista, fortemente dependente de um modelo colonial. (Althaus-Reid, 2019, p. 64).

Na teologia *queer* necessita-se de um senso de conhecimento teológico diferente. Novas estratégias de interpretação, na bissexualidade e não somente na heterossexualidade, e de forma crítica, onde as fontes da teologia são os corpos libertinos e tradições *queer*. E com isso, novas metáforas teológicas, como por exemplo, as orgias, diz Althaus-Reid. Ou as cenas “libidinosas” dos retábulos que não ignoram seus corpos e desejos.

Este indecentamento da teologia faz com que os sujeitos teológicos sejam diversos e não apenas marcados e subordinados pela heteronormatividade das escritas da teologia tradicional eurocentrada, principalmente. Esta teologia indecente, com corpos teológicos diversos, procura por uma reflexão teológica mais ambígua (Althaus-Reid, 2019, p. 71). Ultrapassando um discurso sobre Deus estático, correto, imutável, que pressupõe o encontro com um ser humano de igual formato, numa posição heterossexual transcendental. O sujeito *queer* é liberto dessas amarras normativas e por causa disso passa a existir e resistir. Ele é nômade, não-fixado e não possui uma vocação sedentária. Suas fronteiras estão sempre se movendo, desestabilizando as ideias pré-estabelecidas da ética cristã (Althaus-Reid, 2019, p. 71).

O sujeito *queer* dá espaço ao dissonante e ao múltiplo na teologia. As igrejas se acostumaram a fazer teologia fora das amizades íntimas, e precisamos refletir sobre isso: “a kenosis de Deus é uma kenosis de amor” (Althaus-Reid, 2019, p. 76). E nas relações de amor, nos amantes dissonantes da teologia, encontramos as teólogas e teólogos *queer*. Que são “escandalosas amantes de Deus, aquelas que pertencem aos discursos das interrogações e releituras enquanto se desfiliam, isto é, negam seu amor prometido a qualquer hora e momento?” (Althaus-Reid, 2019, p. 76). As teólogas e teólogos *queer* introduziram o corpo na teologia, afirma Althaus-Reid.

...corpos que amam, corpos enredados na ética da paixão – portanto corpos transgressivos. Tais corpos não são os corpos comuns: são corpos libertinos. Mas esses corpos são inquietos e também produzem reflexões hesitantes e inquietas. Podemos chamá-los de corpos nômades. (Althaus-Reid, 2019, p. 76).

É nesse movimento nômade que tiramos Deus do armário, ou desmantelamos as fofocas condenatórias teológicas, diz Althaus-Reid, alegando que a teologia tradicional que conhecemos se faz de fofocas, uma fofoca de elite, condescendente e cúmplice de um *telos* monogâmico, monoamoroso e heterossexual (Sedgwick, 1994, p.74 *apud* Althaus-Reid, 2019, p. 71).

E a grande questão que se levanta, a partir de Althaus-Reid e Musskopf, é se a teologia cristã seria capaz de desejar viajar com mochilas nas costas, e ir habitando temporariamente em meio a estranhos e dissidentes. Ir habitando em lugares não comuns a sua posição estática e pré-fixada. A Teologia da Libertação ousou sair, como vimos anteriormente, mas quem de fato dá sinais de proximidade aos mais recônditos espaços de subsistência é a teologia *queer*. Que ousou sair da decência e se desnudar, mostrando seu corpo nu, suas partes a mostra. Sem nada que lhe impeça de mostrar seu corpo nu. Um corpo teológico, que não só habita o hoje de sua existência, mas que habitou no ontem da história.

Trazemos aqui o relato de Ana Ester em seu livro “Dezmandamentos – teologia lésbico-queer-feminista”, onde nos revela que a teologia *queer* é sempre autobiográfica. Necessariamente nos considera no pensar, no fazer teológico.

Eu só posso fazer teologia a partir de mim. Eu sou corpo. Por isso, minha produção teológica é o resultado de desejos que me atravessam os poros, os buracos, os orifícios, porque o intelecto queer parte da materialidade do corpo para produzir materialidades outras. (Ester, 2023, p.101)

Teologia *queer* é recontação de histórias e vidas historicamente excluídas do debate teológico. O fazer teológico tradicional é questionado, o cristianismo colonizador é desconstruído, porque deixou para trás parte das vidas que justificam o próprio fazer teológico. Enxergar essas vidas e recontar suas histórias é parte indispensável para uma teologia contextual que se preocupe com sua razão de ser.

Neste sentido, é conveniente que Ester mencione Glória Anzaldúa, sobre o contexto teológico, que justifica a *queeridade* da teologia, como aliança de pessoas que questionam a construção cisheterossexual da teologia.

Uma pessoa sempre escreve e lê do lugar onde seus pés estão plantados, do chão de onde se ergue, seu posicionamento e ponto de vista particulares. Quando eu escrevo sobre ideias diferentes, eu tento encarná-las e corporificá-las ao invés de abstraí-las. (Anzaldúa, 2021, p.144 *apud* Ester, 2023, p.102).

Percebe-se aí uma grande necessidade de olharmos para a Bíblia, o livro sagrado que narra histórias vividas num contexto de história da salvação. E a história da salvação passa pela vida de todas as pessoas e de toda a criação. A necessidade de releituras bíblicas e hermenêuticas transversas nos permitirão continuar caminhando, na tarefa especulativa de colocar as pessoas *queer* como lugar teológico.

3.3 (Re)leituras Bíblicas, hermenêuticas transversas

James Alison (2010) em seu livro “Fé além do ressentimento: fragmentos católicos em voz gay” fala em “habitar” o texto, fazendo uma releitura de diversas narrativas bíblicas expondo o sistema fraticida e a busca por relacionamentos fraternais na atuação de Jesus. Isto, de certa forma, torna-se um passo necessário para a reflexão que fazemos nessa pesquisa.

No seu livro ele explora a identidade católica a partir da perspectiva de um teólogo gay. Utiliza o pensamento de René Girard²¹, que estuda o desejo e a violência, para oferecer uma nova compreensão da fé católica. Aborda a dificuldade de ser fiel católico e ao mesmo tempo honesto sobre a identidade gay em um período de transição na Igreja. Argumenta assim, que a teologia católica pode ser renovada ao incluir as experiências e vozes dos fiéis LGBTQIA+. Com isso, busca proclamar a verdade na cultura atual da Igreja, especialmente no campo gay, onde é mais desafiador.

²¹ René Girard desenvolve a Teoria Mimética. Ela sugere que o desejo humano é mimético, ou seja, que os desejos são copiados do outro. Muitos conflitos e violências nas sociedades têm origem nesse desejo mimético, que leva a uma competição e rivalidade intensa.

O que a fé cristã nos oferece na esfera moral não é a lei, tampouco oferece uma maneira de escorar a ordem ou a estrutura das supostas virtudes desse mundo, muito menos ainda recomenda que nos lancemos numa cruzada a favor dessas coisas. Ela nos oferece, contudo, algo muito mais sutil. Oferece-nos a dinâmica da subversão, desde o interior, de todas as virtudes humanas, incluindo as nossas próprias. Isso equivale a dizer que o começo da vida moral cristã é marcada por um tropeço que leva à consciência de nossa própria cumplicidade nos mecanismos de hipocrisia, pela percepção da violência envolvida nessa hipocrisia. Partindo desse ponto, podemos começar a estender as mãos para nossos irmãos e irmãs, nem mais nem menos hipócritas que nós mesmos, os quais estão prestes a serem expulsos da “sinagoga” por uma ordem aparentemente unida, possuidora de uma certeza excessiva e militante em relação à maldade do outro. Vamos então sair e aprender o que significa “Eu quero misericórdia e não sacrifício”. (Alison, 2010, p.63).

Olhar para a Palavra de Deus na perspectiva dos expulsos e tidos como transviados. Escancarando a hipocrisia dos possuidores da palavra. Alison não se limita a uma teologia gay, mas propõe uma teologia católica que é inclusiva e reflexiva sobre as experiências dos fiéis LGBTQIA+, tentando permanecer fiel à vocação de teólogo católico sem evitar os desafios culturais e pastorais da identidade gay. Eis um dilema, mas uma necessidade para muitos jovens teólogos gays. Neste sentido, transitar pela Bíblia, propondo releituras e hermenêuticas transversas se torna um passo importante.

André Musskopf em seu livro “Que comece a festa: o filho pródigo e os homens gays” nos propõe o mesmo desafio. Além de se colocar como teólogo gay, ele propõe diferentes estratégias hermenêuticas utilizadas no âmbito dos estudos da diversidade sexual e de gênero e a sua relação com a Bíblia e suas narrativas. Estratégias hermenêuticas indecentes ou *queer*, porque perturbam uma determinada ordem de decência heteropatriarcal (Musskopf, 2020b, p.21). E, por isso, se tornariam transversas.

Poderíamos trazer aqui todas as estratégias hermenêuticas de Musskopf e Alison, seria um belo caminho de reflexão bíblica, mas priorizaremos o caminho epistemológico que nos permite olhar para essas estratégias hermenêuticas. Algumas delas serão apresentadas.

Maria Cristina S. Furtado em seu mais novo livro *A Igreja e as pessoas LGBTQIAPN+*, que pretende ser um apoio pastoral principalmente às famílias católicas,

nos recorda das proposições do Papa Francisco quanto à leitura da Bíblia e o cuidado que devemos ter ao interpretá-la, de que a Bíblia é muito concreta, foi escrita para pessoas reais como nós, com sua história e trajetória, na sua cultura e no seu tempo, e que por isso ela também diz respeito a cada um de nós.

De acordo com o Papa Francisco, devemos ler a bíblia em oração. Um bom cristão deve ser obediente, mas também criativo. Obediente na escuta da Palavra, e criativo porque o Espírito Santo o impele a leva-la adiante. Para o Papa, a Bíblia não pode ser lida como um romance, nem como instrumento para os próprios interesses. (Furtado, 2024, p.29).

Ao longo da história temos escolhido passagens bíblicas e realizado interpretações descontextualizadas e pouco cautelosas, que criminalizam pessoas LGBTQIAPN+, com leituras literais e anacrônicas, que são capazes de destruir vidas e até matar em nome de Deus. Essas leituras tentam justificar a intolerância e o ódio ao diferente, e aqui podemos nos referir ao *queer*. E isso também aconteceu, e de certa forma ainda acontece, com as mulheres, com as pessoas negras, com os povos indígenas, com o estrangeiro pobre e migrante.

Estas interpretações objetivas e literais são adaptações do texto bíblico a uma forma de pensar dentro de um contexto histórico e social, que se adequa a visão de mundo da pessoa que o interpreta. Isso mascara o que realmente o texto bíblico em seu contexto poderia nos dizer. Antes de qualquer hermenêutica uma boa dose de contextualização histórica, como a quem o texto se dirigia, a razão pela qual foi escrito, e só depois nos perguntarmos para que o texto nos serviria.

Furtado lembra, por exemplo, que a palavra homossexualidade não existia no contexto bíblico. A Bíblia condenava “os atos sexuais entre iguais”. Quando lemos em Levítico: “o homem que se deita com outro homem como se fosse mulher, ambos cometeram uma abominação; deverão morrer, e o seu sangue cairá sobre eles”, esse ato não significa ofensa sexual, mas traição religiosa, pois esses e outros atos eram atribuídos aos rituais pagãos, e por consequência eram interpretados como infidelidade ao Deus de Israel (Helminiak, 1998, p.169 *apud* Furtado, 2024, p.31).

Em Gênesis 38, 6-10 nos deparamos com outra situação semelhante, Onã lança a sua semente (sêmen) na terra enquanto teve relações com a mulher de seu irmão, para não deixar descendência dessa relação. E o texto diz que Deus o matou por não ser de seu agrado. No contexto percebemos que na época o povo hebreu precisava ser numeroso e pensava-se que qualquer sêmen lançado por terra era um desperdício para essa grande pretensão de uma nação numerosa. A procriação era muito importante para atingir a posteridade. Eram com isso, inaceitáveis as relações sexuais que não levassem a procriação. Imaginando o sexo entre homens isso era inconcebível. Mas o castigo de Onã se deu pela não procriação, por jogar o sêmen fora, num contexto em que se pensava que no sêmen estava toda a pessoa em miniatura. Dentro deste contexto, hoje não se justifica o uso desse texto para discriminar pessoas homossexuais, no caso mais específico dos homens, que estariam desperdiçando seu sêmen. Entendendo o contexto tudo se ressignifica.

Outra passagem bíblica muito usada contra as pessoas LGBTQIAPN+ é a de Sodoma (Gn 19, 1-11). Muitos interpretam como castigo pelos “atos sexuais entre iguais”. No entanto, o castigo de Sodoma está ligado à *lei da hospitalidade aos viajantes*. Regra sagrada daquela sociedade. Era obrigatório oferecer hospitalidade aos viajantes, pois ficar exposto ao frio da noite, naquela região montanhosa, poderia ser fatal. Além do viajante poder ser morto por feras, havia a possibilidade de ser assaltado e assassinado pelos ladrões (Furtado, 2024, p.32).

Fica claro que os habitantes de Sodoma se esqueceram dessa regra. E ao contrário queriam roubar os visitantes e mais ainda abusar de seus corpos, mantendo relações sexuais diversas, entre elas sexo anal, inclusive relações sexuais com pessoas do mesmo sexo. Visivelmente o problema não é a “sodomia” interpretada como homossexualidade ao longo da história recente, mas a falta de hospitalidade para com as pessoas visitantes e viajantes.

No novo testamento bíblico Paulo de Tarso escreve a carta aos Romanos (Rm 1,26-27) em um contexto pagão. Os romanos escravizavam os povos que eram massacrados nas guerras que travavam, homens e mulheres eram também escravos sexuais durante suas empreitadas de guerra. E as relações sexuais aconteciam de diversas formas abusivas e forçadas, inclusive entre pessoas do mesmo “sexo”. Por isso,

seria injusto compararmos os atos sexuais desse contexto aos relacionamentos homoafetivos da atualidade, onde há liberdade, carinho, respeito e amor (Furtado, 2024, p.33).

E de igual maneira podemos fazer uma releitura das passagens do Evangelho de Lucas, da mulher hemorroísa (Lc 6, 43-8) e do servo do centurião romano (Lc 7, 1-10). Ambas desconstrói interpretações sem contextualização. Com a mulher cujo fluxo de sangue não parava, Jesus simplesmente a curou e não perguntou quem tinha pecado para ela estar assim, pois na época a doença era um pecado. Quanto ao servo do centurião, Furtado faz um ótimo apanhado:

Só um grande amor poderia fazer um centurião romano deixar a cidade e ir em busca de Jesus para curar o seu servo. Embora o centurião diga para Jesus não entrar em sua casa, pois não era digno, Jesus nada perguntou, nem sobre ele nem sobre o servo. O Centurião sabia que podia curar, mesmo à distância, e, para isso bastaria ordenar. Jesus assim o fez, e ainda elogiou tamanha fé. (Furtado, 2024, p.24).

Será que ficaríamos surpresos de aqui se referir a um casal, amantes ou parceiros, ao menos duas pessoas do mesmo sexo que se amavam? Onde o amor atravessa barreiras e permite hermenêuticas transversas? Algo extraordinário neste caso é o uso da resposta do centurião na celebração católica da Eucaristia. Milhares de fiéis, por todos os momentos históricos, recitam: *“Senhor, eu não sou digno de que entreis em minha morada, mas dizei uma palavra e serei salvo”* (Cf. Mt 8,8). Este relato poderia nos lançar ao único episódio concreto de referência a homossexualidade nos Evangelhos. Diante tantos dissensos poderíamos ousar essa hermenêutica capaz de incluir e integrar relações não-heterossexuais no rol do cristianismo.

Olhar para o texto bíblico em seu contexto também nos permite recorrer a outras hermenêuticas viáveis de libertação e salvação. Por isso, vale a pena ainda olharmos para o contexto do centurião e imaginarmos “um homem odiado por muitos nacionalistas judeus e desprezados por outros mais legalistas, por sua conduta homossexual” (Primo, 2023). Mas ele é elogiado pelos que veem nele um homem que faz o bem: ele ajudou a construir a sinagoga. E para chegar a Jesus como chegou teve que abandonar seu orgulho militar e suportar uma possível humilhação, suplicando a cura de

seu amante a Jesus. E Jesus rompe essa fronteira invisível, diz Primo, a mesma que o impedia de se aproximar dos leprosos e outros pecadores. E Jesus cura. E abre um portal de não condenação explícita à diversidade sexual.

O Deus de Jesus ama, e constrói pontes, segundo Furtado. Ela pergunta: qual a imagem primordial da Bíblia? “Seria o ódio ou o amor? Um Deus que exclui ou inclui? Liberta ou oprime?” Quem seriam os convidados segundo a parábola dos convidados para o banquete? “os justos, os pecadores, os ricos e os pobres, etc.” (Lc 14, 15-24). Simplesmente todos! Repete constantemente Papa Francisco em suas pregações mais recentes (Furtado, 2024, p.35).

Althaus-Reid em sua reflexão sobre uma hermenêutica *queer* faz outra pergunta: “qual é o lugar da Bíblia em nossas vidas como indivíduos e comunidades?”. Bom que estejamos preparados para nos defendermos de uma leitura que gera alienação e que pode ser profundamente destrutiva. Cultivarmos a consciência dos mecanismos de opressão ao nos aproximarmos dos textos bíblicos, como que por intuição e pressentimento (Althaus-Reid, 2019, p.116).

Quando uma comunidade lê a Bíblia ela se depara com seus próprios medos, esperanças e identidade. Mas será que nessa comunidade as pessoas *queer* se sentem acolhidas ou integradas a ponto de participarem ativamente do processo de desconstrução? Nem sempre as pessoas *queer* conseguem resistir nas comunidades.

A leitura em comunidade é um ponto de vista libertacionista importante que pode nos conduzir rumo a uma hermenêutica de solidariedade, mas precisamos estar conscientes sobre o fato de que pessoas *queer* nem sempre têm uma comunidade à qual pertençam. As comunidades *queer* podem estar posicionadas ou dispersas em nosso redor; podemos ser praticantes *queer* solitárias porque podemos sentir que as releituras de reforma das tradições bíblicas não bastam e que o que precisamos é de releituras de transformação. (Carter Heyward, 1989, p. 47 *apud* Althaus-Reid, 2019, p.116).

Para as pessoas *queer*, crer em um evangelho de justiça pode ainda significar que permaneçam excluídas, como um estranho na própria teologia. Por isso, enquanto as pessoas *queer* não se tornarem também um “lugar teológico”, elas sempre serão relegadas à exclusão, nos espaços de comunhão e participação da Igreja. Para Althaus-

Reid há a necessidade de uma leitura *queer* das Escrituras, que desconstrua a lei patriarcal do amor. E releituras desconstrutivas sexuais da Bíblia precisam ser cada vez mais *queerizadas*.

A tentativa de situar nosso círculo hermenêutico de interpretação em torno das solidariedades queer pode permitir-nos descobrir quais resistências são possíveis na leitura das Escrituras como um processo novo e contínuo, mas também encorajar a resistência que precisamos encontrar em meio a nós mesmas como povo queer de Deus a fim de abandonarmos padrões de subjugação do Outro. (Althaus-Reid, 2019, p.118).

Ao voltarmos nossos olhos e atenção ao retábulo que abre esta seção, percebemos que Silvia agradece a São Sebastião porque ela e Verônica poderem viver juntas sem mais se esconder da sociedade. Elas ocupam um espaço novo, nunca dado, resistem neste espaço conquistado e que não têm garantias, é efêmero, provisório e constantemente tendo que reconquistar, elas produzem uma realidade nova, desafiadora e constroem sua cidadania religiosa a partir da verdade que assumem e revelam.

Materializar essa relação amorosa e sexual entre duas mulheres em uma pintura num pedaço de madeira é fixar o lugar teológico reivindicado na resistência. Resistir é o que nos move nesta seção, e resistir é conquistar e reivindicar um lugar seguro, mesmo que provisório, segundo Althaus-Reid.

Os lugares queer podem ser vagos e temporários nas narrativas, mas podem ser reconhecidos pelo elemento de “espaço seguro” (ainda que provisório) que eles permitem, como se fossem santuários desviantes não necessariamente para comportamento dissidente, mas para a identidade dissidente. (Althaus-Reid, 2019, p.119).

Por isso, a necessidade de *queerizar* os textos bíblicos, desestabilizando localizações de formação de identidades, reescrevendo outras histórias, como a de Sílvia e Verônica, recriando o mítico em nossas vidas, conquistando novos espaços mesmo diante o estranho e provisório. E que devem ser espaços seguros.

As tradições religiosas, principalmente o cristianismo, ainda se amparam no argumento de que a “natureza”, como vimos anteriormente, e a Escritura estabelecem uma ordem das coisas e que esta foi “dada” por Deus. É justamente aí, que pessoas LGBTQIAPN+ e *queer* continuam invisibilizadas, mas que nos tempos atuais reclamam dessa rejeição e sujeição, de não existirem nas vivências da fé e da sua religião, e nem se enxergarem nos relatos bíblicos. Cada vez mais reclamam e se expressam para serem aceitas e acolhidas como realmente são. Querem ser encontradas como a ovelha (Mt 18,10-14; Lc 15,1-7) que talvez nem tenha se perdido, mas sim, tenha sido invisibilizada e ignorada.

Deus é amor, como nos lembra Furtado em seu livro de ajuda pastoral. No cristianismo se estabelece essa relação com um Deus que ama e cria a todos por amor. Esse Deus que ama²² não poderia querer que alguém se escondesse²³ e se extinguisse²⁴. Sinceridade e integridade são sagradas! Então "assumir" torna-se um ato religioso, um ato de fé. Como vemos no retábulo que apresentamos como ilustração desta reflexão.

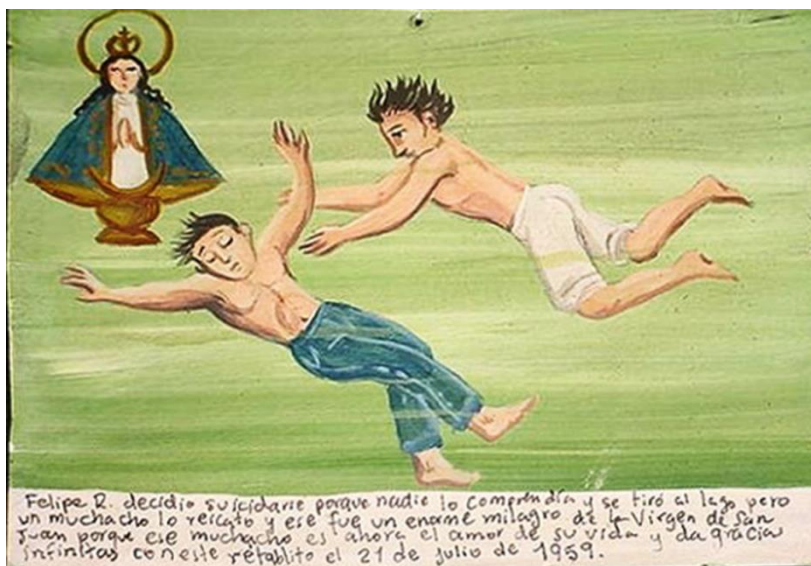
²² Sobre o amor temos uma vasta justificação no evangelho de João e na epístola de 1João.

²³ Podemos trazer a expressão “estar no armário”, muito usada para pessoas que não têm coragem ou são condicionadas a não dizerem e viverem livremente a sua orientação sexual.

²⁴ Como aconteceu nos extermínios e violências históricas da inquisição e do nazismo.

4 O POSSÍVEL LUGAR TEOLÓGICO E UM OLHAR PASTORAL (PRODUZIR)

Figura 4 - Retábulo



(Felipe R. decidiu se matar porque ninguém o entendia. Ele se jogou no lago. Mas um cara o salvou. Foi um grande milagre da Virgem de San Juan, porque esse cara se tornou para Felipe amor de sua vida. Felipe dá infinitas graças com este retábulo em 21 de julho de 1959)

Fonte: *Retablos: The biggest collection of modern retablos.*

Disponível em: <http://retablos.ru/en/tag/gays/page/9/>. Acesso em: 09 de julho de 2024.

A produção de sentido passa por aquilo que somos e quem nós somos. Ao longo das duas seções anteriores fui dizendo das minhas intenções e do quanto estou conectado ao texto e à pesquisa. Mas não disse sobre mim. Se eu estou produzindo o que hoje chega ao leitor dessa pesquisa, é porque tem um corpo com história e sentimentos que se misturam aos argumentos.

Assim, o texto tem credibilidade, pois me assumo responsável, com autoridade no assunto, e por isso passa a ser confiável e validado, até porque tem meu nome na capa dessa dissertação. Mas o “normal” é o autor se esconder atrás da escrita, assumir a terceira pessoa, ser neutro e técnico, para justificar a objetividade, a imparcialidade, a formalidade, a clareza, e uma convenção acadêmica. Assumo também essas características com responsabilidade, mas quero que o leitor enxergue o conteúdo também pelo pulsar de meu corpo exposto, porque o tema proposto exige essa atitude de minha parte.

Aquele que está aqui com você neste momento é um homem branco, cisgênero, com 45 anos de idade e que foi ordenado padre católico há 15 anos, teve experiências missionárias na Amazônia e na África, gosta de estudos bíblicos e de Teologia da Libertação, inquieto e sempre voltado às questões de missão, direitos humanos, ecologia, saúde integral e gênero. Desde pequeno se identificava como gay, mas ao longo da vida muito antes de aprender a se amar aprendeu a mentir, sobre si mesmo, sobre seu corpo e seus desejos, e com isso levou uma vida “normal”, mas estranhamente desonesta consigo mesmo. Hoje, trilha um caminho (atalho) arriscado, não fixado, a ser construído diariamente, mesmo diante às disciplinas e preceitos da estrutura eclesiástica na qual trabalha. Mas para ele, a fé cristã é baseada no amor e na aceitação, e todos os seres humanos são dignos de respeito e amor, independentemente de sua orientação sexual. E afirma, esses são os ensinamentos inegociáveis de Jesus.

4.1 A visibilidade do arco-íris – deixe a *bicha*/ovelha falar

A pessoa *queer* é nômade e sempre insatisfeita, porque não há um espaço predeterminado de ocupação, e carrega consigo as estranhezas da própria viagem, diz Althaus-Reid.

Isso significa que uma Teologia Queer cujo sujeito é o sujeito nômade sexual da teologia precisa chegar a um acordo primeiramente com todas as partes de corpos esquecidas e com as cerimônias de esquiteamento às quais as pessoas ou comunidades foram sujeitadas no passado. Isso é em partes a tarefa histórica da Teologia Queer. (Althaus-Reid, 2019, p.78).

A identidade da pessoa *queer* é em pedaços, e é exatamente aí que surge a necessidade da visibilidade. Para a teologia *queer* a *kenosis* de Deus alcança essas pessoas e inclusive se identifica com elas. Mas, como já analisamos, a ideologia heterossexual obnubilou a visibilidade desses corpos esquecidos, suprimidos, desprezados e desprivilegiados. E para que a visibilidade das pessoas *queer* não caia numa ênfase profunda na imanência, com suas experiências e vivências, e com isso corra o risco de se distanciar da teologia e de seu discurso, precisamos enxergar as pessoas

queer como lugar teológico. É ocupando esse espaço que podemos fazer teologia, mesmo que clandestinamente ou até mesmo subvertendo as teologias heterossexuais.

Mas pessoas *queer* nunca poderão entrar na “norma”, porque é justamente isso que se critica, a normatividade construída ideologicamente, e excludente. Elas sempre serão dissidentes enquanto houver uma norma opressora e absolutista. Por isso, a necessidade da transgressão, as pessoas *queer* constantemente transgridem. E a teologia *queer*, por consequência, reflete sobre essas transgressões.

Modos estranhos e indecentes (*queer*) vão aos poucos, mesmo que por outras rotas mais perigosas e periféricas, sendo assumidos na Teologia, sem que essa Teologia deixe de sentir algo. A Teologia que conhecíamos com “T” maiúsculo já não se sustenta por si mesma. Teólogas e teólogos *queer* tem esse desafio constante, de desestabilizar esses roteiros criados ao longo da história, que por sua vez são muito ortodoxos e sistemáticos.

...que sustentam uma ordem econômica, religiosa e sexual opressora. Reconhecê-los e torná-los públicos nos almanaques oficiais de teologia acadêmica oferece a possibilidade para que se criem roteiros de via(da)gem alternativos e múltiplos que proporcionem experiências inusitadas e transformadoras para os/as viajantes teológicos/as deste século. (Musskopf, 2012, p.303).

Mesmo sendo caminhos inesperados e insólitos, segundo Althaus-Reid, precisamos refletir sobre a sexualidade com um campo epistemológico que questiona os fundamentos do pensamento teológico, descobrindo assim outro jeito de pensar teologicamente. Um jeito baseado em experiências e fontes desenvolvidas fora dos cânones da ideologia heterossexual (Musskopf, 2012, p.304), como já falamos acima, assumindo uma linguagem conceitual indecente, *queer*, ou seja, deixar a *bicha* falar, essa ovelha que nem estava perdida, como já concluímos. A voz das pessoas *queer* é inegociável para se fazer teologia.

Se nas duas primeiras partes da pesquisa tentamos mostrar ideias de “ocupação” e “resistência”, podemos concluir que ocupar e resistir são também formas de “produzir” o conhecimento teológico. Momentos esses, que não estão desvinculados, acontecem simultaneamente, e isso é importante percebermos, pois esse único

movimento coloca as pessoas *queer* como lugar teológico. Esse lugar teológico que é de ocupação, resistência e produção. Quem sabe aqui seria interessante argumentarmos sobre esse lugar teológico.

A enciclopédia digital teológica latino-americana nos apresenta um caminho de reflexão sobre o “lugar teológico” e suas implicações. Dando-nos luzes para a argumentação do “lugar teológico” que queremos estabelecer nesta pesquisa.

A expressão “lugar teológico” tem uma longa tradição na teologia e ganhou muita relevância no contexto da renovação teológica (pós)conciliar, particularmente na teologia da libertação latino-americana. Essa relevância foi tamanha que acabou extrapolando seu campo semântico tradicional, embora essa mutação/ampliação semântica nem sempre tenha sido explicitamente tematizada e assimilada, nem muito menos formulada de modo adequado e suficiente. (Teológica latinoamericana, 2023).

Francisco de Aquino Junior, que colaborou com esse verbete na enciclopédia digital teológica, descreve que por mais que esse conceito de lugar teológico tenha se alargado, não deixou de gerar ambiguidades e tensões teóricas, causando incompreensões, acusações e até condenações teológicas. Isso nos faz imaginar que esse campo não é sereno de se transitar e de se explorar. Por isso, diz Aquino Junior, temos que nos firmar no sentido clássico dessa expressão “lugar teológico” com Melchor Cano e também nos novos sentidos que ela foi adquirindo no contexto da renovação conciliar e latino-americana da teologia.

Melchor Cano em *De locis theologicis* (1563) marca uma importante fase da teologia moderna, renovando a clássica teologia escolástica de sua época, junto a outros teólogos contemporâneos, ele reforça que a teologia, assim como toda ciência, tem seus “lugares comuns” sobre os quais está construída e dos quais depende. E baseando-se nos *Tópicos* de Aristóteles, ele compreende e propõe os “lugares teológicos” não somente como “lugares comuns”, mas como “fontes” ou propriamente “lugares” de argumentos teológicos (Teológica latinoamericana, 2023).

Assim como Aristóteles propôs em seus *Tópicos* uns lugares-comuns como sedes e sinais de argumentos, de onde se pudesse extrair toda argumentação para

qualquer classe de disputa, de maneira análoga, nós propomos também certos lugares próprios da teologia como domicílios de todos os argumentos teológicos, de onde os teólogos podem sacar seus argumentos ou para provar ou para refutar (Cano, 2006, p.9).

A concepção de “lugar teológico” já tinha sido esboçada por Aristóteles e teólogos contemporâneos a Cano. Mas foi Cano quem se debruçou sobre isso com mais precisão. Embora Cano tivesse estipulado quais seriam esses “lugares teológicos”, seu esforço foi fundamental no contexto da contrarreforma católica, que se colocava frente ao *sola Scriptura* da reforma protestante.

A superação desse reducionismo teológico, preparada por uma série de movimentos de renovação eclesial, que culminaram no Concílio Vaticano II, implicou numa retomada e atualização dos vários lugares teológicos e acabou produzindo uma ampliação e tensão semânticas na própria expressão “lugar teológico”. (Teológica latinoamericana, 2023).

E assim, o Concílio Vaticano II retoma as fontes da teologia para a renovação da teologia. Procurando compreendê-las como são em si mesmas e não apenas pelo filtro interpretativo do magistério. Aqui percebemos já uma abertura para a identificação de outros lugares teológicos, não somente os identificados por Cano, mas aqueles percebidos ao longo da pesquisa teológica. A expressão “lugar teológico” não é mais somente “fontes” ou “domicílios”, mas realidades teológicas.

... nas quais Deus se faz presente de um modo muito particular (densidade teológica) e pode ser encontrado e mais bem conhecido (densidade teológica). A expressão “lugar teológico” já não significa aqui uma espécie de “áreas de documentação”, mas se refere a realidades ou acontecimentos. (Teológica latinoamericana, 2023).

No contexto da teologia da libertação na América Latina os pobres e marginalizados são identificados como “lugar teológico”. E o que nos permite aqui identificar é quem são esses pobres e marginalizados. No item acima sobre o desnudamento da teologia da libertação já apontamos para isso. Identificar os rostos, os

corpos subjugados e marginalizados é uma tarefa também teológica. O lugar teológico não se extrai de textos e estudos, mas de realidades concretas, visíveis. Os pobres e marginalizados são a máxima e escandalosa presença profética e apocalíptica do Deus cristão. E por consequência um lugar privilegiado da práxis e da reflexão cristã (Ellacuria, 2000, p. 149-153).

É o “lugar teológico” que desempenha uma melhor compreensão do fazer teológico, e, por isso, causou uma renovação na teologia do século XX. Mas, como vimos, desde Melchor Cano tivemos essa influência ou inspiração, que nos remete à noção de “lugares teológicos” como “jazidas” de argumentos teológicos, com um caráter de “instâncias autoritativas de argumentação teológica” (Kasper, 2012, p.88). Entrando no contexto da própria epistemologia teológica e na elaboração e exposição da doutrina cristã (Teológica latinoamericana, 2023).

É na renovação teológica do século XX que surge com força a expressão “lugar teológico”, ligada ao fazer teológico. “Seja no sentido clássico de *fontes ou domicílios de argumentos teológicos*, seja num sentido novo de *realidades ou acontecimentos teologais*” (Teológica latinoamericana, 2023). Mas a novidade está na retomada das várias fontes de argumentos teológicos e a sua ampliação e nova compreensão dessas fontes, passando das fontes ou domicílios de argumentos teológicos para realidades ou acontecimentos teologais, nos quais Deus se faz presente e por consequência pode ser encontrado e melhor conhecido. E esse argumento só é acolhido frente a uma nova concepção de teologia e do próprio fazer teológico.

O que nos permite afirmar que “*peessoas queer*” sejam um lugar teológico é o fato de estarem inseridas nas “realidades e acontecimentos teologais”, onde superamos os pressupostos de Melchor Cano, com a problemática da fixação dos “lugares teológicos”, e avançamos em direção as propositivas da renovação conciliar do Vaticano II, que teve seu efeito e reverberação no fazer teológico da América Latina, deixando-nos mais livres para argumentar sobre novos “lugares teológicos”.

Poderíamos discorrer por toda essa fase histórica de renovação eclesial, mas já temos os argumentos necessários para inferir o lugar teológico às pessoas *queer* evidenciadas nesse trabalho. Todos os LGBTQIAPN+ como lugar teológico, que nos permite ver Deus presente e identificado nessas pessoas. E, frente a isso, o papel da teologia se torna ainda mais fundamental.

A teologia deve estar atenta para a realidade, as múltiplas formas de opressão, exclusão e discriminação que compõem essa realidade, e a busca pela sua superação desde a perspectiva da fé. Mais do que isso, a teologia tem que desenvolver sua reflexão a partir da corporeidade, das formas como todas estas questões são experimentadas nos corpos e nas relações dos seres humanos. (Musskopf, 2012, p.438).

Martin nos lembra de que para a Igreja Católica o batismo é a base de toda a vida cristã, uma porta de entrada para a vida no Espírito (CIC, nº1213). O batismo nos torna membros da Igreja, por isso todos os cristãos e incluindo os LGBTQIAPN+ devem compreender que esse sacramento sela o seu lugar na Igreja (Martin, 2022, p.42).

Tratar os católicos LGBTQIAPN+ como membros plenos da Igreja, em virtude de seu batismo, não é tão pleno assim. Por um lado e por força da exclusão, eles dizem com frequência que não pertencem a Igreja, e que muitos dizem que eles não fazem parte da Igreja. Como essa Igreja esta acolhendo e integrando os católicos LGBTQIAPN+?

Martin em seu livro *construindo uma ponte* propõe que essa acolhida seja feita a partir dos três pilares do Catecismo em relação aos LGBTQIAPN+: respeito, compaixão e sensibilidade (Martin, 2022, p.94). Poderíamos nos perguntar se esses pilares não seriam os mesmos que norteiam o pontificado do Papa Francisco em relação aos LGBTQIAPN+. Ao olharmos hoje para a Igreja, frente à dissidência dos corpos gays, lésbicos, transexuais, *queer*, vemos o Papa Francisco, que sinaliza mesmo em meio às ambiguidades, um grande sinal de acolhida da Igreja em relação aos corpos subjugados.

4.2 A Igreja frente à dissidência dos corpos subjugados

Apresentaremos a ressignificação de um pensamento ético da Igreja Católica sobre a homossexualidade e sobre todos os LGBTQIAPN+ a partir do pontificado do Papa Francisco. Essa necessidade se dá a fim de justificarmos um olhar pastoral sobre essas pessoas, que ousemos até aqui coloca-las como lugar teológico.

Papa Francisco recorda à Igreja Católica que ela deve conformar “seu comportamento ao do Senhor Jesus que, num amor sem fronteiras, Se ofereceu por todas as pessoas sem exceção” (AL 250).

Inúmeras pessoas cuja orientação sexual e identidade de gênero são silenciadas e contidas pelos padrões *hétero-cis-normativos*²⁵ são relegadas à invisibilidade. Essas pessoas sentem-se deslocadas e até perdidas no seu lugar que é revogado nas comunidades dos seguidores de Jesus Cristo. Com isso, deixam de viver plenamente, e seus corpos são subjugados, no ‘não espaço’ da vivência fraterna imperada pelo Cristianismo.

Em entrevista com o sociólogo Dominique Wolton, Papa Francisco (2018) destaca que o moralismo, principalmente na pregação dos padres, foi por muito tempo da cintura para baixo. Fazendo da Igreja uma controladora da moral sexual de forma a considerar pecaminoso tudo o que era ligado à sexualidade, de forma excessiva.

Os pecados da carne não são obrigatoriamente (sempre) os mais graves. Porque a carne é fraca. Os pecados mais perigosos são os do espírito. Falei do angelismo: o orgulho e a vaidade são pecados do angelismo. Entendi sua pergunta. A Igreja é a Igreja. Os padres tiveram a tentação – não todos, mas muitos – de concentrar-se nos pecados da sexualidade. É disso que já falei: do que é chamado de moral abaixo da cintura, os pecados mais graves estão em outro lugar. (Francisco, 2018, p. 158).

Wolton afirma na entrevista, diante do pontífice, que isso que o Papa diz não é ouvido e não está na tradição cultural. Reconstruir um novo humanismo, capaz de respeitar e recuperar a dignidade da pessoa humana, com sua corporeidade e sexualidade não dissociadas da experiência de fé e seguimento de Jesus.

Papa Francisco manifesta, no *Angelus* dominical²⁶, do dia 21 de março de 2021: “O Senhor, com sua graça, nos faz dar frutos, mesmo quando o solo está seco devido a mal-entendidos, dificuldades ou perseguições, ou reivindicações de legalismo ou moralismo clerical. Este é um solo estéril”. Essa fala do papa insere-se na reflexão que abre caminho para uma Igreja Católica, a partir de Francisco, preocupada não com a rigidez das normas, mas com a brandura da mensagem do Evangelho de Jesus Cristo.

²⁵ Admite como única relação possível a heterossexualidade em detrimento da diversidade sexual e de gênero, e rege as relações pessoais e sociais entre homens e mulheres por meio de padrões que foram naturalizados. Cisgênera é, portanto, aquela em que o gênero com o qual o indivíduo se identifica e expressa é “adequado” ao sexo – atribuído com base em critérios biológicos – segundo as expectativas sociais.

²⁶ Oração que é realizada todos os domingos, ao meio-dia, na Praça de São Pedro, presidida pelo Papa.

Na recente Carta Apostólica *Ad theologiam promovendam*, Francisco pede que a reflexão teológica se desenvolva com um método indutivo, e esse pedido é surpreendente, se contrapõe ao método dedutivo de uma teologia tradicional e eurocêntrica e aproxima-se mais da teologia latino-americana que já desenvolvia esse método indutivo ao menos 60 anos. E instiga na carta, que esse método indutivo parte dos diferentes contextos e situações concretas em que as pessoas estão inseridas, deixando-se questionar seriamente pela realidade, para se tornar discernimento dos “sinais dos tempos” no anúncio do evento salvífico do Deus-ágape, comunicado em Jesus Cristo.

Da mesma forma, Francisco apresentou uma necessidade de reforma no contexto atual comunicativo da Igreja, pelos fatores da convergência e da interatividade. Institui uma Secretaria para a Comunicação, com tarefa de reestruturar, reorganizar e incorporar os vários meios de comunicação vaticanos (Sbardelotto, 2018). Isso nos faz pensar, a partir dessa reforma, que o jeito de se comunicar da Igreja vem mudando, fazendo com que a interação com os novos sujeitos e os novos meios seja inevitável.

Recentemente, em janeiro de 2023, Papa Francisco disse com todas as letras que “Ser homossexual não é crime” e criticou as leis “injustas” que criminalizam a homossexualidade no mundo, e mais ainda, pediu aos bispos um “processo de conversão” para não apoiar estas regulamentações e muitas outras que criminalizam os LGBTQ+ ao redor do mundo (Bastante, 2023).

O papa interpela os bispos, agentes da base da Igreja Católica, a um processo de conversão, e que os mesmos devem agir com ternura, assim como o próprio Deus tem com cada um de nós. Este pensamento se coaduna com o momento histórico em que a Igreja vive, projetada para um caminho de retomada da sinodalidade, tão querida e desejada pelo próprio papa e movimentos mais progressistas dentro da Igreja. A sinodalidade é uma marca desse novo tempo que a Igreja vive, e pode ser a sua redenção ao enfrentar os principais desafios que a cercam.

James Martin (2023) revela que nesta primeira parte do Sínodo no Vaticano, em outubro de 2023, a mensagem mais poderosa foi a imagem de 350 delegados, homens e mulheres, sentados em mesas redondas, conversando entre si e ouvindo-se uns aos outros.

...e vimos todos discutindo as coisas em pé de igualdade, até mesmo com o papa em uma mesa redonda, percebi que a mensagem do sínodo é este método, que poderia ajudar imensamente a Igreja num momento de grande polarização. (Martin, 2023).

Berzosa (2022), em entrevista para *Settimana News* transcrita pela IHU, relata que só nos resta uma atitude, a de acolhida, porque o resto são detalhes:

Como ajudar uns aos outros, como abrir o coração e a mente para a acolhida de cada pessoa, esse é o cerne, o resto são detalhes. Jesus sempre se empenhou em favor da pessoa que está para além da lei. Escuta, acolhimento, integração, perdão, reconciliação... não são palavras, são atitudes humanas e cristãs. (Berzosa, 2023).

O sínodo para a sinodalidade, vivenciado pela Igreja Católica nesse tempo é um novo modo de viver o “ser Igreja”, nas três dimensões levantadas no instrumento de trabalho: “Comunhão, Participação, Missão” (*Instrumentum Laboris*). Ele promete ser diferente dos outros e propõe um “caminhar juntos” como máxima para sua concretização. Fixando, à luz do Evangelho, um convite universal onde promete que ninguém ficará excluído, que todos poderão expressar a sua palavra, o seu desejo, o seu pedido, para melhorar a forma de ser e de viver a Igreja (Berzosa, 2022).

Desta forma, estabelece-se um novo cenário para a Igreja, onde se vislumbra os novos sujeitos que agora se tornam visíveis e reivindicam seus lugares de fala e de espaços antes não concedidos. Mas estes novos sujeitos, e aqui em questão os LGBTQIAPN+ e pessoas *queer*, esses até pouco tempo pela sociedade e igualmente pela Igreja eram vistos como doentes, onde tratamentos eram propostos para que se curassem dessa “doença”. Havia criminalização explícita da prática homossexual e a homofobia era latente, e falar sobre essas questões era tabu. Os resquícios dessas atitudes perduram até os tempos atuais.

...pois muitos consideravam os homossexuais como degenerados, perversos e criminosos. Isto gerava uma repulsa espontânea e generalizada, tendo como consequência uma conspiração de silêncio. Homossexuais acabavam vivendo um

ostracismo e na clandestinidade, sofrendo amargamente rejeição por parte dos homens e “suposta reprovação por Deus”. (Lima, 2021, p. 92).

Esta realidade de silenciamento e de invisibilidade não poderia transforma-los em sujeitos de fé, e seus rostos e corpos acabavam por ser subjugados. E para que esses sujeitos sejam reconhecidos é necessário entender toda uma história de lutas e conquistas, principalmente civis, que ironicamente se sucederam nas sociedades majoritariamente cristãs e protestantes, profundamente transformadas pela cultura moderna. As principais motivações para as mudanças mais efetivas foram seculares e não religiosas (Lima, 2021).

E neste sentido, James Martin (2023) diz que o sínodo precisa levar em consideração as pessoas LGBTQ+, porque foram explicitamente mencionadas no *Instrumentum Laboris*. Não tem como a Igreja se esquivar da realidade e desses novos sujeitos e rostos subjugados.

Também foi mencionado em metade dos relatórios apresentados pelas conferências episcopais de todo o mundo. Muitos esperavam que o Sínodo encontrasse formas de falar explicitamente sobre como chegar a esta comunidade de novas maneiras. Também havia expectativas excessivamente altas de que o Sínodo iria, por exemplo, ratificar de alguma forma as bênçãos das uniões entre pessoas do mesmo sexo. (Martin, 2023).

No mundo católico, não obstante, as questões de gênero e orientação sexual ainda estão no âmbito do tabu. Iniciativas recentes em várias partes do mundo ocidental dão sinais de reivindicação desses temas no seio da Igreja, e o Sínodo para a Sinodalidade pode ser um sinal, como uma espécie de libertação e saída do “armário”. Há religiosos cristãos pioneiros, mas minoritários, que conquistam espaços e lugares de fala, e com certeza é um processo emancipatório de ruptura e desocultamento.

A própria voz de James Martin, padre jesuíta que defende a causa LGBTQ+ é sinal desse processo. Em 2017 Papa Francisco o nomeia como consultor do Secretário de Comunicações do Vaticano, e por sua vez, participa de uma das assembleias mais importantes do Vaticano na atualidade, o Sínodo para a Sinodalidade.

O primeiro passo é a visibilidade, enxergar que essas pessoas LGBTQIAPN+ existem e que são filhos e filhas de Deus, e amadas por Ele. Em segundo lugar, essas pessoas precisam ser reconhecidas como sujeitos de sua existência e serem incluídas e respeitadas. Dois passos caros pra a Igreja, porque a mesma precisa aceitar suas limitações, e também as visões do passado cuja moralidade discriminava e penalizava.

Olhando para o método pastoral²⁷ de Francisco de acolher, discernir e integrar, intuído ao logo de seu pontificado, podemos perceber que sua reflexão não se abstém da ajuda das ciências psicológicas e antropológicas, e não somente sob uma visão de dentro da Igreja para fora, mas de fora para dentro. E esse caminho é importantíssimo se queremos vislumbrar algum avanço no acolhimento às pessoas *queer* e lançar sobre elas um olhar pastoral.

Como já vimos, a realidade não pode ser vista ou abordada de maneira unilateral. Seria simples demais e até ingênuo, enquadrar as tendências sexuais humanas em dois grupos polarizados: homossexuais e heterossexuais. Há um universo de sensibilidades entre esses dois “extremos”. A realidade nos estimula a considerar cada caso, cada pessoa, na sua singularidade e especificidade, com suas mais variadas performances de existir neste mundo. Por isso, também, ao longo desse trabalho, alargamos o nosso olhar não somente para a homossexualidade, mas a todas as pessoas *queer* e LGBTQIAPN+ e o que a sigla nos permitir enxergar.

Neste sentido, a Igreja que se diz mãe e mestra, não pode simplificar ingenuamente esse quadro e ignorar o momento sociocultural na atualidade e os avanços obtidos pelas ciências biológicas e antropológicas. Toda simplificação referente à sexualidade humana não é justificável no tempo em que vivemos. Podem confundir e até inviabilizar as conquistas para uma identidade sexual personalizada e individualizada.

Poderíamos trilhar uma reflexão de Beattie: “Se a hierarquia católica pudesse abrir mão do seu medo e resistência a qualquer sugestão de fluidez ou de diversidade de gênero, ela descobriria que a tradição católica é, em si mesma, fluida em relação aos gêneros” (Beattie, 2019). A reflexão de Beattie abre ainda mais a discussão em torno do fato de que a Igreja precisa refletir com maturidade e ousadia sobre o tema da diversidade sexual e de gênero, sem se deixar cair no âmbito do tabu e principalmente da negação.

²⁷ Podemos perceber mais propriamente esse seu método pastoral no capítulo 8 da sua Exortação Apostólica pós-sinodal *Amoris Laetitia*.

A Congregação para a Educação Católica publicou em 2019 o documento “Homem e mulher os criou: para uma via de diálogo sobre a questão do *gender* na educação”. Essa publicação chega diante uma atmosfera febril, diz Beattie (2019), a fim de definir os termos, e promover um diálogo sobre gênero e educação sexual. Mesmo que os princípios orientadores desse documento sejam “escutar, analisar e propor”, será que dá conta das questões ligadas ao gênero e diversidade sexual?

Isso sugere que o documento poderia oferecer um engajamento informado e apaziguador com a compreensão científica e teórica atual em relação às questões de gênero, em estreito envolvimento com a literatura acadêmica relevante. Mas, antes mesmo que a palavra “diálogo” seja mencionada, ele já estabeleceu suas condições em termos inequívocos, deixando claro que o termo “gênero” pode ser usado legitimamente apenas para se referir a identidades e relações binárias heterossexuais. (Beattie, 2019).

Isso nos remete ao fechamento e ao dogma cego, com rotulações e preconceitos e a tão famosa criação do termo “ideologia de gênero” já abordada anteriormente, que mais atrapalha as reflexões em torno das questões de gênero do que ajudam para um caminho de acolhida integral das pessoas LGBTQIAPN+. Hoje a Igreja de Francisco parece estar nesta linha tênue, de uma antropologia contrária à fé e a reta razão, que desestabiliza a família. Romper essa ideia de “dimorfismo sexual” é uma árdua tarefa (Beattie, 2019).

Ainda sobre a assembleia do sínodo, James Martin (2023) revela a falta de qualquer menção ao termo “LGBTQ” na síntese final, denominada “Uma Igreja Sinodal em Missão”. Uma decepção, mas não uma surpresa:

Embora não possa partilhar o conteúdo das discussões de mesa ou das intervenções, posso dizer que tivemos discussões frequentes sobre o tema em muitas mesas (não só na minha, mas em várias outras) e que houve várias intervenções relevantes durante as sessões plenárias. As abordagens seguiram duas linhas: primeiro, houve pessoas, como eu, que partilharam histórias de católicos LGBTQ que lutavam para encontrar o seu lugar na sua própria Igreja, juntamente com apelos para que a Igreja chegasse mais a esta comunidade. Por outro lado, muitos delegados opuseram-se até mesmo à utilização do termo

“LGBTQ”, considerando-o mais refletido de uma “ideologia” imposta aos países pelo Ocidente ou de uma forma de “neocolonialismo”, e concentrando-se mais nos atos homossexuais como “intrinsecamente maus”. (Martin, 2023).

Há a necessidade urgente em contestar ou esclarecer ideias equivocadas e simplificadoras a respeito da homossexualidade e dos LGBT+. Algumas dessas ideias não passam de “mitos” populares e culturais arraigados e constituídos pela falta de conhecimento e ignorância (Valle, 2014). Por causa disso, muitos foram justificados com interpretações bíblicas fundamentalistas. Alicerçando uma marginalização e desprezo pela homossexualidade e corpos dissidentes.

A Igreja, à luz das ciências, tem um compromisso que também é de fé, em desmitificar a realidade referente à homossexualidade e enxergar cada vez mais as pessoas na sua integridade e experiências vividas, e acolher todos os LGBTQIAPN+. Tomar uma atitude de acolhimento e discernimento em vista de uma melhor integração dessas pessoas no seio da Igreja, como certamente faria Jesus Cristo. E se essa parte do sínodo, segundo Martin, o decepcionou, ele relata que o mesmo sínodo reconhece:

Às vezes, as categorias antropológicas que desenvolvemos não são capazes de compreender a complexidade dos elementos emergentes da experiência ou do conhecimento nas ciências e requerem maior precisão e estudo mais aprofundado. É importante, dizemos nós, sinodais, “aproveitar o tempo necessário para esta reflexão e investir nela as nossas melhores energias, sem ceder a julgamentos simplistas que prejudicam os indivíduos e o Corpo da Igreja”. (Martin, 2023).

Esse seria o método de Francisco? Se for, é por esse sentido que acaba sendo inovador e desbravador, mesmo em meio às ambiguidades da disciplina católica. Francisco reforça em seu pontificado um apelo para se falar com o coração, diante de uma realidade propensa à indiferença, carregada de desinformações que falsificam e instrumentalizam a verdade.

...para se comunicar testemunhando a verdade e o amor, é preciso purificar o próprio coração. Só ouvindo e falando com o coração puro é que podemos ver para além das aparências, superando o rumor confuso que, mesmo no campo da

informação, não nos ajuda a fazer o discernimento na complexidade do mundo em que vivemos. (Francisco, 2023).

Mas não podemos deixar de notar que Francisco abre caminhos, mesmo em meio a essas ambiguidades, e não teme em deixar-se questionar pelas “periferias existenciais”, principalmente pelos que sofrem com as diversas formas de injustiças, conflitos e carências. Antes de tudo, pelo método de Francisco, é preciso um acolhimento pastoral efetivo e verdadeiro.

O acolhimento pastoral de pessoas homossexuais, recomendado pelo Papa Francisco, encontra apoio na leitura crítica da Bíblia, na evolução histórica, nas conclusões das ciências, no ensinamento da Igreja e em iniciativas regionais promovidas pelos bispos. É preciso superar barreiras para viabilizar e fomentar esse acolhimento. (Lima, 2014, p. 29).

Mas esse acolhimento precisa romper as barreiras criadas pelos próprios documentos, como por exemplo, o documento citado acima da Congregação para a Educação Católica, que apresenta, segundo muitos teólogos, suas lacunas e limites, fazendo com que as questões práticas relacionadas à existência de pessoas homossexuais sejam invisibilizadas e ignoradas.

... o mais importante é a angústia que isso cria para os católicos LGBTQI que se esforçam para ser fiéis à Igreja e verdadeiros a si mesmos, ou para os pais que procuram oferecer apoio amoroso e afirmação aos filhos que lidam com questões de identidade e de gênero – filhos que têm um alto risco de suicídio e de problemas de saúde mental. Eu penso nos muitos cristãos que conheço que não se conformam com o “vaticanês” de documentos como esse, que estão oferecendo lares amorosos a seus filhos e que estão lutando como todo casal faz para construir relações sustentáveis, fiéis e amorosas em uma cultura de valores duramente individualistas e consumistas. (Beattie, 2019).

Em entrevista concedida a um jornalista em 2013 o Papa Francisco disse essa frase em resposta a sua pergunta sobre o acolhimento da Igreja às pessoas homossexuais: “Se alguém é gay e busca o Senhor e tem boa vontade, então quem sou

eu para julgá-lo?”. Seria aí uma ruptura e uma atitude de acolhida integral? Essa frase e esse seu pensamento abrem espaço para que os sujeitos LGBTQIAPN+ possam falar sobre a sua orientação sexual e identidade de gênero dentro da Igreja. Por menor que seja esse espaço, já significa uma abertura diante um fechamento histórico e sobreposto na tradição moral da Igreja.

James Martin (2023) argumenta que devido à feroz oposição que o tema sobre as vidas LGBTQ enfrentava, a síntese do Sínodo para a Sinodalidade apenas falava sutilmente de “sexualidade e identidade”.

No entanto, de forma crítica, pede à Igreja que ouça o desejo dos católicos LGBTQ (juntamente com outros grupos) de serem “ouvidos e acompanhados” e de fazer da Igreja um lugar onde possam “sentir-se seguros, ser ouvidos e respeitados, sem serem julgados”, depois de serem “magoados e negligenciados”. (Martin, 2023).

Muito além do sínodo, dos documentos magisteriais e documentos oficiais da Igreja estão os gestos e palavras de acolhimento apresentados por um Papa que se dispôs a provocar mudanças de paradigma na moral sexual da instituição milenar. Assunto esse, discutido na primeira reunião do Sínodo para a Sinodalidade. É neste sentido que a relação da Igreja Católica com os LGBTQIAPN+ vive um novo momento com o pontificado de Francisco. Há uma renovação e abertura pastoral a caminho.

Desde o início de seu pontificado, Francisco vem unindo palavras e gestos, discurso e ação, anúncio e testemunho, reflexão e prática, apontando com isso uma *práxis* comunicacional. O seu jeito de comunicar torna-se inspirador para os cristãos, e com isso, desencadeia mudanças paradigmáticas (Sbardelotto, 2020).

Com muitos gestos e palavras, já no seu primeiro ano de pontificado, Francisco foi revolucionando a comunicação da figura papal e da própria Igreja, convidando – pelo seu testemunho – a construir uma “cultura do encontro” e, dessa forma, a desconstruir a “globalização da indiferença”. (Sbardelotto, 2020, p. 61).

Também, desde o início de seu pontificado Francisco tem falado constantemente sobre a questão da homossexualidade, como a frase ao jornalista citada acima, e expande seus pensamentos três anos depois, com duas assembleias do Sínodo

dos Bispos dedicada ao matrimônio e à família, publicando a exortação apostólica *Amoris laetitia*. Essa exortação chega ao ambiente Católico com a proposta de uma maior abertura da igreja em relação às questões ligadas a família, e nas entrelinhas e não muito explícito uma maior abertura para às questões ligadas a homossexualidade (Giraud, 2023).

Com os Padres sinodais, examinei a situação das famílias que vivem a experiência de ter no seu seio pessoas com tendência homossexual, experiência não fácil nem para os pais nem para os filhos. Por isso desejo, antes de mais nada, reafirmar que cada pessoa, independentemente da própria orientação sexual, deve ser respeitada na sua dignidade e acolhida com respeito, procurando evitar ‘qualquer sinal de discriminação injusta’ e particularmente toda a forma de agressão e violência. (AL 250).

O limite sempre é o texto, e a realidade e as ações sempre são precursoras de renovação e maior abertura. Mas em *Amoris laetitia* percebemos maior atenção e afeto nas palavras, que já sinalizam ares de maior responsabilidade pela comunidade LGBTQ+ e torna possível, a partir do texto, maior proximidade com a realidade, principalmente quando Francisco garante em suas falas e escritos que todos devem ser convidados a participar da vida eclesial, como um chamamento a fraternidade e corresponsabilidade com tudo que diz respeito a vida das pessoas na sua inteireza e sacralidade.

Para algumas pessoas LGBTQIAPN+ e suas famílias essas conclusões do sínodo para a família, e também para a sinodalidade, podem parecer quase nada. E muitos queriam algo mais substancial e de aproximação real e existencial. Mas os textos são, apesar de sua fraqueza nesta questão, uma porta aberta para novas conversas, uma nova possibilidade para uma parte ou sessão desse Sínodo atual e de toda a Igreja.

Podemos nos perguntar se esta será a Igreja que nascerá do atual processo sinodal. Para isso, é decisivo “experimentar a terna presença do Senhor e descobrir a beleza da fraternidade”, que está presente na diversidade, “na rica variedade das nossas histórias e das nossas sensibilidades”, nas palavras do Papa. (Modino, 2023).

Em entrevista para um documentário²⁸ em outubro de 2020, papa Francisco deixa claro que “as pessoas homossexuais têm o direito de estar em uma família” e continua dizendo que os homossexuais “são filhos de Deus e têm direito a uma família”. São frases inovadoras para um papa e muito mais para uma Igreja que até então vivia sob a rigidez das normativas que se distanciavam de tais proposições proferidas. E mais ainda, a exemplo deste documentário, que até concorre a prêmios internacionais, Francisco não fala somente para os crentes, mas para o mundo todo.

Sbardelotto (2020) nos lembra da subversão de Francisco na tradicional bênção papal *Urbi et Orbi* (sobre a cidade e sobre o mundo) na sua apresentação papal em 13 de março de 2013:

... “E agora gostaria de dar a bênção, mas antes... antes, peço-lhes um favor: antes que o bispo abençoe o povo, peço-lhes que rezem ao Senhor para que me abençoe; a oração do povo, pedindo a bênção para o seu bispo. Façamos em silêncio essa oração de vocês por mim”. E inclinando-se diante do povo. Com esse gesto, Francisco reconheceu esse “outro” multitudinário que estava à sua frente – o “povo” –, pessoas diferentes dele mesmo, que também têm algo a oferecer, que são *co-comunicadoras*, também e principalmente no silêncio orante. (Sbardelotto, 2020, p. 64).

E diante destes gestos de acolhida, Papa Francisco dá um passo gigante em favor da inclusão e cidadania de pessoas LGBTQ+ na Igreja. Ao responder às dúvidas apresentadas por cinco cardeais, antecedendo às sessões do sínodo, o pontífice tratou da bênção as uniões de pessoas do mesmo sexo de forma surpreendente. Os cinco cardeais perguntaram se esta prática pode estar de acordo com a Revelação divina e com o ensinamento da Igreja (Lima, 2023).

Francisco respondeu: “Em nosso relacionamento com as pessoas, não devemos perder a caridade pastoral, que deve permear todas as nossas decisões e atitudes. A defesa da verdade objetiva não é a única expressão dessa caridade, que também é composta de gentileza, paciência, compreensão, ternura e

²⁸ Documentário “Francesco” com duas horas de duração que foi dirigido em 2020 pelo americano de origem russa Evgeny Afineevsky e teve como intenção mostrar os sete anos de pontificado do Papa Francisco, com depoimentos e entrevistas.

encorajamento. Portanto, não podemos ser juízes que apenas negam, rejeitam, excluem. [...] a prudência pastoral deve discernir adequadamente se existem formas de bênção, solicitadas por uma ou mais pessoas, que não transmitam um conceito errôneo de matrimônio. Pois, quando se pede uma bênção, está se expressando um pedido de ajuda a Deus, uma súplica para poder viver melhor, uma confiança em um Pai que pode nos ajudar a viver melhor". (Lima, 2023).

Esse é o jeito de Francisco. A vida da Igreja flui por muitos canais além dos normativos. E que o direito eclesiástico e as conferências não abrangem tudo. É um passo grande porque muda o ensinamento do Vaticano, que considerava ilícito abençoar relacionamentos implicando prática sexual fora do matrimônio. Na concepção de que Deus não poderia abençoar o pecado.

No sínodo sobre a Família e na exortação Pós-sinodal, Francisco já alertava que não devíamos considerar pecado mortal todos os que estão numa situação "irregular". Por causa de condicionamentos ou de fatores atenuantes, pode-se viver na graça de Deus, amar e crescer na vida da graça e da caridade, diz o papa. E exatamente aí é que precisam da ajuda da Igreja. E a ajuda da Igreja pode incluir também os sacramentos (Lima, 2023).

Por isso, deve-se lembrar aos sacerdotes que o confessionário não é uma sala de tortura, mas o lugar da misericórdia do Senhor. E que a eucaristia não é um prêmio para os perfeitos, mas um remédio generoso e um alimento aos fracos, aos que necessitam. (AL 301-308).

Os cardeais apresentaram suas dúvidas sobre a Revelação Divina, se ela é imutável ou se pode ser reinterpretada. E o papa responde que não muda o conteúdo revelado para a salvação de todos. Mas, é preciso distinguir na Bíblia e na Tradição a sua substância perene dos condicionamentos culturais. E, com isso, cita textos bíblicos em favor de possuir e de espancar escravos (Êxodo 21,20-21), bem como em favor da submissão das mulheres, exigindo-lhes também o uso do véu e o silêncio em público (1 Coríntios 11, 3-10; 1 Timóteo 2, 11-14). Isso não pode ser repetido e replicado hoje, pois a Igreja deve discernir constantemente o essencial para a salvação e evidentemente saber o que é secundário para a fé (Lima, 2023).

O próprio Concílio Vaticano II evoluiu sobre a doutrina e reconheceu que a Tradição progride. Por isso, Francisco retoma o Concílio e dá os passos imprescindíveis para a sua concretização que ainda está em curso. “Não se pode conservar a doutrina sem fazê-la progredir” diz o papa, “e nem se pode prendê-la a uma leitura rígida e imutável, sem humilhar a ação do Espírito Santo” (Lima, 2023).

Padre Luiz Corrêa Lima (2023), em sua longa jornada de acolhimento aos LGBTQ+, ainda insiste no dito do Papa, que o Espírito Santo está fazendo a diferença. E, por isso mesmo, quando gays, lésbicas ou bissexuais pedem esta bênção, desejam de fato a ajuda de Deus para viverem melhor. O companheirismo, a ajuda mútua, o afeto e a fidelidade são expressões do amor, cuja fonte é Deus.

O ensinamento recente da Igreja, a partir de Francisco, ainda precisa ser conhecido, pois impulsiona a novos olhares e ações pastorais. Porque o estigma da ameaça ainda assola muitas pessoas LGBTQIAPN+, principalmente em ambientes cristãos. Elas estão em nossas igrejas, dentro ou fora, mas na linha de frente da resistência, as vezes de uma cruel brutalidade por parte das instituições e dos documentos. Conhecemos essas pessoas, estão em nossas comunidades, em nossas casas, nos nossos relacionamentos. Elas têm, muitas vezes, como já falamos anteriormente, seus corpos subjugados e lanceados na cruz. E, por isso, a necessidade de descê-las da cruz e enxergar a sua ressurreição. É um caminho árduo, de conversão e muita atenção aos sinais dos tempos.

Na mística católica sempre houve abertura para novos arranjos e relações de gênero saudáveis e diversas. “Tecendo o humano e o divino em relações intensas de amor erótico, maternal e filial, e de amizade que evitam todos os binários sexuais” (Beattie, 2019).

4.3 Pessoas *queer* e seus corpos lanceados na cruz

Para falarmos aqui de pessoas *queer*, e já falamos muito ao longo desta pesquisa, temos que ir sempre definindo melhor o que é *queer*. Entender que esse conceito e palavra nascem da Teoria Queer, cujo lexema inglês é traduzido por “esquisito”, “estranho”, “raro”, “ridículo”, “excêntrico”. Mas o termo era conhecido na língua inglesa de forma pejorativa, ao se referir a homens e mulheres homossexuais.

Um insulto lesbo-homofóbico que, a partir do final da década de 1980, foi apropriado por grupos que pretendiam resignificá-lo em uma ação política que afirmava “We’re queer, we’re here, get used to it”. Neste momento, teóricos/as gays e lésbicas também se apropriam do termo para referir-se ao que se costumava chamar de Estudos Gays e Lésbicos. (Ferreira de Melo, 2020).

O termo *queer* passou a ter dois significados, o primeiro refere-se a grupos gays, lésbicos e transgêneros de modo mais geral, e o segundo diz respeito à área de estudos sobre esses grupos. Mas com os estudos feministas, principalmente pelos estudos da filósofa Judith Butler, o significado da palavra “queer” é expandido e ressignificado, onde o termo *queer* assume uma nova significação de se colocar-se contra a normalização, contra aquilo que enquadra principalmente num contexto cis-heteronormativo. E sua forma de atuação passa a ser transgressiva e perturbadora.

É neste contexto que somos convidados a olhar para as pessoas *queer* neste trabalho. Assumindo uma visão crítica, percebendo os discursos sobre sexualidade que normatizam pessoas que se sentem diferentes e marginalizam muitas pessoas que se veem diferentes e dissidentes, permitindo-nos transitar pela desnaturalização do que é considerado normal nos discursos sobre sexualidade, principalmente.

Os padrões de normatividade são construções discursivas com viés político que visa a marginalização dos que com ela não se identificam. Esses padrões são constantemente repetidos e reiterados para dar o efeito de natural. Esse efeito é performativo, isto é, tem o poder de produzir aquilo que nomeia e, assim, repete e reitera normas de gênero, de sexualidade e tantas outras. (Ferreira de Melo, 2020).

Por isso, a necessidade de se produzir novas frentes performáticas de construtos teóricos-metodológicos de desnaturalização, para ver os corpos dissidentes que não performam segundo os discursos regulados e esterilizados ao longo de uma história marcada pela heteronormatividade. E isso é importante para podermos estabelecer um critério de identificação das pessoas *queer*, e como se dá essa identificação. Ao longo deste trabalho estamos constantemente mostrando essas pessoas *queer*, e mais ainda, permitindo um olhar sobre o seu sofrimento e lutas por libertação.

Seus corpos estão aí, no meio de nós, entre nós, inclusive somos alguns de nós. A teologia e as igrejas cristãs, como vimos antes, precisam dar-se conta de uma realidade que é exposta, cada vez mais visível. As pessoas *queer*, as pessoas LGBTQIAPN+, não são “eles”, mas cada vez mais um “nós”. Filhos e filhas, irmãos e irmãs, pais e mães, tios, parentes, amigos, fiéis da mesma igreja, que sentam juntos no mesmo banco para rezar, que presidem celebrações, e que recebem a mesma comunhão, ouvem a mesma Palavra Bíblica.

Elas estão no trabalho, nas redes sociais, enfim, pessoas de orientação homossexual/homoafetiva não estão distantes e, ainda que muitos se encontrem escondidos ou escondidas “dentro do armário” das rejeições, elas estão aqui, presentes em nossas vidas. (Dumas, 2023, p. 231).

Necessitamos aceitar essa realidade, pois como vimos até aqui, as pessoas *queer* são pessoas “normais”, não como normatividade estabelecida ao longo da história, mas pessoas iguais a todas as outras - o próximo do contexto bíblico - que precisa ser integrado, aceito e amado. Antes de tudo, essas pessoas precisam ser enxergadas. Ou, antes mesmo de alguém fazer por elas – porque o discurso quase sempre é esse - elas mesmas criam a visibilidade, se libertam e se bancam serem aceitas e amadas.

Referente ao retábulo no início desta seção, poderíamos nos perguntar: por que Felipe decidiu se matar? Com quem ele não conseguiu dizer sobre sua vida, sobre suas angústias e sobre sua dor? Como enxergar esse espaço que não lhe é permitido ocupar, cujo desamparo acaba sendo um espaço de dor e solidão, angústia e desolação? Quantas pessoas subjugadas e isoladas!

A dor das pessoas LGBTQIA+ é profunda e multifacetada, muitas vezes enraizada em experiências de discriminação, rejeição e violência. Uma violência física e verbal é uma realidade constante para muitos, com ataques homofóbicos e transfóbicos. A saúde mental e espiritual de pessoas *queer* está quase sempre em alerta máximo. A pressão constante para se conformar às normas heteronormativas e a falta de apoio

podem levar a altos níveis de ansiedade, depressão e, em casos extremos, suicídio²⁹ (Fernandes, 2021).

Apesar dessas dificuldades, a resiliência e a força da comunidade LGBTQIAPN+ são notáveis. Muitos encontram sufrágio em redes de amigos, grupos de apoio e organizações que lutam pelos direitos LGBTQIAPN+. A visibilidade e a aceitação parecem estar crescendo, suas vozes por vezes estão sendo ouvidas, mas há um longo caminho a percorrer para alcançar a verdadeira igualdade e inclusão. Vemos muitos “Felipes” submersos, afogados no oceano da dor e discriminação, é raro surgir “caras/muchachos” que lhes salvam - como aconteceu com Felipe.



(Recorte da Figura 4)

Só no Brasil, por exemplo, temos um país que mais mata pessoas transexuais. Em 2023 no Dossiê Antra³⁰, dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras, vimos 145 assassinatos e 10 suicídios. Na sua maioria mulheres trans/travestis, negras e pobres e que trabalhavam como prostitutas nas ruas, cuja vulnerabilidade impera. Negarmos esses dados e esses fatos é parte da LGBTfobia internalizada na sociedade brasileira e mundial.

Em 2021, segundo relatório do grupo gay da Bahia³¹, 300 pessoas LGBTQIA+ foram mortas violentamente. E esses dados não variam muito nos anos posteriores. São dados alarmantes que chamam nossa atenção.

²⁹ A taxa de suicídio entre pessoas LGBTQIA+ é significativamente alta. De acordo com a revista científica americana *Pediatrics*, 62,5% das pessoas LGBTQIA+ já pensaram em suicídio e têm seis vezes mais chances de tirar a própria vida em comparação com pessoas heterossexuais. Além disso, o risco de suicídio aumenta em 20% quando essas pessoas convivem em ambientes hostis à sua orientação sexual ou identidade de gênero.

³⁰ Disponível em <https://antrabrasil.org>. Acesso em: 14 de outubro de 2024.

³¹ Disponível em: <https://grupogaydabahia.com/>. Acesso em: 14 de outubro de 2024.

Pois se lutamos por um país onde haja igualdade entre as pessoas é inadmissível aceitar estas mortes, não há espaço para a LGBTfobia, ou não deveria ter? Os grupos que fazem a leitura popular da Bíblia precisam se atentar a esta realidade. As comunidades que proclamam o reino de Deus e refletem a boa-nova de Jesus precisam abrir espaços para essas discussões e não simplesmente fechar os olhos para esta realidade, são vidas humanas que brutalmente são assassinadas apenas por suas orientações sexuais e relações de gênero. (José da Silva, 2022, p.11).

O compromisso cristão é urgente. Ver Jesus crucificado nesta gente é parte do discernimento cristão do seguimento. E podemos olhar de forma mais ampla para essa reflexão e colocarmos como pessoas *queer* também as pessoas dissidentes não só sexualmente, mas socialmente ignoradas e rejeitadas. Por sua cor da pele, por sua etnia, nacionalidade, religião ou deficiência. Todas essas pessoas por vezes são discriminadas, seja por sua orientação sexual, por ser pobre, por ser negro ou negra, por sua deficiência ou escolha religiosa. São corpos lanceados na cruz.

Em um passado recente tivemos o grande estigma da AIDS na década de 80, que colocaram as pessoas LGBTQIAPN+ em um grande escopo de discriminação ao associar a doença a sua orientação sexual. E a teologia teve que se esforçar a dizer algo.

Enquanto muitos viam na AIDS uma resposta punitiva ao escândalo da experiência gay, teólogos e teólogas precisavam dar uma resposta a crise, tanto desconstruindo esses discursos homofóbicos quanto construindo uma teologia que considerasse a profundidade do impacto da epidemia na vida de pessoas GLBT. (Musskopf, 2012, p. 209).

Mas a teologia se fixou mais no campo da ética sexual, segundo Musskopf, e não conseguiu lidar com questões mais profundas e existenciais. “A teologia gay e lésbica gaguejou, tropeçou e desagregou-se sobre os túmulos daquelas pessoas perdidas para a AIDS” (Stuart, 2003, p. 75).

A reflexão teológica foi posta em confronto e obrigada a criar alianças e a mergulhar num caminho mais integrativo, influenciando assim o desenvolvimento da própria *teologia queer*. Ou seja, a teologia foi ficando cada vez mais *queer*. Que se desenvolve juntamente com a teologia da libertação gay em meio à epidemia da AIDS. E

usar o termo *queer* é transgredir, “para virar ordens estabelecidas de cabeça para baixo e ao avesso, para resistir à razão convencional e à tradição estabelecida” (Clark, 1997, p. 6).

Essa teologia de certa forma buscou tornar o Divino *queer* e também tudo que está na escuridão e no submundo das discriminações. No apocalipse da AIDS e das mortes causadas por ela, um divino *queer* que assume a existência ferida e subjugada.

Assim, enquanto “ocupar, resistir, produzir” continuam sendo palavras que representam a luta diária e incansável pela terra, elas também auxiliam no processo de construção de uma epistemologia a partir da ambiguidade, refletindo a luta diária e incansável por uma verdadeira democracia sexual. (Musskopf, 2012, p. 402).

Aqueles e aquelas privadas ao acesso a terra inspiram também àqueles e àqueles que são privadas da dignidade de seus corpos sexuais. Esses corpos precisam ocupar a teologia e resistir para que outro mundo seja possível, e sempre produzindo o conhecimento teológico como peregrinos viandantes.

E precisam ocupar a teologia porque a própria teologia sem essa ocupação dos corpos *queer* alimentou discursos e práticas religiosas evocando a ideia de punição divina principalmente aos corpos homossexuais, alimentando, por exemplo, que a doença da AIDS era uma “doença gay”.

Num contexto no qual a homossexualidade ainda era ela mesma comumente tratada como uma doença, ideias reminiscentes do processo de medicalização iniciado na segunda metade do século XIX ofereceram uma linguagem comum para reforçar o discurso patológico com um toque especial vindo de instituições religiosas que misturavam – não coincidentemente – um diagnóstico clínico com um julgamento moral facilmente transformado numa campanha moralizadora, cujos efeitos nefastos agora são bem conhecidos. (Musskopf, 2020a, p.35).

Esse fantasma despertado pela epidemia da AIDS só alimentou mais ódio e repugnância à comunidade LGBTQIAPN+. Os corpos de pessoas *queer* foram cada vez mais lanceados na cruz de suas existências. Segundo Musskopf, cada vez mais foram estigmatizados como AIDS-homossexualidade-doença-punição.

Assim, uma reflexão teológica justa e *queer* não pode deixar de olhar para a imagem de Jesus de Nazaré, a revelação divina. Ele, que assumiu a nossa humanidade real, e revela também uma imagem *queer* de um Deus *queer*. Com isso, o nosso olhar pastoral se justifica e se firma como construção do possível lugar teológico, firmado nesta parte da pesquisa. Pois, para a antropologia cristã só há produção teológica a partir de Jesus.

4.4 Jesus de Nazaré – imagem *queer* de um Deus *queer*

Jesus estendeu a mão a todos os que se sentiam marginalizados. Esses marginalizados se sentiam atraídos por Jesus. Foi, muitas vezes, por essa atração que Jesus era criticado. Mas o seu movimento era sempre de inclusão, de criar um sentido para o “nós” e não apenas para o “eles”.

O que suscita oposição a Jesus é o fato dele não olhar para as pessoas e gritar “pecador”, mas olhar para as pessoas e dizer “tua fé te curou”, “ele será curado” - notemos a passagem da cura do amante do centurião romano - “quero ir na sua casa” - passagem de Zaqueu - e assim por diante.

No entanto, para Jesus, na maioria das vezes é *comunhão primeiro* – encontro, união, inclusão – e só depois a *conversão*. Refiro-me novamente à conversão de que todos nós precisamos, não apenas as pessoas LGBT. Todos somos chamados à *metanoia*, a uma conversão de corações e mentes. (Martin, 2022, p. 69).

Todos que passaram por essa *metanoia*, ao contato com Jesus, não necessariamente deixaram de fazer o que estavam fazendo, como seus ofícios, mas sentiram o poder da integração humano/divino. Todas essas pessoas tocadas por Jesus recebiam a mensagem de que fariam parte do reino anunciado e instaurado por ele e de que Deus as amava infinitamente. Com isso, Jesus é tido como estranho, blasfemo, impuro e louco. Esse estranhamento vem de uma sociedade religiosa marcada pela solidez dos preceitos e normativas históricas.

A prática de Jesus aqui retratada manifesta uma preferência pelo marginal... As Igrejas de hoje são desafiadas a empenhar as suas energias e recursos não apenas no “bom” e no forte, mas também (e especialmente) naqueles que precisam de cura e de um sentido de aceitação divina. (Martin, 2022, p. 69-70).

Não uma cura por ser pecador, mas uma cura pelas feridas causadas pela exclusão e abandono, pela marginalização e invisibilidade, de muitos cuja dignidade foi relegada às periferias das relações humanas e sociais. A cura que reestabelece a dor física, mas também a dor existencial. Jesus vai até o chão das realidades e ergue o caído e dilacerado. E por isso, ele mesmo se torna o rejeitado e humilhado.

Essa identificação de Jesus com o marginalizado faz com que muitos queiram vê-lo. Assim como Zaqueu que precisou subir em uma árvore porque a multidão o impedia de ver Jesus, tantas pessoas LGBTQIAPN+ e *queer*, hoje, querem ver Jesus, encontrar Jesus. Mas a multidão continua impedindo esse encontro, forçando a muitos desistirem dessa proximidade transformadora e libertadora. A multidão marcada pelo senso comum da exclusão faz com que a probabilidade do encontro seja quase impossível.

Após as dramáticas palavras de acolhimento de Jesus, as pessoas da cidade mostram a sua desaprovação começando a “murmurar”. Mas Zaqueu ficou “de pé”. A palavra grega original – *statheis* – no entanto, poderá ser mais próxima de “manter o seu posto”. A extensão da misericórdia a uma pessoa à margem geralmente provoca revolta naqueles que estão “por dentro”. Tal como sucede hoje! Trata-se de um lembrete para não deixar que aqueles que murmuram fiquem no caminho de um encontro com Jesus. (Martin, 2022, p. 113).

Para Jesus o que importa é estender a mão para aproximar os que estão distantes e distanciados, curar as feridas dos que estão doentes e adoecidos. Devolver todos a Deus, ao divino e a dignidade da vida. Papa Francisco sinaliza que, ainda hoje, é extremamente escandaloso para muitas pessoas, mas Deus é Pai e não renega nenhum de seus filhos, e o “estilo” de Deus é “proximidade, misericórdia e ternura” (Vatican News, 2022). E Deus mostrou essa proximidade enviando seu Filho Jesus.

E como podemos lidar com esse Jesus que se torna estranho e acusado das maiores blasfêmias? Desse Jesus que se mistura com os “pecadores” e se junta aos

“malfeitores”. Pois também ele foi um proscrito, também ele foi incompreendido, também ele foi espancado e cuspidor.

Talvez aqui, devamos refletir como a teóloga *queer* e feminista Ana Ester, de que nossa imagem de Deus sempre pode incorrer a uma idolatria. Essa imagem sempre será limitada e incompleta, e pode com isso criar um ambiente de exclusão e preconceito.

Um Deus-ídolo é aquele que não se move, que não muda. Mas Deus é o oposto disso. Deus desmancha, Deus escorre, Deus transborda. Deus é *queer*. Afinal, como explicou Marcella Althaus-Reid, “o Deus Queer é um Deus inacabado. Em processo, ambíguo, de múltiplas identidades, que nunca terminamos de conhecer porque, quando o abarcamos, escapa, há mais”. (Ester, 2023, p. 36).

Jesus é a imagem desse Deus inacabado e ambíguo. Jesus seria a imagem *queer* de um Deus *queer*. E diante dessa *queeridade* de Deus temos que nos desfazer do Deus-ídolo que impregna a mente de muitos líderes religiosos do tempo de Jesus e de nosso tempo. O Deus-ídolo é uma tentação constante e sempre contemporâneo. Por isso, Althaus-Reid diz que precisamos recuperar a memória do escândalo da teologia. Que nos insere numa nova práxis teológica, com uma nova forma de reflexão sobre Deus e sobre nós. E que a teologia tradicional evita e se esquia.

Deus entre as pessoas queer, e o Deus-Queer presente em Si mesmo; Deus, como encontrado na complexidade das sexualidades e relacionamentos rebeldes das pessoas; Deus no presente na *via rupta* de caminhos de práxis anteriormente não reconhecidos, isto é, caminhos abertos com facões nas matas, como os caminhos da experiência (e das pessoas nas margens) costumam ser. O escândalo teológico é que os corpos falam, e Deus fala através deles. (Althaus-Reid, 2019, p. 58).

Surge a necessidade de libertar Deus do status de Deus como refém de uma teologia heterossexual e contextual. Para uma teologia que considera todos os corpos e relacionamentos que estão e sempre estiveram nas margens. E necessariamente também nos questionamos sobre o próprio Reino de Deus anunciado por Jesus e interpretado pelos seus seguidores ao longo da história. Estas questões são postas em questionamento porque as construções históricas foram sempre limitadas, e por isso

mesmo devemos falar desses outros lugares onde a teologia deve intervir e questionar. Não obstante de certa turbulência, pois esse discurso teológico exclusivo e tradicional fez e continua fazendo do cristianismo um lugar de violência e de violentados.

Com isso, voltamos à necessidade de uma Teologia Queer para que Deus possa sair do armário, diz Althaus-Reid, em um relacionamento também trinitário fora da heterossexualidade (Althaus-Reid, 2019, p. 74).

Salientamos novamente que as teólogas e teólogos *queer* introduziram o corpo na teologia. Corpos transgressivos e dissidentes. Corpos inquietos que produzem reflexões inquietas e hesitantes. E como esses corpos não podem permanecer nos lugares prefixados e aprisionados, eles se tornam nômades, cruzando as fronteiras de uma teologia condenatória.

As pessoas *queer* são nômades inquietas e desinstitucionalizadas, assim como o próprio Deus e a própria pessoa de Jesus. Foi Jesus um peregrino nômade e desinstitucionalizado. Esse corpo nômade de Jesus não cabia nos discursos teológicos de sua época, e por consequência muitos corpos também não. E por isso também as pessoas *queer* têm sido condenadas ao longo da história. Porque não se encaixam nos padrões estabelecidos da moralidade e por sua vez nos padrões da própria teologia heteronormativa fixada. Só podemos refletir sobre pessoas *queer* quando refletirmos também sobre um Deus *queer* (Althaus-Reid, 2019, p. 91). E quem assumiu da melhor forma essa *queeridade* de Deus foi Jesus. E o Espírito Santo que escapa de qualquer formalização é quem desenha em múltiplas cores a *queeridade* divina.

E assim como nos lembrava a Teologia da Libertação, os pobres não são melhores do que ninguém, mas os privilegiados por causa de seu sofrimento e opressão. Assim também as pessoas *queer* não são melhores, mas seus clamores chegam aos ouvidos de Deus. Por isso, ao final de nossa práxis hermenêutica, devemos tentar redescobrir a imagem de um Deus *queer* que se manifesta nos relacionamentos sexuais, emocionais e políticos.

Esse é um Deus que depende de nossas experiências de prazer e desespero em intimidade para manifestar-Se mas que fora deslocado, teologicamente falando, por um Deus de grandes ilusões heterossexuais, de suposições fantasmáticas da ordem do amor e da sexualidade. (Althaus-Reid, 2019, p. 152).

São os corpos diferentes e dissidentes do povo de Deus que refletem os múltiplos corpos de Deus na *kénosis* trinitária, principalmente em Jesus. E não há como negarmos a presença desses corpos em nossos discursos sobre Deus. Corpos que sofrem opressão econômica e sexual.

As teologias e hermenêuticas localizadas no corpo são demonologias, locais contestados de possessão, ambivalência e lutas. Também são lugares de exorcismo. Teólogas queer lutam nas áreas do inominável da teologia, tanto queer quanto héteros, nessas que são áreas de nosso inferno comum como humanidade. (Althaus-Reid, 2019, p. 155).

A teologia *queer* precisa continuar seu caminho de hermenêutica não só abrindo a Bíblia nos espaços onde houve fechamento e silenciamentos, mas deve procurar reler a própria humanidade e os relacionamentos mais íntimos numa busca pela face de Deus que é *queer*, em um contexto de exclusão e opressão.

A figura de um Jesus *queer* pode parecer moderna, mas ao fazermos uma leitura sob uma lente inclusiva e diversa, encontraremos em sua vida e ensinamentos sinais dessa *queeridade*, como já sinalizamos. Ele mesmo desafiou essas normativas de sua época, associando-se aos marginalizados e oprimidos, isso incluindo mulheres, leprosos e cobradores de impostos. A sua mensagem é de amor e aceitação universal, que por sua vez rompe e se torna rejeição das normas rígidas e exclusivas da sociedade de seu tempo.

O fato de Jesus nunca ter se casado também desafiava as expectativas tradicionais de gênero e sexualidade. A sua relação de proximidade com os discípulos, especialmente João, é alvo de discussões e especulações sobre a natureza de suas relações pessoais.

Enfim, entre especulações e controvérsias está esse Jesus que com seu jeito de ser e agir nos instiga até hoje a romper com tudo aquilo que gera exclusão e rejeição. Os ensinamentos de Jesus ao longo dos séculos desestabilizaram muitas de nossas atitudes baseadas na tradição e na cultura, e permite ainda em muitos aspectos, também nas questões modernas de identidade e inclusão.

E, segundo Bianchi, se tivermos que identificar um texto *queer* ao longo da história, esse texto seria a Bíblia. Universalmente considerado um livro sagrado, um grande “código” da cultura ocidental. É um texto marcado pelo não ordinário, insólito e não conformado com as normas impostas.

De resto, o objetivo e substantivo inglês *queer* é geralmente traduzido como bizarro, estranho, curioso, excêntrico, extravagante, original, irônico, mas também suspeito, duvidoso, pouco claro. Devido a isso, a tarefa do *queer* é estragar, romper os equilíbrios, minar as certezas, sair do que é convencional, pré-estabelecido, recusando-se a aceitar respostas fáceis e convencionais. A Bíblia é uma coleção de livros que contém uma infinidade de episódios curiosos, estanhos, bizarros e às vezes até inacreditáveis, absurdos. (Bianchi, 2023).

É nesta estranheza que se encontram histórias de diversas pessoas extremamente estranhas e excêntricas nos relatos bíblicos. A Bíblia conta a história de pessoas *queer*, porque muitas vezes essas pessoas ultrapassaram o que era traçado e definido pela cultura, pela instituição, saberes e conhecimentos, das linguagens, gênero e ambientes sociais. E a maior dessas pessoas bíblicas é Jesus de Nazaré, que irrompe na história com um coração estranhamente *queer*.

Claro, as pessoas do tempo bíblico e também Jesus, foram pessoas históricas, cuja visão antropológica e do mundo é condicionado também por sua época, por sua cultura e por seus costumes. Não podemos exigir que essas pessoas nos deem elementos categóricos sobre identidade sexual e de gênero, pois não apreendiam as diversas identidades sexuais e de gênero há sua época.

Se por um lado temos hoje consciência de que a concepção patriarcal permeou a cultura e a mentalidade em que a Bíblia foi se formando, estamos igualmente conscientes que a mensagem bíblica é uma mensagem libertadora para toda estrutura autoritária e tirânica. A revelação bíblica contém uma mensagem de libertação e uma mensagem de justiça para todas as pessoas marginalizadas, excluídas e oprimidas. O Deus que “derrubou os poderosos dos seus tronos” é o Deus que está do lado dos oprimidos, excluídos e perseguidos: do lado dos escravos até às identidades sociais (e sexuais) consideradas “desviantes” do

modelo culturalmente imposto e socialmente reconhecido, ou seja, queer. (Bianchi, 2023).

O pressuposto teológico fundamental para que possamos realizar uma hermenêutica bíblica *queer*, como já abordamos na segunda seção, é que o próprio Deus é *queer*. Ele é excessivo com seu amor pela humanidade, sai de si e se revela na pessoa de Jesus de Nazaré, imagem *queer* de um Deus *queer*.

“Um Jesus queer, testemunha de um Deus queer”, afirmam Zorzi e Lintner, já que o próprio Jesus, que para os cristãos é a revelação total e definitiva de Deus, na sua vida transcende os modelos tradicionais, os esquemas habituais: “Dirige-se a pecadores, mulheres, crianças, escravos, doentes, abjetos e todos aqueles que estavam à margem, excluídos da normalidade e da cidadania do poder, da palavra e da ação. Zomba da família de sangue, se cerca de uma família de eleição em que a atenção não se concentra na relação de sangue, mas na relação de amor e de cuidado. Ele não se preocupa com a sua reputação pública, frequentando de bom grado cobradores de impostos e pecadores”. (Bianchi, 2023).

Essa é uma leitura *queer* que acaba quebrando todos os esquemas pré-fixados que justificam a exclusão e marginalização das pessoas. Liberta o próprio Deus dos jeitos estreitos de nosso limite cognitivo. E principalmente daquilo que nos feriu ao longo da nossa história, uma cultura patriarcal, androcêntrica, machista, binária e colonialista, que cercaram o construto dos textos bíblicos.

Uma leitura *queer* como método exegético, permite trazermos a tona o que já estava lá e não víamos ou não sentíamos, e incapazes de ver porque nos acostumamos a uma única forma de interpretação. Só assim podemos perceber um Deus que nunca se enquadrou nos esquemas estreitos de nossas interpretações.

Isso é importante para não falarmos de forma simplista sobre homossexuais, heterossexuais, bissexuais ou transexuais. Ninguém deve ser definido pelos seus comportamentos ou reduzido a eles. Tudo isso é um mistério e um enigma. Não ter medo desse mistério e desse enigma é permitir que o “vir ao mundo” de cada pessoa não seja relegado às doenças e patologias, mas às infinitas formas e variantes jeitos de expressão

da sexualidade e de gênero. Indo além das livres escolhas e permitindo ver a realidade complexa do humano na sua coragem de ser.

5 CONCLUSÃO

No dia 18 de Janeiro de 2025, em uma das tardes mais quentes daquele verão, resolvi marcar a finalização dessa jornada dissertativa participando da 2ª Parada Livre da cidade de Tramandaí, litoral gaúcho. Lá, vi as mesmas *Drag Queens* da casa noturna *Work Room* que descrevia no início deste trabalho. Elas performavam iluminadas, montadas e com seus leques coloridos e maquiagens exuberantes, sorriam e brindavam aquele dia que inspirava orgulho e liberdade. Com elas, uniam-se muitas outras pessoas LGBTQIAPN+, com seus corpos marcados com infinitas cores. Mas o que mais me chamou a atenção foi o momento em que a comissão organizadora do evento leu a carta manifesto da parada.

Compartilho um trecho que diz muito sobre o que vimos nessa dissertação.

Nossa população historicamente teve seus direitos negados pela sociedade e pelo Estado. Vivemos tempos sombrios, aos quais nossas sexualidades eram consideradas doenças, nossos corpos dissidentes do padrão heteronormativo são violentados sistematicamente ainda hoje e nossa cidadania ainda não foi plenamente alcançada. (...) Recentemente passamos por um período de verdadeiro desmonte das políticas públicas por parte de setores conservadores, que insistem em negar as nossas vidas e existências. (Fonte: Comissão Organizadora da Parada Livre de Tramandaí. Manuscrito não publicado).

Figura 5 – 2ª Parada Livre de Tramandaí (Leitura do manifesto).



Fonte: Foto do autor.

Percorremos um caminho por uma antropologia teológica que quis nos ajudar a enxergar os corpos e rostos subjugados das pessoas *queer*. A ideia de ocupar, resistir e produzir trouxe uma perspectiva das próprias pessoas *queer* e dissidentes. Logo no início apresentamos dois exemplos de como a sexualidade se estabelece hoje na perspectiva da antropologia cristã, e a partir daí, com os elementos que foram apresentados, fomos construindo os argumentos das demais reflexões. Trouxemos o dilema do “sexo correto” e da “ideologia de gênero”, com a problemática da Lei Natural, que evidenciaram pessoas discriminadas e rejeitadas, tornadas dissidentes, como o ‘outro’ caído no caminho da parábola de Jesus.

A ideia foi permitir um caminho alicerçando o lugar ocupado pelas pessoas *queer* no mundo, na sociedade, nas igrejas e famílias, desvelando o quão necessário é para o debate teológico atual. Pois deixar de ver alguém também é deixar de dar vida a alguém. Por isso, vimos que as questões de gênero não poderão se tornar uma forma de desviar nossa atenção para as reais forças destrutivas de nossa sociedade. Ao olharmos para o ‘armário fechado’ da casa comum notamos em meio às intemperes um grande sinal de libertação.

Abordamos sobre a Teologia da Libertação, desenvolvida na América Latina, que destaca os pobres e oprimidos como sujeitos da teologia, essa teologia desafiou e continua desafiando as normas teológicas tradicionais e visa a inclusão das vozes marginalizadas. No entanto, apesar de suas inovações, essa teologia comumente invisibilizou especificidades relacionadas a corpos e sexualidades. Por isso, vimos que a teologia precisa incorporar as experiências das pessoas LGBTQIAPN+, que muitas vezes foram ignoradas ou secundarizadas. Marcella Althaus-Reid propõe um desnudamento da Teologia da Libertação através da perspectiva *queer*, reconhecendo a necessidade de justiça social e sexual. A reflexão teológica precisa evoluir para incluir todas as vozes e experiências, tornando-se mais inclusiva e representativa.

Neste sentido, com maior relevância trouxemos o pensamento de Marcella Althaus-Reid e André Musskopf, que desenvolvem uma “teologia indecente”, relacionando as promessas revolucionárias da Teologia da Libertação Latino-Americana com o que também se desenvolve na Teoria e da Teologia Queer. Nessa relação pretendíamos visualizar melhor as três palavras do lema do MST trazidas a esse trabalho, “ocupar,

resistir, produzir”, como três eixos que ao mesmo tempo são distintos e simultâneos para uma epistemologia teológica *queer*.

Seguimos pelas releituras bíblicas e uma proposta de hermenêuticas transversas, com a ajuda de Maria Cristina S. Furtado e André Musskopf, e destacamos a importância de se ler a Bíblia com contexto histórico e cultural, em sintonia com as orientações do Papa Francisco, que alerta contra leituras descontextualizadas e prejudiciais. Furtado argumenta que passagens frequentemente usadas para condenar pessoas LGBTQIAPN+ são mal interpretadas devido a anacronismos. Assim, instigamos para a busca de leituras mais inclusivas e conscientes da Bíblia, que podem promover a inclusão de todas as pessoas, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero. Segundo Althaus-Reid, uma leitura *queer* das Escrituras é necessária para desconstruir a lei patriarcal do amor e integrar plenamente as pessoas *queer* nas comunidades religiosas.

Na última parte tentamos caminhar pela produção de sentido. Onde a identidade *queer*, fragmentada e invisibilizada pela ideologia heterossexual, necessita de visibilidade na teologia. A teologia *queer* vê as pessoas *queer* como um lugar teológico, essencial para reflexão teológica. Pessoas *queer*, por criticar a normatividade opressora, são constantemente dissidentes e transgressoras. Neste sentido, teólogas e teólogos *queer* desafiam roteiros ortodoxos históricos e buscam tornar públicas essas experiências. A expressão "lugar teológico", que tradicionalmente se referia a fontes de argumentos teológicos, vimos que na teologia da libertação e na renovação conciliar do Vaticano II ampliou-se para incluir realidades onde Deus se faz presente, como os pobres e marginalizados, e por implicação as pessoas *queer*, objeto desta pesquisa.

Fizemos um esforço para apresentar a ressignificação de um pensamento ético da Igreja Católica sobre a homossexualidade e sobre todos os LGBTQIAPN+ a partir do pontificado do Papa Francisco. Percebemos essa necessidade a fim de justificarmos um olhar pastoral sobre essas pessoas, que ousemos ao longo do trabalho colocá-las como lugar teológico, respondendo à grande questão desta pesquisa.

Assim, fomos descobrindo com a pesquisa que a teologia *queer* põe as pessoas *queer* como um lugar teológico, legitimando suas experiências como fundamentais para a prática e reflexão teológica. O papel da teologia é crucial para reconhecer Deus nas pessoas LGBTQIAPN+ e promover uma teologia inclusiva e

transformadora. E que Jesus seria a imagem de um Deus inacabado e ambíguo, a imagem *queer* de um Deus *queer*.

Desta forma quisemos atrair a todas e todos a se permitirem a partir desta jornada dissertativa, aceitando cada vez mais que os nossos olhos vejam, e ao ver percebam o espaço dos que estão aí, sempre estiveram aí, pertinho de cada um, por vezes tidos como perdidos e desviados, mas ao contrário, foram rejeitados e invisibilizados, abandonados como a ovelha que talvez nem estivesse perdida, mas ignorada no convívio fraterno.

Termino dando ênfase à realidade dos grupos da Rede Nacional de Católicos LGBTQ+, principalmente em relação ao grupo que ajudei a formar aqui no Rio Grande do Sul em 2024, atualmente reunindo 32 pessoas. Uma realidade em torno do existir desse grupo, que reúne pessoas LGBTQ+ de nossas igrejas e comunidades, onde muitas são distanciadas e silenciadas. A experiência do grupo faz emergir pessoas que estavam e ainda estão nos ambientes religiosos e que não se sentiam seguras de falar sobre si mesmas, na liberdade de ser. Colaborar para que um grupo desses exista é dar vida às pessoas, e ser fiel à missão cristã.

Os grupos católicos LGBTQ+ oferecem um espaço seguro e acolhedor para as pessoas que se sentem marginalizadas ou rejeitadas pela Igreja Católica, quanto à sua orientação sexual ou identidade de gênero. Permitem que as pessoas LGBTQ+ católicas mantenham sua fé e espiritualidade, mesmo diante de uma Igreja que ainda precisa se reajustar em relação à homossexualidade e questões de gênero. Fornecem uma comunidade de apoio e solidariedade, onde as pessoas podem compartilhar suas experiências, desafios e alegrias. Trabalham para promover a aceitação e a inclusão das pessoas LGBTQ+ dentro da Igreja Católica, buscando mudanças nas políticas e atitudes da Igreja. Ajudam a melhorar a saúde mental e o bem-estar das pessoas LGBTQ+ católicas, que frequentemente enfrentam estresse, ansiedade e depressão devido à discriminação e rejeição.

Convido a fazermos uma oração a uma pessoa *queer*, a uma pessoa LGBTQIAPN+. Mas alguém que você conheça, diga seu nome, pense como ela é, como se apresenta, como se veste, o que ela já lhe falou, quais traços carrega, se puder imaginar um cenário onde haja ovelhinhas a espera do pastor, imagine ela sendo uma

ovelhinha toda colorida, uma ovelha *queer*, aceite do jeitinho como ela é, deixe ela se aproximar e ocupar esse espaço que muitas vezes lhe é negado, e improvise essa oração:

Deus de amor e aceitação.

Eu te peço que abençoes [nome da pessoa] com tua amorosa presença. Conhecedor de todas as coisas, Tu sabes o que [nome da pessoa] está passando e o que precisa.

Eu te peço que protejas [nome da pessoa] de toda forma de discriminação, rejeição e violência. Que Tu lhe dês a força e a coragem para ser quem é, sem medo de julgamento ou rejeição.

Eu te peço que abençoes [nome da pessoa] com tua amorosa aceitação, que Tu lhe mostres que é amado(a) e valorizado(a) exatamente como é.

Que [nome da pessoa] sinta a tua presença amorosa em sua vida, e que Tu lhe dês a paz, a alegria e a liberdade para viver sua vida plenamente. Amém.

REFERÊNCIAS

- ALISON, James. *AIDS como lugar de revelação*. In: ASSMAN, Hugo (ed.). René Girard com teólogas da libertação. Petrópolis/Piracicaba: Vozes/UNIMEP, 1991. P.309.
- _____. *Fé além do ressentimento: Fragmentos católicos em voz gay*. São Paulo: Erealizações, 2010.
- ALTHAUS-REID, Marcella María. *Demitologizando a teologia da libertação: Reflexões sobre poder, pobreza e sexualidade*. In: SUSIN, Luiz Carlos (org.). Teologia para outro mundo possível. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 455-470.
- _____. *Deus queer*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2019.
- _____. *Indecent Theology: Theological Perversions in Sex, Gender and Politics*. London: Routledge, 2001.
- _____. *Marx em um bar gay: La Teologia Indecente como una reflexión sobre la teologia de la liberación e la sexualidade*. Numen, [S. l.], v. 11, n. 1 e 2, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21772>. Acesso em: 19 ago. 2024.
- AQUINO JÚNIOR, F. *Lugar Teológico*. In: Theologica Latinoamericana. Enciclopedia Digital.
- BASTANTE, Jesús. Francisco, assertivo: "Homossexualidade não é crime". Entrevista publicada por Religión Digital, 25-01-2023. In. IHU on-line, 2023. Disponível em: <<https://ihu.unisinos.br/625829-francisco-retumbante-homossexualidade-nao-e-crime>> Acesso em: 03 jul. 2023.
- BEATTIE, Tina. *A teoria de gênero e a educação católica*. Artigo publicado por Catholic Theological Ethics in the World Church, 30-07-2019. Tradução de Moisés Sbardelotto. In. IHU on-line, 2019. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/591568-a-teoria-de-genero-e-a-educacao-catolica-artigo-de-tina-beattie>> Acesso em: 04 dez. 2023.
- BENTO XVI. *Audiência geral*. Roma, 26/04/2006 [Disponível em www.vatican.va].
- BERZOSA, Maria L. Sínodo: os caminhos percorridos pelos cristãos LGBTQIA+. Artigo publicado por Settimana News, 30-11-2022. In. IHU on-line, 2022. Disponível em: <<https://ihu.unisinos.br/categorias/624437-sinodo-os-caminhos-percorridos-pelos-cristaos-lgbtqia>> Acesso em: 03 jul. 2023.

- BIANCHI, Enzo. *No princípio Deus era queer?* Artigo publicado por La Stampa, 02-12-2023. A tradução de Luisa Rabolini. In. IHU on-line, 2023. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/635035-no-principio-deus-era-queer-artigo-de-enzo-bianchi>> Acesso em: 15 out. 2024.
- BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. Ver. E ampl. 2. Impr. São Paulo: Paulus, 2003.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão de identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- BUTLER, Judith. *Quem tem medo do gênero?* São Paulo: Boitempo, 2024.
- CANO, Melchor. *De Locis Theologicis*. Madrid: BAC, 2006.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas: Loyola, 1993.
- CERNUZIO, Salvatore. *Gênero, o Vaticano: não à ideologia, “pontos de encontro” para a luta contra as discriminações*. Artigo publicado por Vatican Insider, 10-06-2019. Tradução de Luisa Rabolini. In. IHU on-line, 2019. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/589936-genero-o-vaticano-nao-a-ideologia-pontos-de-encontro-para-a-luta-contra-as-discriminacoes>> Acesso em: 10 set. 2024.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, 1962-1965. *Compêndio do Concílio Vaticano II*. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 37-117.
- DUNAS, Renato. *Homossexualidade, bíblia e teologia: história, interpretações e desafios para a Igreja*. São Paulo: Saber Criativo, 2023.
- EGGERT, Edla. *Educação popular e teologia das margens*. São Leopoldo: Sinodal, 2003.
- EGGERT, Edla (org.). *[Re]leituras de Frida Kahlo*. Por uma ética estética da diversidade machucada. Santa Cruz: EDUNISC, 2008.
- ELLACURÍA, Ignacio. *“Los pobres, lugar teológico en América Latina”*. In. *Escritos Teológicos I*. San Salvador: UCA, 2000, p. 139-161.
- ESTER, Ana. *Dezmandamentos: teologia lésbico-queer-feminista*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2023.
- FERNANDES, Jaqueline. *Setembro Amarelo: pessoas LGBTQIA+ têm 6 vezes mais chance de suicídio*. Artigo publicado por Metrôpolis, 10-09-2021. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/saude/setembro-amarelo-pessoas-lgbtqia-tem-6-vezes-mais-chance-de-suicidio>> Acesso em: 02 dez. 2024.

- FERREIRA DE MELO, Iran. *Linguística Queer: que tiro é esse, viado?* In: *Corpos dissidentes, corpos resistentes: do caos à lama*. Organizadores, Iran Ferreira de Melo, Natanael Duarte de Azevedo. Campina Grande: Realize eventos, 2020.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade II. O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- FRANCISCO, PP. *Exortação Apostólica Amoris laetitia: sobre o amor na família*. Brasília: Edições CNBB, 2016.
- FRANCISCO, PP. *Carta Apostólica Ad theologiam promovendam*. In: <http://www.vatican.va>.
- FRANCISCO, PP. *O futuro da fé: entrevista com o sociólogo Dominique Wolton*. Rio de Janeiro: Petra, 2018.
- FRANCISCO, PP. *Mensagem do Papa Francisco para o 57º Dia Mundial das Comunicações Sociais. 21 de maio de 2023*. In: <http://www.vatican.va>.
- FREIRE, Ana Ester Padua. *Armários Queimados: igreja afirmativa das diferenças e subversão da precariedade* 29/11/2019 275 f. Doutorado em CIÊNCIAS DA RELIGIÃO Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte Biblioteca Depositária: Pe . Alberto Antoniazzi.
- FURTADO, Maria Cristina S. *A Igreja e as pessoas LGBTQIAPN+: atendimento pastoral com base no “amor incondicional de Deus”*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2024.
- GIRAUD, Hervé. *Papa Francisco quer quebrar o silêncio sobre a homossexualidade*. Artigo publicado por La Croix International, 20-02-2023. In. IHU on-line, 2023. Disponível em: <<https://ihu.unisinos.br/sobre-o-ihu/78-noticias/626344-papa-francisco-quer-quebrar-o-silencio-sobre-a-homossexualidade-artigo-de-herve-giraud>> Acesso em: 3 de jul. 2023.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teología de la liberación*. Perspectivas, Salamanca: Sígueme, 1972.
- HORAN, Daniel P. *A verdade sobre a chamada “ideologia de gênero”*. Artigo publicado por National Catholic Reporter, 24-06-2020. In. IHU on-line, 2020. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/600316-a-verdade-sobre-a-chamada-ideologia-de-genero-artigo-de-daniel-horan>> Acesso em: 12 set. 2024.

- IHU on-line. *Por uma nova moralidade sexual*. Entrevista especial com Todd Salzman e Michael Lawler. In. IHU on-line, 2013. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/?catid=0&id=517726>> Acesso em: 28 nov. 2024.
- JOÃO PAULO II. *Catecismo da Igreja Católica*. São Paulo: Edição típica Vaticana, Loyola, 2000.
- JOSÉ DA SILVA, Erivaldo. *Diversidade e Caridade*. São Leopoldo: CEBI, 2022.
- LIMA, Luiz Corrêa. *Homoafetividade e evangelização: abrir caminhos*. Vida Pastoral, ano 55, n.297, p. 29-36. 2014.
- LIMA, Luiz Corrêa. *Teologia e os LGBTQ+*: Perspectiva histórica e desafios contemporâneos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.
- LIMA, Luiz Corrêa. *O Papa e a Bênção às Uniões Homossexuais*: O que muda? In. Contém Amor, 2023, Disponível em: <<https://contemamor.com.br/o-papa-e-a-bencao-as-unioes-homossexuais-o-que-muda/>> Acesso em: 21 nov. 2023.
- LIMA, Silvia Regina; BOEHLER, Genilma; BEDURKE, Lars Bedurke. *Teorias queer y teologías: estar en otro lugar*. San José, Costa Rica: Editorial DEI, 2013.
- MACIEL, Renan da Cruz. *Linhas que costuram resistências entre a igreja católica romana e a homossexualidade masculina'* 24/09/2020 112 f. Mestrado em CIÊNCIA DA RELIGIÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, Juiz de Fora Biblioteca Depositária: UFJF.
- MARTIN, James. *Construindo uma ponte*. Como a Igreja Católica e a comunidade LGBT podem estabelecer uma relação de respeito, compaixão e sensibilidade. São Paulo: Paulinas, 2022.
- MARTIN, James. *O que aconteceu no Sínodo sobre a Sinodalidade*. Artigo publicado na revista America, 30-10-2023. In. IHU on-line, 2023. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/633837-o-que-aconteceu-no-sinodo-sobre-a-sinodalidade-artigo-de-james-martin>> Acesso em: 03 nov. 2023.
- MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: Um aprendizado pelas diferenças*. São Paulo: Autêntica, 2012.
- MODINO, Luis Miguel. *A Assembleia Sinodal mostra a dificuldade de construir uma Igreja da diversidade*. IHU on-line. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/633731-a-assembleia-sinodal-mostra-a>>

dificuldade-de-construir-uma-igreja-da-diversidade-artigo-de-luis-miguel-modino>

Acesso em: 03 nov. 2023.

MUSSKOPF, André S. *Fazemos a teologia que podemos: Igrejas inclusivas na América Latina nas décadas de 1980 e 1990. Série ensaios teológicos indecentes, volume 4.* São Paulo: Senso, 2021.

_____. *Nem santo te protege: AIDS, teologia e religião de bolso.* Belo Horizonte: Senso, 2020a.

_____. *Que comece a festa: O filho pródigo e os homens gays.* Belo Horizonte: Senso, 2020b.

_____. *Uma brecha no armário: Propostas para uma teologia gay.* CEBI, 2015.

_____. *Via(da)gens teológicas: itinerários para uma teologia Queer no Brasil.* São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

OLIVEIRA, Tory. *Judith Butler: “O ataque ao gênero emerge do medo das mudanças”.* Artigo publicado por Carta Capital, 07-11-2017. In. IHU on-line, 2017. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/186-noticias-2017/573398-judith-butler-o-ataque-ao-genero-emerge-do-medo-das-mudancas>> Acesso em: 11 set. 2024.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *O que é o homem?* São Paulo: Edições Paulinas, 2020.

PRIMO, Carlos. *O centurião homossexual(?) do Evangelho sobre o qual os teólogos não concordam.* Artigo publicado por El País, 23-12-2023. In. IHU on-line, 2024. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/635625-o-centuriao-homossexual-do-evangelho-sobre-o-qual-os-teologos-nao-concordam>> Acesso em: 23 set. 2024.

“Resolução n.11, de 18 dez. 2014”. In: *Diário Oficial da União. Brasília*, 12/13/2015, n.48, seção 1, p.2 [Disponível em www.lex.com.br].

RIBEIRO, Nilo. *Ética teológico-cristã da sexualidade.* In: DE MORI, Geraldo et al. (Orgs.). *Theologica Latinoamericana: enciclopédia digital.* Belo Horizonte, [2019]. Disponível em: <http://teologicalatinoamericana.com/?p=158>. Acesso em: 14 set. 2022.

SBARDELOTTO, Moisés. (2018). *Da religião à reconexão: novos modos de ser e fazer religiosos em tempos de midiatização digital.* PAULUS: Revista De Comunicação Da FAPCOM, 2(4), pág. 71–84. <https://doi.org/10.31657/rcp.v2i4.68>

- SBARDELOTTO, Moisés. *Comunicar a fé: por quê? para quê? com quem?* Petrópolis: Vozes, 2020.
- SERRA, Cris. *Vimos pra comungar: Os grupos católicos LGBT brasileiros e suas estratégias de permanência na Igreja*. Rio de Janeiro, RJ: Metanoia, 2019.
- SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. *Educação e realidade*, v. 16, n. 2 (5-22), jul/dez 1990. Disponível em: seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667
- TRANSFERETTI, José Antônio. *Deus, por onde andas?* Campinas, SP: Editora Alínea, 1999.
- VALLE, Edênio. *A Igreja católica ante a homossexualidade: contextualizações e indicações pastorais*. *Vida Pastoral*, ano 55, n.297, p. 9-28. 2014.
- VARONE, François. *Esse Deus que dizem amar o sofrimento*. Aparecida, SP. Editora Santuário, 2001.
- XVI ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS. *Instrumentum Laboris: primeira sessão*. Out. 2023. Disponível em: https://www.synod.va/content/dam/synod/common/phases/universal-stage/il/POR_INSTRUMENTUM-LABORIS.pdf. Acesso em: 04 dez. 2023.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 1 – Térreo
Porto Alegre – RS – Brasil
Fone: (51) 3320-3513
E-mail: propesq@pucrs.br
Site: www.pucrs.br